

Antonio Maria



ANNO BOM



Quatro alentados gallegos,
Em pesada padiola,
Lá vão levando em charola
Uns tarecos rebentados,
Corre o tempo das mudanças
Que é tempo de calafrios,
Paz na terra aos senhorios,
Mais aos gallegos, coitados.

Um velho esqualido e triste
Caminha atrás da mobília,
Leva consigo a família,
Mal se podendo arrastar,
Sómem-se ao longe na estrada,
De nuvens entre refegos,
Ouvem-se ao longe os gallegos
Um, dois! Um dois! a clamar.

Ao voltar uma azinhaga,
Vem aos pulos um garoto,
Cara de biltre e maroto,
Fumando branco cigarro,
Dá no velho uma chulipa,
Aos gallegos faz toirada
E vem seguindo na estrada
Sobre a trazeira de um carro.

Este velho taciturno,
Mais a mulher e os pequenos,
E' nada mais nada menos,
Que o velho noventa e quatro,
Lá vae puchando co'a troixa,
Como um refeco, um maldito,
Por isso eu digo e repito
Que esta vida é um theatro.

O garoto atravessado
Que tem bicho carpinteiro
E' o maroto, o bregeiro,
O novo noventa e cinco;
O velho foi posto fóra
Com toda a caranguejola
E deram ao rapazola
Do tempo a chave do trinco.

Mal sabe agora o fedelho,
Que hoje é verde e não maduro,
Que ha de um dia, no futuro,
Não poder mecher um membro
E hão de mandar-lhe p'ra casa,
Quando já velho e canejo,
O mandado de despejo
Em trinta e um de dezembro.



Esculapio

Variações

Forçoso é confessal-o, posto que seja algum tanto escabroso ter de o dizer, sem offender os castos ouvidos dos leitores do *Antonio Maria*. . . Mas contra factos não ha disfarces, e a verdade cruel e crua, é que a pobre, lá foi. . . mais uma vez. . . violada!

E tantas o tem sido, e por tão diversos, que até já se perden a conta—a conta dos attentados e a conta dos seductores! Donde podemos e devemos concluir, que violar a Carta deve ser, dentre todos os attentados ao poder, o que proporciona mais agradaveis sensações. . .

E' talvez por isto mesmo que mais protestos provoca por parte dos moralistas. . . fóra do poder;—e mais applausos merece d'aquelles que estão de cima. . .

Dizia um monarcha illustre pelo seu talento e dotes pessoaes (alludo ao rei da *Mascotte*) que o poder só lhe sabia bem, não quando d'elle usava, mas quando d'elle abusava.

A philosophia d'esse illustre monarcha, encontrou sinceros entusiastas em todos aquelles individuos que uma bella manhã acordaram n'este jardim da Europa, com o desejo impetuoso de governar os seus compatriotas.

E por mais protestos e juramentos que façam as opposições, ou estejam colligadas ou não o estejam, o certo é que os governantes portuguezes o que mais apreciam é governar fóra da legalidade, em pleno arbitrio, em plena dictadura, fazendo simplesmente o que por acaso lhes suba á cabeça. Se por acaso na cabeça lhes sobe á cabeça—o paiz que se governe! . . .

De resto um governo governar dentro da Lei, seria d'um platonismo muito apreciavel, mas que, nem o proprio e divino Platão lh'o agradecería e muito menos os portuguezes.

E a prova ahi está na violação do art. 18.º do chamado «Código fundamental da nação portugueza» que determina que a abertura das camaras se realice todos os annos no dia 2 de janeiro.

Ora o governo, em vez de abrir S. Bento, como determina a Carta, conserva-o fechado. N'outro qualquer paiz constitucional, este facto o menos que poderia provocar seria uma pequenina guerra civil. Por muito menos tem havido barricadas em Paris.

Entre nós dá-se com as portas na cara de illustres cavalheiros que se intitulam «legítimos representantes do povo»—e o Povo vinga o ultrage feito aos seus representantes, continuando comendo, bebendo, digerindo e roncando.

O *Diario de Noticias*, com aquella suavidade de mancinhas que lhe é peculiar e que fazem d'elle o órgão mais aveludado da publicá opinião, encarregou-se ha dias de explicar aos seus leitores, por um processo assaz arithmetico, a razão d'esta medonha anomalia, d'esse terrivel symptoma de decadencia politica d'um povo, que cruza os braços, e não corre a vingar a honra dos seus representantes em côrtes.

Segundo os calculos do *Diario de Noticias*, a nossa camara compõe-se de 170 legítimos representantes do povo, dos quaes 78 são funcionarios publicos e 29 officiaes de terra e do mar;—o que representa um total de 107 individuos, que em França, para não irmos mais longe, não podiam ser eleitos, em consequencia de ser incompativel a sua posição official com o lugar de deputado.

Se juntarmos a estes 107 illegítimos representantes do povo portuguez, mais 11 deputados que o *Diario de Noticias* declara *sem profissão*, encontramos um total de 118 amaveis cavalheiros que muito dignamente representam a burocracia, o militarismo e a ociosidade, mas que de modo algum representam a expressão da vontade nacional.

Restam-nos pois 52 *legítimos* representantes. Mas serão ainda estes d'uma *legitimidade* inconcussa e incontestada?... Haverá alguém que a serio o afirm-me?...

Não ha! Porque d'esses 52 deputados, ha pelo menos 40 que os eleitores nunca viram e principalmente nunca ouviram; que foram eleitos por obra e graça do ministerio do reino e da Arcada, com todas as falcatruas e veniagás eleitoraes de que a nossa politica tem o segredo e a especialidade!

Nestas circunstancias, o bom do Zé Povinho tanto se importa que o parlamento esteja aberto, como esteja fechado. Como querem que elle venha para o meio da rua arriscar a pelle pela independencia e integridade d'uma assembléa que se diz popular, quando as suas maiorias são compostas de funcionarios publicos, de militares, de individuos sem profissão e de outros eleitos á força de pressões e corrupções governamentais?...

N'este mundo os homens só costumam arriscar a pelle pela honra, pela liberdade, pela dama, pela patria ou pelos negocios.

Violado o art. 18.º da Carta, encerrado S. Bento por mera conveniencia do executivo,—o cidadão elector apalpa-se, examina-se ao espelho, e acaba por se convencer de que a honra está intacta, a liberdade é a mesma, a patria incolume, a mulher ninguem lh'a furtou, e os negocios continuam antes assim que peor.

Emquanto n'este jardim da Europa, n'este laranjal em flor sempre odorante, o parlamentarismo fór a comedia e a burla que todos nós sabemos, não passem nem vociferem contra a indiferença de Zé Povinho. A sua indiferença é muito mais eloquente que todos os discursos dos comieios, e que todos os artigos inflamados das gazetas.

Podem os paladinos da colligação liberal continuar, feros, aguerridos e hallucinados, atacando os inofensivos moinhos, julgando serem os reductos do mais audacioso absolutismo.

Mas Zé Povinho, que tem de amanho a terra que lhe ha de dar o pão e o vinho indispensavel á vida, esse, vê as cousas pelo prisma da dura realidade, e encolhe os hombros deante de tamanho alarido bellico.

Teus razão, bom Zé! Emquanto a camara não fór a expressão da tua vontade, emquanto não fór composta dos teus legítimos representantes—continua cavando nas tuas batatas!

Esse parlamentarismo que para ahi vegeta, postuloso e gangrenado, já não supporta operação:—ha de cahir de pôdrel!

Deixa-o pois apodrecer completamente. E depois trata de fazer obra nova—com gente nova.

Até lá, meu caro Zé Povinho, o melhor que tens a fazer—é continuares cavando nas tuas batatas!...

QUIDAM.



Matta, o rei dos cosinheiros
Deu ha dias um jantar,
Dado, p'ra solemnizar
Grande somma de janeiros.
Que outro dê e vá fazel-o,
Maneje tachos e abanos,
E que eu tambem vá comel-o
D'aqui a vinte ou trinta annos!

Esculapio

O MEU RETRATO

Ao senhor Manuel Gustavo,
Filho do grande Bordallo,
Eu quizera dar um bravo
Por tantas obras de estalo.
A fazer caricaturas,
Com o devido respeito,
São as duas creaturas
A quem encontro mais geito.



Não gostei porém da troça
Que fez da minha pessoa
E vou ferrar-lhe uma coça
De pasmar toda Lisboa.
Que me pintou tão horrendo,
Com uma cara de cão,
Que eu fiquei, ao ver, tremendo
Da mais viva indignação.

Se, ao pintar-me, teve em vistas
Matar a necessidade,
Fazer mão baixa ás conquistas
Que eu faço n'esta cidade,
Enganou-se com certeza,
Que eu mato-o seja onde fôr,
Que sempre fui, com franqueza,
Mais bonito que o senhor!

Esculapio



NO HAY!...

Tudo anda pelos cabellos
No continente e nas ilhas,
Nos golphos, nos cabedellós,
Ninguem encontra estampilhas,
Ha grande falta de sellos.

Se alguém tiver certo empenho
De qualquer coisa sellar,
Tem de ter fogoso engenho,
Porque onde os póde ir comprar
Todos respondem:—Não tenho!

De Belem a Santa Martha,
De Alfama a Traz dos Quarteis,
A gente em buscar se farta
Um sello de cinco réis
Para sellar uma carta.

Já me disse um figurão
E eu quasi acredito em tal,
Sou da sua opinião,
Que sellos de Portugal
Só se vendem no Japão.

Esculapio.



A eterna pantomima

PIERROT... TRAMADO



E AGORA?!..

O FUNGÁGÁ RECALCITRANTE



—«Oh santinhos! Já sei essa música de cór e saltada! Vão tocar a outra porta! Talvez no Terreiro do Paço lhes dêem alguma cousa!... Eu é que já dei o que tinha a dar... Deus Nosso Senhor os favoreça!...»



O Grandella da rua do Oiro, além de ser o homem das arabias, é um philantropo de coração que se não esquece dos pobres e humildes, quando as flanelas e os algodões lhe dão uma percentagem razoavel. D'aqui lhe enviamos os nossos agradecimentos, desejando lhe mais contos do que dias teem os mezes do *kalendario de Santa Iria*.

A SORTE GRANDE



Lembramos aos leitores do *Antonio Maria*, aquelles que desejem fazer fortuna rapida, sem grande trabalho e sem grande risco, a conveniencia de frequentarem a antiga casa do cambista Manças, na rua do Amparo, 49, hoje pertencente a Guilherme Nicolau A. Esteves. Esta loja parece que tem Mascotte por detraz do balcão. Cautella que vende é cautella premiada. Desde que o nosso amigo Guilherme tomou conta do estabelecimento de Manças que era, a loja passou a ser um maná — para quem lá arrisca uma de doze ou de pinto.



Quem se quiser divertir
Por preço bom e barato,
Rir e rir e rir e rir,
Vá á revista do Rato.
Vê na revista, em revista,
Varias coisas do paiz,
Feitas por mão do Baptista
Diniz!

Esculapio

A tenir . . .

Nem um só dos progressistas
Foi ao paço
Dar, como outros estadistas,
Um abraço,
O de aquém e de além mar,
Das conquistas
Abraçar!

Foi um caso reparado,
Commentado
Nas gazetas, nos papeis
De dez réis,
Que, á recepção do fim de anno,
Não fôsse o Zé Luciano
E os fieis!

Que seria?
Pergunta o povo em surdina.
Haveria
Alguma zanga moфина
Entre o Zé e mais o rei?
Eu não sei!

Só se os ditos personagens,
Figurões,
Não quiseram,
Não tiveram
Dez tostões
P'ra pagar as carruagens!

Esculapio.



Já se diz pela cidade
Que não se arranja sem custo
Um bilhete na Trindade
P'ra o beneficio do Augusto.
Hoje, quinta e dia dez,
Vae lá o diabo a quatro
Que se enche todo o theatro
De lés a lés!

Esculapio.

FREGOLI

Rep. Colyseu



O Santos Junior do Colyseu tem um faro especial para as notabilidades e fez tenção de nos apresentar tudo quanto ha de melhor em curiosidades artisticas e estramboticas. Agora, tem no seu circo o famoso Fregoli, que, por si só, representa uma companhia dramatica das melhores organisadas, com artistas de verdadeiro merecimento. E' um nunca acabar de gente para o Colyseu e um nunca acabar de applausos para o extraordinario comediante.

CORREIO DAS CALDAS

O ANJO DO EXTERMINIO

«O director do Hospital Real das Caldas da Rainha consultou o governo se a arborisação do «platano» é prejudicial á saúde publica.»

(Seculo de 5 de Janeiro)



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

--«Raios das arvores não fazem senão crescer... crescer!... Mas eu não quero n'esta terra nada que me faça sombra!...»

O sonho d'uma noite de inverno



Era noite... noite fria... noite escura e tormentosa. Oh!... como era fria e tormentosa aquella noite!... O nosso amigo Marçal Pacheco sentia-se immensamente Fuschini. Pedia-lhe o corpo manifesto. Mas o somno invade-o... E pouco depois, apparece-lhe em sonhos um vulto agigantado, que lhe grita:— «Eu sou o teu velho e empobrecido Paiz!...» O que o Paiz lhe disse, em resposta aos ultimos manifestos, acaba Marçal Pacheco de publicar em folheto. São 30 paginas de verdades pungentes, escriptas com a sobriedade e a clareza d'um fino e profundo critico, dando á lingua com excepcional brilhantismo, e conhecendo a fundo as chagas, muzellas e mais cancores que nos corroem, nos empobrecem e nos aviltam. Bravo, sr. Marçal!...

Variações

Do julgamento Castilho, que foi o principal acontecimento da ultima semana, o que se pôde concluir, sem fazer grande esforço de imaginação, é que emquanto a Justiça teve suspensa a sua espada sobre a cabeça de pessoas que cumpriram nobremente e até heroicamente o seu dever—os auctores de varios erros, de varias faltas e de varias proezas, o mais que viram suspensas sobre as suas cabeças (d'alhos) foram algumas condecorações e novas commissões rendosas,—que é como os governos d'este abençoado torão costumam dispensar os serviços dos mais desatradados ou dos mais inuteis dos seus subordinados.

Parece que em virtude do que veio a saber-se no decurso do tal julgamento, e do que se passou no Rio da Prata por occasião da evasão dos revoltosos brazileiros e do fretamento do Pedro II—não haverá outro remedio senão investigar judicialmente ácerca do que os illustres diplomatas Faria pae e Faria filho fizeram, a bem dos interesses do Estado...

O caso, porém, não nos causa a menor estranheza. De ha muito que haviamos adquirido a convicção de que, a primeira vez que esses illustres diplomatas, no exercicio das suas funções, fossem obrigados a ter uma ideia e a tomar uma resolução, haviam de praticar asneiras em numero superior ao que geralmente é permitido... mesmo em Portugal!

E a razão é simples. As diplomacias de papá Faria, durante os largos annos que este diplomata campeou pelas alturas dos Campos Elyseos, limitaram-se a varias negociações com o Louvre e o Bon Marché, e com uma ou outra modista de vestidos ou de espartilhos da Rue de la Paix.

Não era talvez em Paris um vulgar agente diplomatico e consular dos governos do seu paiz,—mas era um optimo agente de modas e confeccões, para uso das esposas, das filhas, das primas e das tias dos presidentes de conselho e mais ministros que tem sido a gloria e a fortuna d'estes reinos.

E era um agente activissimo e intelligentissimo! A esposa de qualquer presidente do conselho precisava d'um espartilho ultima novidade; as filhas de qualquer ministro dos estrangeiros queriam de Paris alguns pares de meias de seda ou alguns frascos de Lubin; o proprio ministro precisava de piugas de fio d'Escocia, ou o ministro da fazenda necessitava d'algumas camisas de dormir... Immediatamente o nosso agente de modas se punha em campo, e com o talento diplomatico que Deus lhe deu, lá ia desencantar nos armazens de Paris as melhores piugas, os melhores perfumes, ou os melhores espartilhos, que expedia em grande velocidade para Lisboa... E no *Diario do Governo* appareciam, de quando em quando, as inevitaveis portarias, louvando o zêlo, a intelligencia, a actividade de tão util quão prestante funcionario.

Um dia—dia fatal!—um ministro dos estrangeiros que não carecia de piugas novas e cuja esposa tambem não precisava de espartilhos, teve o mau gosto de transferir para Bristol papá Faria. Foi então que se viu quanto o agente de modas e confeccões era superior ao agente consular e diplomatico!

N'esse momento, teria sido mais habil e mais prudente nomeal-o enviado extraordinario de Portugal junto das grandes modistas e dos grandes armazens parisienses. As côrtes portuguezas, que votam tudo quanto os governos lhes ordenam, teriam votado a creação d'este novo lugar, com a condição do respectivo titular tambem se encarregar de satisfazer as necessidades de *toilette* das esposas dos legitimos representantes do povo.

Pois não senhor! Bombardeiam-o encarregado de negocios em Buenos-Ayres—como se por acaso as modas femininas tivessem deixado Paris, e transferido a sua sede para os pampas da America.

De repente, surge um conflicto grave. Pela primeira vez, na sua longa carreira diplomatica e consular, papá Faria coadjuvado por Faria Junior, vê diante de si, tremendo e implacavel, um problema que é preciso resolver. Pela primeira vez na sua vida, comprehende e sente que a diplomacia e o consulado se não resumem a expedir chapéus para Dona Fulana, ou a mandar pó de arroz á *la violette* para Dona Beltrana...

E encravado n'este terrivel dilemma: ou confessar a sua incapacidade ou tomar resoluções—tomou resoluções!



De tal ordem foram, que até jornaes governamentais já pedem que se faça toda a luz! Mas a culpa não é d'elle—é dos governos... Quem passou os melhores annos da sua carreira diplomatica em negociações com o Louvre e o Printemps, não nos parecee que fosse o mais apto para fretar vapores e resolver questões de direito internacional com governos estrangeiros.

Quando muito, o mais que papá Faria saberia resolver, era alguma pendencia entre o Estado e os armazens Grandella. Entre dois governos—é que nunca!

Por entre a chuva de decretos dictatoriaes que ha dias o *Diario do Governo* entornou sobre a patria, um ha exclusivamente destinado a acarretar-nos as troças, as imprecações e as injurias de todos os estrangeiros que caíam na asneira de pôr pé em territorio portuguez. Refiro-me ao decreto relativo aos passaportes.

De tempos a tempos, lembram-se os sabios da terra de que Portugal é um paiz situado no extremo occidente europeu; e que Lisboa, sendo um bom porto de mar, está geographicamente indicado para ser o ponto *terminus* da Europa, para todas as communicações com a America do Sul e a Africa occidental!

O portuguez esperto percebe que uma tal situação, bem aproveitada, seria para nós uma mina mais lucrativa que todas as minas do Brazil, no tempo do sr. rei D. João V, de marmeladesca memoria. E o que faz o portuguez esperto?...

Manda construir á entrada do Tejo esse espartilho do viajante que chega da America, mais conhecido pelo nome de Lazareto; para os navios que chegam de longas viagens não tem uma docka; e quando entra na alfandega, o viajante é sempre tratado como qualquer contrabandista de profissão.

E' assim que a Rainha do Oceano recebe o estrangeiro! O viajante que se atreve a entrar o Tejo, é considerado pelo governo como um individuo que vem expressamente a Portugal, com o fim d'aqui introduzir clandestinamente a febre amarella, e uma duzia de

charutos. Foi para isto que elle gastou 20, 30 ou 40 libras na sua viagem de Buenos-Ayres ou do Rio até Lisboa:—para nós matar, ou nos vender doze havanos passados aos direitos!

Em Vigo, em Bordéus, em Southampton e em Liverpool, o hespanhol, o francez e o inglez, que são sujeitos inquestionavelmente menos espertos que o portuguez, deixam desembarear livremente o viajante, sem se importarem, nem com a febre amarella, nem com os doze charutos. E é assim que, milhares e milhares de libras que annualmente podiam ficar em Lisboa, vão pa a Hespanha, para França e para Inglaterra.

Só nos faltava, para maior commodidade e socego do estrangeiro que nos visita, o vexame do passaporte. Temol-o agora.

Nunca, em nenhum dos varios paizes que temos percorrido, nenhuma auctoridade se lembrou de nos pedir passaporte. Nem mesmo quando era mais activa a vigilancia policial em Inglaterra, na Belgica e ainda ha pouco em França, por causa dos anarchistas.

Pois o estrangeiro que caia na azeira de vir a Lisboa no *sud-express*, despedir-se d'algum amigo ou parente que parte para uma longa viagem para Africa ou para a America, ou que volta á Europa depois de largos annos d'ausencia—não póde sahir de Portugal e voltar para o seu paiz, sem ir munido de passaporte, aliás é autoso, processado e tratado na fronteira como um vulgar criminoso, que foge á policia, deixando atraz de si algum cofre arrombado ou algum cadaver em postas!

O estrangeiro que praticar a imprudencia de atravessar a fronteira portugueza, já sabe o que o espera: ter de esportular 43500 réis para o thesouro.

Isto é para quem quizer! Quem não quizer ou não tiver uma libra, fique-se a morder de raiva por essa Andaluzia, por essa Nice, por essa Italia, por esses Parizes—que em Portugal é que não põe os pés. E se os srs. estrangeiros se fazem finos e nos censuram, fechamos os portos e mandamos levantar uma nova muralha da China, ao longo da fronteira.

Nem precisamos que os estrangeiros cá venham, nem os portuguezes teem necessidade de sahir do seu paiz.

Assim é que é. São ordens! E' aguentar—e cura alegre.

E viva a liberdade!...

QUIDAM.

UM SONHO

Como espectro magro e secco,
Vejo em frente do nariz
O grande Marçal Pacheco
A escarpellar o paiz.

Em repassados anceios,
Com imprecações malditas,
Faz-lhe dizer nomes feios
E coisas muito esquisitas.

O paiz, que a cara esconde,
Dizendo taes crueldades,
Ao grande Marçal responde
Em prosa das *Novidades*.

E exclama em tetrica nota,
Desesperado e sentido:
—Padeira de Aljubarrota,
Em que mãos ando mettido!

Esculapio.



O temporal

Correm aguas pela rua,
Qual corre a vaga no Tejo
E no alto mar desagúa,
A cidade é como um brejo,
Vae-se a lymphatica lua.

O ribombar do trovão,
A chuva entrando nos ossos,
A medonha escuridão,
Os pingos como tremoços,
Caindo aos centos no chão.

Dão-nos cabo da farpella,
Amachucam os chapheus,
E' rija e grossa a prócella,
Rebenta o furor dos ceus
Os caixilhos da janella.

No mar, os leves barquinhos,
Bateis ligeiros, veloses,
Entre aquelles remoinhos,
Parecem cascas de noses
Partidas aos bocadinhos.

Rija e forte, a ventania
Dá cabo das chaminés,
Por entre as saias enfia,
Dá-nos soccos, pontapés,
Aos ouvidos assobia.



Tão enormes enchurradas,
Raios, coriscos tamanhos,
Agua da chuva ás canadas,
Parecem tinas de banhos
Becos, ruas e calçadas.

E' medonho o lamaçal,
O frio troça da luva,
Borrascoso e sideral,
Anda a gente a pedir chuva
Com tamanho temporal.

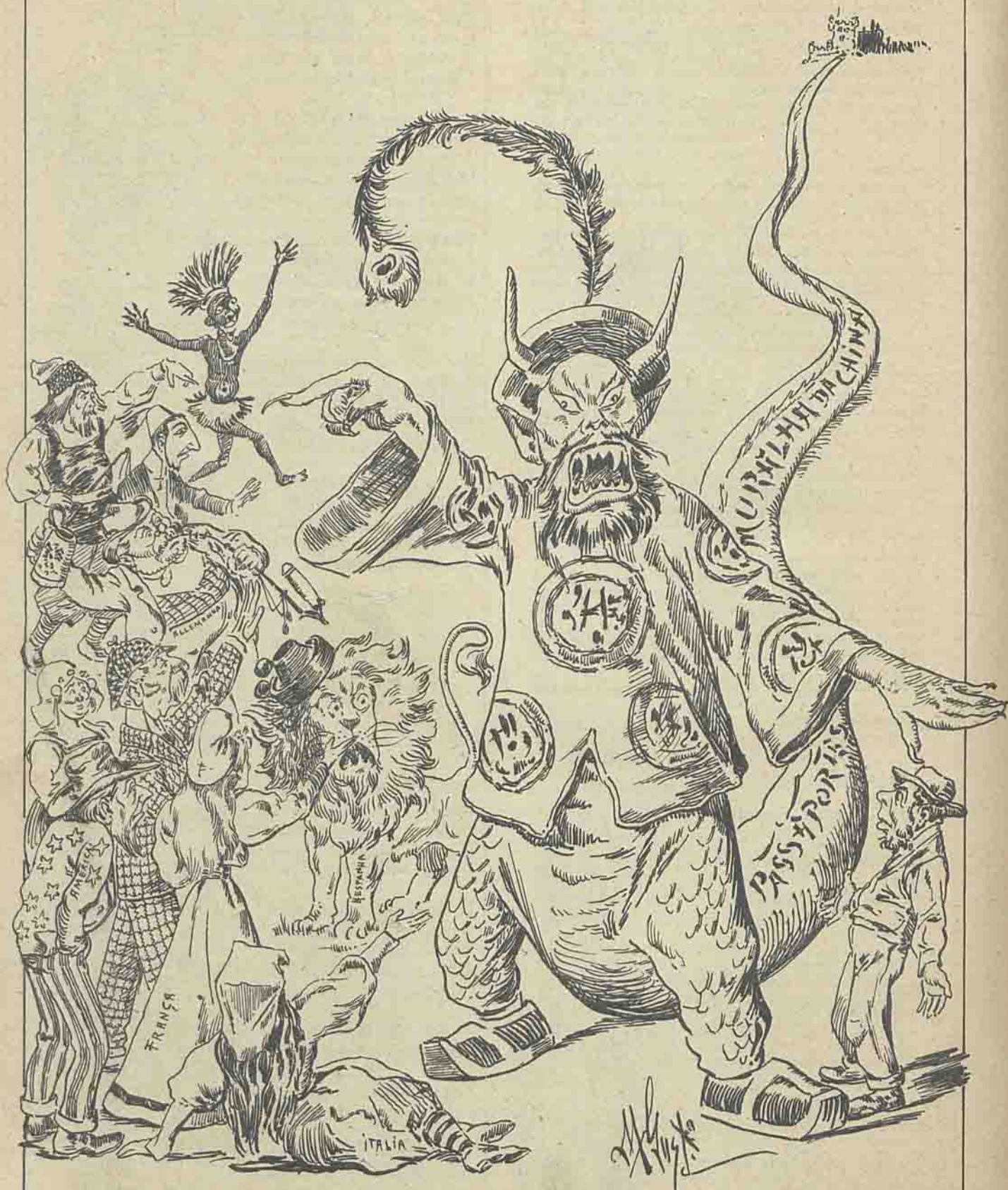
No entretanto, a nau do estado
Segue veloz e ligeira,
Dá-lhe o vento no costado,
Encaminha-se, veleira,
Sem um remo destroçado.

Sem receio, corre o mundo,
Cassados os pannos rôtos,
Entre o tufão furibundo.
—Com tão praticos pilotos,
Não ha meio de ir ao fundo!

Esculapio



RUA!...



O phantasma do passaporte, collocado na fronteira, é uma outra muralha da China para afugentar estrangeiros. Elles já cá vinham difficilmente por falta de commodidades. Agora lançados ás garras da policia e dos fiseaes dos caminhos de ferro, nunca mais cá põem os pés. D'esta vez é que ficamos sendo—a China do occidente!...

NOVO MINISTRO

Deposto o manto de arminhos,
Lá vae o Neves Ferreira,
Deixando o solio, a cadeira,
Pés de burros apanhar.
Serio e grave, o ministerio
N'um concilio reuniu
E, em tres horas, decidiu
Da marinha pô-lo a andar!

Lá vae elle cabisbaixo,
Com nariz de meio metro,
Deixando ás moscas o sceptro,
O throno, a pasta adorada.
Coitado do pobre Neves
Corrido qual sacripanta,
Nas mucosas da garganta,
Leva a pasta atravessada.

Lá vem o novo Ferreira,
Com seu fardalhão doirado,
Como elle vem todo inchado
Entrar na governação,
Gerir as coisas do Tejo,
As esquadras, as flotilhas,
Estaleiros de Cacilhas
E mexilhões do Pimpão!

A chusma dos pretendentes
Grita, empurra, geme e brada,
Ninguem se meche na arcada,
Cumprimentando o Senhor,
Já pintada a taboleta,
Em letra negra e fininha:
«Ministerio da marinha
De Ferreira, successor.»

D'aqui saúdo o ministro
A quem devo obediencia,
Como está vossa excellencia,
Rei do mar e dos mariscos?
Praza aos céos que não assista
Ao desmanchar d'esta feira,
«Alto aqui, olha o Ferreira,
Com bons vinhos e petiscos.»

Esculapio

**PARA O PODER
DE
BRAÇO
DE
DEUS.**



COINCIDENCIAS





Os orphãos de calecut

Depois de ter conquistado ruidosos applausos no theatro, com os seus soberbos dramas em verso, Lopes de Mendonça resolveu abordar o drama historico, do genero dos que se escreviam nos bons tempos do pae Dumas.

Marinheiro como Pierre Loti, Lopes de Mendonça foi buscar o assumpto para o seu livro á gloriosa época das descobertas e das conquistas, a mais bella da nossa historia.

A acção dos *Orphãos de Calecut* passa-se no Extremo-Oriente e os personagens são contemporaneos de Affonso d'Albuquerque. Sob a penna do inspirado artista, surge aos olhos do leitor uma velha India, cheia de pittoresco e de imprevisto, descripta n'um estylo d'uma sobriedade e d'um colorido pouco vulgares. As situações dramaticas são tratadas com o vigor com que o pode fazer quem escreveu essa primorosa obra de theatro que se chama o *Duque do Vizeu*.

Se não tivesse conquistado já um nome brilhante nas letras portuguezas com os seus bellos dramas em verso, bastava esse romance para dar a Lopes de Mendonça a reputação de escriptor notavel.

Os *Orphãos de Calecut* são d'uma leitura attrahente, as situações empolgam-nos do primeiro ao ultimo capitulo: é a obra d'um bello escriptor e d'um portuguez sinceramente apaixonado pelas grandezas da sua patria.



S. CARLOS ELIXIR D'AMOR



BRAVISSIMO

CENERENTOLA.





Tal é o título d'um primoroso volume de contos devido ás pennas do Conde de Sabugosa e de Bernardo de Pindella, dois homens do mundo *doublés* de dois escriptores elegantísimos.

De *braço dado* está escripto com aquella simplicidade requintada e de bom tom, com aquella despretenção deliciosa e attrahente, que é o característico de todo o *dilletantismo* litterário. Os seus auctores não nos querem impôr, nem uma esthetica, nem um genero, nem sequer uma rhetorica. Limitam-se a registrar impressões e historias colhidas, sem *pose* e sem *morgue*, e é isso que faz o encanto particular d'esse livro que se lê d'um folego, deixando no espirito uma perfumada e serena impressão de alta cultura litteraria.



THOMAS BORRULLO PINHEIRO

BIBLIOGRAPHIA



Recebemos e agradecemos.

— O *Boletim da Moda*, que é como quem diz o jornal official, ou melhor ainda, o *Diario do Governo* dos bem conhecidos Armazens Grandella, e que vão, de dia para dia, tomando as proporções dos grandes armazens parisienses;

— O primeiro numero d'um jornal de modas de que é editor o sr. Antonio Maria Pereira, e que é superiormente dirigido pela sr.^a D. Guiomar Torrezão.

— *Do Tejo a Paris* do sr. Oscar Leal.

— *José da Silva Carvalho e o seu tempo*, documentos para a historia contemporanea, compilação annotada por Antonio Vianna.

— *Boletim da Camara de Commercio e Industria de Lisboa*.

— *Roteiro Illustrado do viajante em Coimbra*.

— *Revista d'Hoje*, 1.^o e 2.^o numeros

Foi tal a quantidade de brindes com que nos mimosearam este anno os srs. commerciantos e industriaes, e é tão pouco o espaço de que dispomos, que nos vemos forçados a um simples: obrigado, meus senhores.

Recebemos e agradecemos os seguintes kalendarios:

— Do deposito de machinas de costura Singer, Praça do Loreto 105 e 107.

— Dos srs. Verol Senior & C.^a R. Augusta 169 e 171

— Dos srs. Jeronymo Martins & Filhos, Chiado 13 15 e 19.

— Do sr. Frederico Collares, L. do Conde Barão, 13 e 17.

— Do sr. João Gomes da Costa, deposito de tabacos P. de Luiz de Camões, 42 e 43.

— Dos Grandes Armazens do Chiado.

— Um pequenino almanack da livraria Ferin, Rua nova do Almada.

— Um memorandum do sr. Baeta Dias.

BENEFICIO DE CARLOS SANTOS

Sexta feira 18 de janeiro

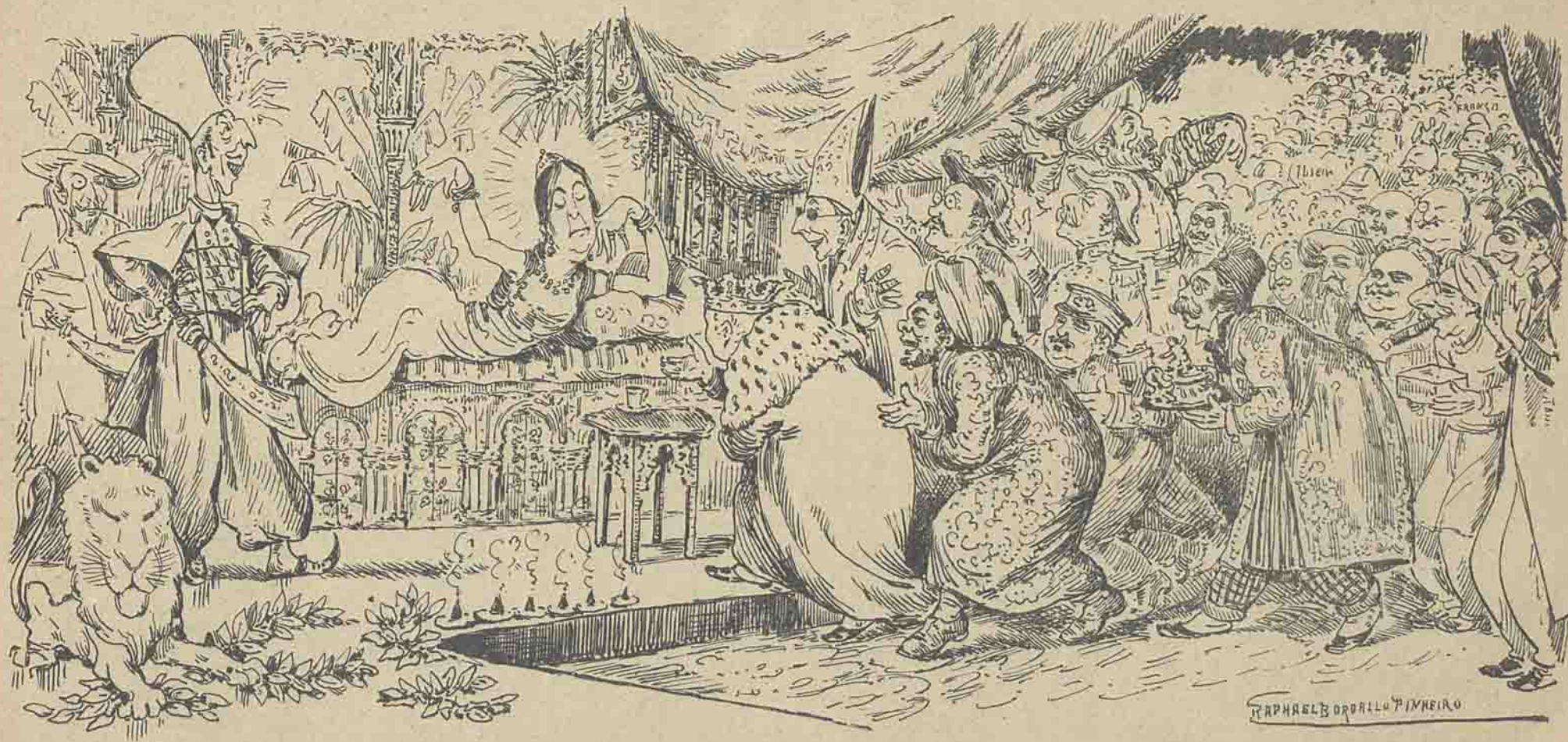
Em todos os cantos,
Na China, em Audorra,
Só falam—que vicio!
No filho do Santos,
Do Santos Pitorra,
Que fez beneficio!

Empurra-se a gente,
Christãos, judeus, moiros,
O Antonio, o Gervasio,
Foi tudo, contente,
Enchel-o de loiros
A' noite, ao Gymnasio!

Esculapio

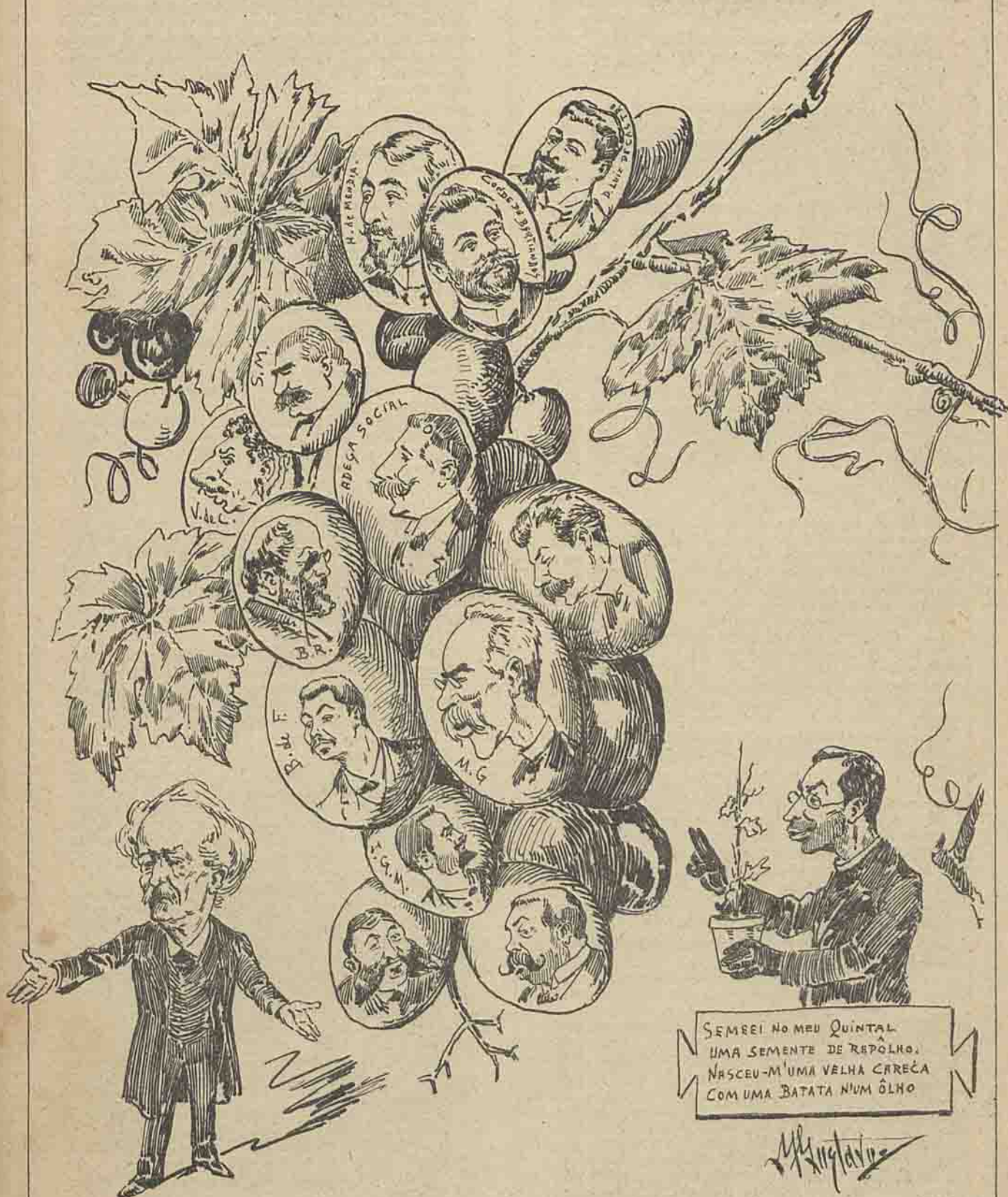


O FUTURO CAMARIM DE D. LUCINDA



Para bem representar as peças do Ibsen, do Bjornson e do Maetlerlinek, a mais suggestiva, emocionante sensacional e symbolica das nossas actrizes, acaba de alugar por cinco annos o theatro da Rua dos Condes. Lê-se no *Dia* de terça-feira ultima: «O café (do theatro) desaparece e em seu lugar erguer-se-ha o camarim de Lucinda, um camarim de luxo oriental, onde a distincta actriz receberá a sua côrte. . . —Dêmo-nos ao trabalho de consultar uma somnambula das nossas relações acerca do que será esse camarim quando D. Lucinda receber; e com o que a somnambula nos disse pudemos compôr a inclusa pagina, que offerecemos á admiração dos contemporaneos.

CONGRESSO VITICOLA



SEM REI NO MEU QUINTAL
 UMA SEMENTE DE REPÓLHO.
 NASCEU-M'UMA VELHA CUREÇA
 COM UMA BATATA NUM ÔLHO

M. Augusto

Do que foi o congresso falla mais largamente do que o nosso lapis o podia fazer, o nosso habitual chronista. Limitamo-nos a offerer um cacho dos congressistas mais generosos, entre os quaes não devemos esquecer, nem o reverendo que nos contou os milagres do seu quintalinho, nem o *gentilhomme campagnard* que mais uma vez nos deambulou com o seu espirito, a sua eloquencia e a sua sabedoria.

Variações

Na grande sala da Real Academia de Vinhos...
Perdão!... Na grande sala da Adega Real das Sciencias...

Anda não é istol!...

Emfim... Na grande sala d'uma douta e respeitabilissima companhia que ha largos annos, tendo-lhe sido confiado o trabalho da confecção d'um tira-teimas da lingua portugueza, estacou e adormeceu ao doce murmuro do verbo *Azurrar*—achou-sa ha pouco reunido um congresso viticola.

De todos os pontos do paiz onde cresce uma vide e onde, em cada anno, tanto as raposas da fabula como os simples mortaes podem vêr e desejar cachos pendentes d'alta latada,—de todos esses pontos acorreram congressistas em numero não inferior ao dos bravos do Mindello.

Pelas alturas de 1830, essa famosa praia de banhos offercia ao mundo inteiro o aspecto de milhares de portuguezes prestes a baterem-se e a morrerem pela liberdade.

Em 1895 que a questão vital é, segundo se diz por toda a parte, o vinho, de que até está dependente a autonomia da patria, segundo ouvimos em pleno congresso, ahí estiveram outros milhares de bravos compatriotas dispostos a verterem até á ultima gota de sangue pela Riparia e pela Rupestris...

Segundo se depreheende do *compte rendu* das sessões do congresso, Portugal está hoje exclusivamente na dependencia d'estas duas castas americanas. Se a Rupestris falha ou se a Riparia não resiste heroicamente ao *phylloxera*, cahimos na miseria, e depois na morte. Só o vinho nos pôde salvar!...

O fim do congresso era portanto assentar nos meios mais efficazes e nos processos mais seguros para fazer acclimar em sólo portuguez essas plantas, compatriotas de Lincoln e de Washington, e por consequencia d'uma constituição francamente republicana—attendendo a que é da America que ellas nos chegam.

Quando certo congressista dizia ha dias que da reconstituição das vinhas estava dependente a autonomia da patria,—o que esse orador certamente queria dizer, é que d'essa reconstituição está talvez dependente o equilibrio das instituições que nos regem!

E se fosse viticultor, que não sou, ou se fosse agronomo, o que tambem não tenho a honra de ser, o que eu teria apresentado ao congresso viticola, teria sido uma proposta para que immediatamente se nomeasse uma commissão tendo por fim saber—se é possível fundar esperanças em plantas, que sendo de origem republicana, á força querem que ellas vivam e se desenvolvam n'um sólo ha sete seculos monarchico, como é o sólo portuguez...

Talvez que a Real Associação de Agricultura, com receio de que a acoimassem de occultar atraz d'uma questão viticola quaesquer intuitos ou ambições politicas, não ousasse apresentar este lado do problema ao estudo e á meditação do congresso.

Mas o problema ficará sem solução, se não fôr tambem encarado sob este ponto de vista.

Em minha fé, não basta á Riparia um sólo profundo, argillo-silicioso ou argillo-calcareo; não basta á Rupestris um sólo de encosta pobre, granítico ou ebistoso... Não basta chiste á Rupestris, nem argilla á Riparia, para que estas duas castas se desenvolvam... Quanto a nós, tambem carecem d'algum adubo republicano... Se de tal não precisassem, a que ficaria reduzida a famosa theoria do meio?...

Essas plantas nasceram no solo da livre America; criaram raizes em torrão que foi, é e será sempre republicano... Como querem que ellas se dêem bem em Portugal? E a melhor prova de que a nossa theoria é verdadeira, está no facto d'essas castas americanas se darem perfeitamente em França, como se estivessem no proprio torrão natal.

Um reverendissimo congressista que no seu quintalinho, entre matinas e trindades, fez ensaios de castas americanas, tratando Rupestris e Riparia com o mesmo amor e disvelo com que qualquer costureira trata cravos e mangericos, participou ao congresso que a acclimação d'essas plantas, nos seus allegretes, lhe foi immensamente difficil. Pois o quintalinho d'um sacerdote, em virtude das determinações de Leão XIII, é hoje em dia solo neutral, onde tão bem se deve dar a Republica como a Monarchia!

O que é para sentir, é que o nosso amigo Magalhães Lima, no quintal do *Seculo*, nunca se tivesse lembrado de fazer culturas de Riparias e Rupestris. Estamos convencidos de que n'esse solo eminentemente republicano, as castas americanas deveriam desenvolver-se com excepcional vigor, não sendo para admirar que de cada cacho de Riparia o menos que se extrahisse—fosse uma pipa de vinho, com varios artigos de fundo á mistura, para lhe dar cor...

Desejando contribuir quanto em minhas forças caiba, para que, por falta de vinho, se não perca a autonomia e muito menos venhamos a cahir na mais negra miseria, vendo-nos obrigados a dessedentar-nos nas adegas do Alviella, ouso apresentar á viticultura portugueza as seguintes conclusões, cuja importancia me parece escusado encarecer:

1.ª Na impossibilidade de fazer uma revolução para offerecer ás plantas da America um sólo francamente republicano em que facilmente se acclimem, devem os lavradores, em cada cova em que plantem o bacello, além do adubo chimico respectivo, deitar um numero do *Seculo* ou da *Batalha*.

2.ª Os viveiros devem ser feitos em terras onde haja um centro republicano. São preferiveis os terrenos onde, além d'um centro, tambem haja um jornal da mesma cor politica. Para viveiro central aconselhamos Grandola, que é burgo do sr. Jacintho Nunes.

3.ª A melhor época da enxertia é a primavera. Mas querendo fazer-se no outono, convém que o seja ao som da *Marselheza*.

4.ª A cerimonia da plantação dos bacellos será sempre util que assista um tribuno da causa popular. Ha exemplo de Riparias ás quaes fallaram nos *direitos do homem* e de Rupestris ás quaes fallaram nos *immortaes principios*, que tão contentes ficaram, que traduziram logo esse contentamento, dando uvas duas vezes no anno—em março e em agosto.

E agora se explica o desenvolvimento das ideias republicanas nos ultimos annos, tanto em Portugal como em Hespanha!

Pois se o vinho que se está bebendo na península é de uva produzida por plantas vindas da America!...

A monarchia só tem que se acautellar. Está provado que meio litro do Cartaxo é mais perigoso para as instituições—do que vinte discursos do sr. Eduardo d'Abreu.

Para alguma coisa havia de servir o congresso!

* * *

Lisboa tem a honra de contar dentro dos seus muros o mais curioso exemplar de monarcha que o sol allumia. Refiro-me á augusta pessoa de Sua Magestade o rei do Congo, sr. D. Alvaro Agua Rozada, XIII do nome.

Imaginem que é um rei, um Rei authentico, de carne e osso, tão por graça de Deus como qualquer outro, e cuja lista civil não vae além de 30:000 réis por mez!

E não pensem que esses 30:000 réis com que vive D. Alvaro XIII sejam producto do suor dos congolezes. Não senhor! Essa lista civil não são os seus subditos que lh'a pagam, mas sim os subditos de Sua Magestade Fidelissima...

De sorte que nós, portuguezes, que já nos consideravamos excellentemente felizes com um rei, descobrimos agora que temos dois--o nosso e o do Congo. Com esta pequenissima differença: que enquanto a lista civil do primeiro attinge annualmente a cifra de 360:000:000 réis (o que tanto indigna os republicanos) a do segundo attinge no mesmo espaço de doze mezes a cifra de 360:000 réis.

E' uma infima questão de tres zeros, para a qual nem vale a pena lançar o olhar...

* * *

Se eu tivesse a honra de ser presidente da Sociedade de Geographia ou empresario de qualquer Colyseu, havia de empregar todos os meus esforços em decidir D. Alvaro Agua Rozada a fazer uma conferencia para que seriam convidados todos os reis da Europa, tendo por thema o seguinte:

«De como um Rei, tendo atraz de si tantos Alvaros como Affonsos tem o rei de Hespanha, pode viver com 30:000 réis, segundo d'uma comitiva de 4 pessoas, attingir a idade de 47 annos, ser respeitado dos seus subditos e apenas soffrer da bexiga.»

Uma tal conferencia seria de incalculaveis beneficios... monetarios, para as nações do velho continente.

Em voz d'essas listas civis que tanto fazem vociferar e suar os povos--os reis passariam a viver a razão de dez tostões por dia. E quando esse monarcha vive com dez tostões, um presidente de república pôde viver com cinco, e um vulgar cidadão com uma de X...



Ficava resolvida de vez a questão social. D. Alvaro XIII só tem que abrir a bocca, contar a sua vida, mostrar o livro das suas despesas reaes e palacianas, revelar enfim o seu mysterio economico--e ter-se-ha descoberto o paraizo terreal.

Da beica d'este augusto pretulhaz está hoje pendente a felicidade do mundo!...

* * *

Os altos dignitarios que acompanham e velam pela preciosissima pessoa de D. Alvaro XIII, foram hospedados, por ordem do governo, no hotel das Duas Nações, mas com a condição expressa de não gastarem mais de 1:000 réis por dia.



Achamos ridiculo, mesquinho e humilhante. Ahi estão quatro illustres estrangeiros, mettidos n'uma hospedaria enquanto não se resolver a melhor a augusta bexiga do seu senhor e amo, e impossibilitados de satisfazerem o mais modesto apetite.

Todas as seducções da velha Europa lhe são defezas:--uma terrina de *foie-gras*, uma perdiz truffada, um molho d'espargos ou uma garrafa de Champagne.

Com 1:000 réis por dia nem sequer podem tomar todas as manhãs um banho de tina, e muito menos perfumal-o com qualquer vinagre de *toilette*... E' uma vergonha! Não se recebe assim a comitiva d'um rei.

Aqui deixamos lavrado o nosso protesto, em nome da velha hospitalidade portugueza--e em nome da hygiene. E' preciso que essa comitiva se lave. Aláás o governo, para depois mandar desinfectar o hotel das Duas Nações, terá que negociar um novo emprestimo no estrangeiro.

* * *

O que mais me entenece n'esta odysseia d'um rei e da sua comitiva, é o proposito em que vem D. Alvaro, apenas a bexiga lh'o permitta, de pedir ao nosso governo que dê uma sova nos belgas, por se terem apoderado de territorios que nos pertencem.

D. Alvaro XIII tem sobre a Belgica esta encantadora illusão geographica--que deve ser um paiz ahi pelas alturas de Cacilhas, e que basta fretar um vapor do Burnay e metter-lhe dentro alguma tropa, para os belgas immediatamente nos restituirem o que nos roubaram em Africa.

Que adoravel ignorancia! Pensar que bastaria espirrar o sr. Carlos Valbom para estremeecerem a um tempo todas as chancellarias da Europa!...

Ah! D. Alvaro XIII! Quereis que vos diga sinceramente toda a minha impressão a vosso respeito?... Pois bem! Ella ahi vae!

Para mim sois mais que um Alvaro Agua Rozada... Sois para mim--um Alvaro Agua de Rosas!...

QUIDAM.

Diccionario de termos communs

(A proposito de meetings)



O imperio da legalidade...

A marcha do governo...

O equilibrio dos poderes do estado...



O supremo esforço...

As liberdades publicas...

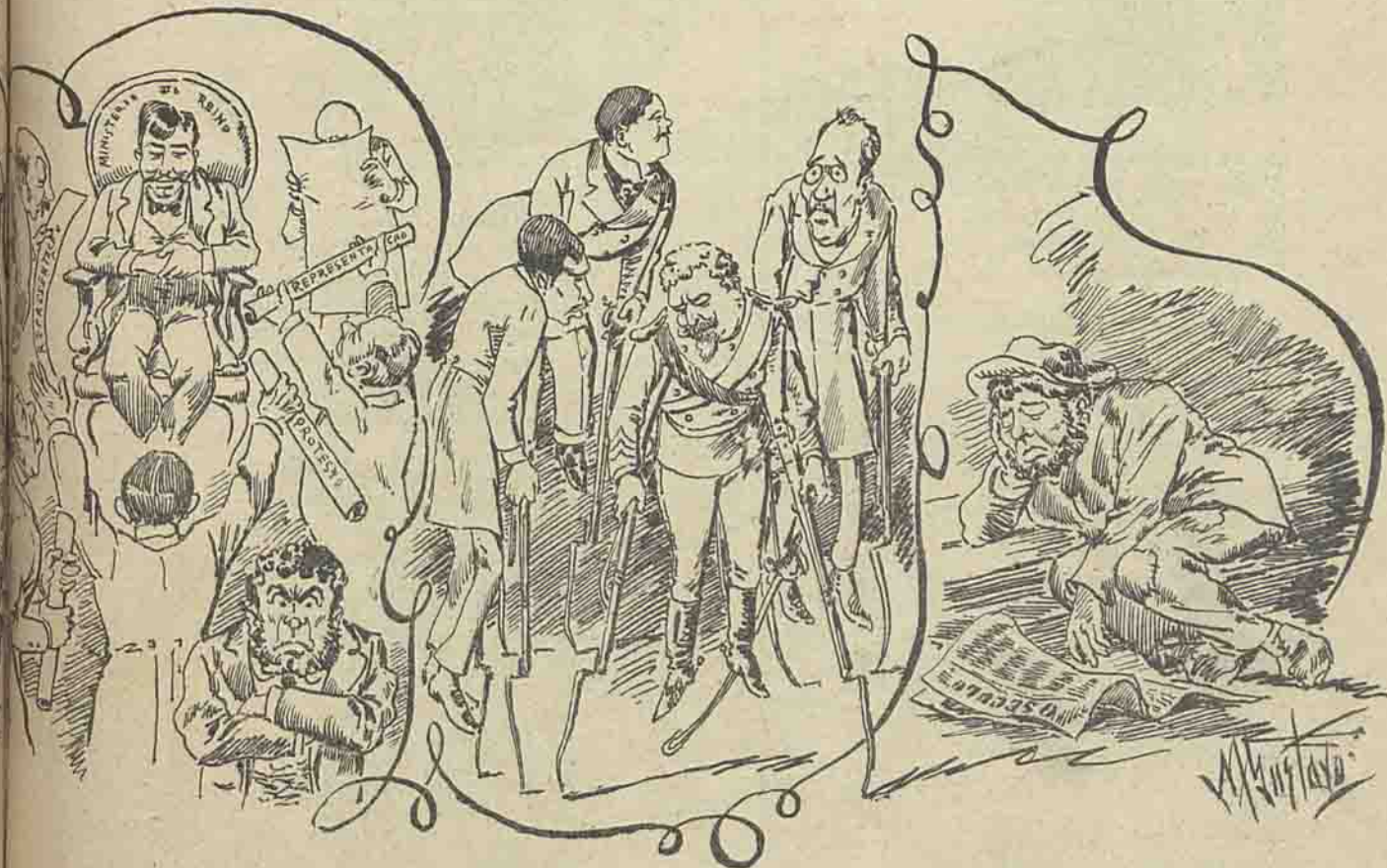
Os desatinos do poder...



Transformação radical da politica portugueza ..

O actual momento historico ..

O principio da auctoridade



A resistencia legal...

O apoio das bayonetas...

O povo não está indiferente...

CONGRESSO VITICOLA

Figurões de varia esphera,
Reunidos n'um congresso
De que o paiz muito espera,
Batalham sobre o processo
De matar o phyloxera.

A morte do tal bichinho
Tem já dado que falar,
E' animal tão damninho
Que está, sem se embebedar,
A beber-nos todo o vinho.

Tira á cepa o capillé,
Faz destroço e diabrura,
Faz mil tratos de polé,
Dá-nos cabo da *mistura*,
Dá-nos cabo do *agua-pé*.

Unidos os lavradores,
Sem parar um bocadinho,
Querem, com vivos ardores,
Resgatar a flôr do vinho
De rethorica com flôres.

Discutem sobre as saudes
Depois de um lauto jantar,
Em termos vivos e rudes,
Ali não se ouve falar
Senão em pipas e almudes.

Em coisas de carrascão,
Eu direi muita tolice,
Mas faz-me muita afflicção
Que agora não presidisse
O deus Baccho á reunião.

Se as sessões são na *Tendinha*,
Tinha o acto mais belleza,
No Fortes ou na *Ginginha*,
Pôr o Rei da Madureza
A agitar a campainha.

Depois do caso acclarado,
Feito de tudo uma lista,
Tudo sabido e falado,
Não havia um congressista
Que não ficasse tachado.

O presidente formal,
Ao terminar a sessão,
Bebia o copo final
E acabava na estação
Da guarda municipal.

Porque não é novidade
Usarem-se taes processos,
Com toda a solemnidade,
Eu conheço mil congressos
Ahi por essa cidade.

Quer de noite, quer de dia,
Sem precisar presidente,
Muita e varia confraria
Ainda em sessão permanente
No Quintão e no Vigia!

Esculapio

O tempo

A terrivel ventania
Traz-nos chuva e trovoadas,
Fica a cidade sombria,
Fica a cidade molhada.

Já parece um mar o rio,
E' negra do céu a côr,
Ha dias de immenso frio,
Dias de enorme calôr.

Chafariz parece o *quico*,
Vê-se gente em confusão,
Com botas á Frederico,
Chaile-manta e casacão.

No enxurro, por entre a lama,
Vê-se passar toda a gente,
E' tempo de estar na cama,
Que, ao menos, é parte quente.

Parece a terra um inferno,
Com tempo tão infernal,
Tem vontade o Padre Eterno
De brincar o Carnaval!

Esculapio

FACADAS

Mais um que fica sem tripas
No gume de uma navalha,
Lá vae, de branca mortalha,
Caminho da sepultura.
Um fadistão de melenas
Jaz em ferros, na policia,
Dão os jornaes a noticia
Do feito da creatura.

O alfacinha semi-morto,
Ao ter annuncio da briga,
Põe no seguro a barriga,
Immerso em negros cuidados,
Compra uma cota de malhas,
Com que cinge a magra pansa,
Para maior segurança
Dos intestinos delgados.

O Veiga ordena mil rusgas,
Mil diligencias e *enquêtes*,
Fazem caça aos canivetes
Os matulões da secreta,
São presos quatro gatunos
E logo postos na aragem
A policia a vadiagem
Na Parreirinha engaveta.

Lisboa tem esta balda
De gostar da facadinha,
Quando pega na pinguinha,
Logo pucha o facalhão,
E' que, na lei que nos rege,
Não vem, na Carta, exarado
Inviolavel e sagrado
O ventre do cidadão!

Esculapio.

AS PEÇAS NOVAS



RAFAEL BORRALHO PINHEIRO

No theatro do Gymnasio o illustre auctor da *Morgadinha* e do *Drama do Povo* deu-nos mais uma maravilha do seu talento, com a comedia *Lição cruel*.—No theatro de D. Maria *O Velho* thema é mais uma affirmação do engenho dramatico do sr. Marcelino Mesquita.—Tivemos dois originaes n'uma semana o que é a melhor resposta áquelles que duvidam das aptidões theatraes dos nossos escriptores.

CALDAS DA RAINHA

A IDADE DE PEDRA

• Aggrava-se cada vez mais o conflito entre o prior das Caldas da Rainha e o administrador das termas.

S. em.ª o ar. cardeal, visto não terem sido attendidas as suas queixas, vae exercer a sua autoridade prelatia, a fim de que as regalias do parcho sejam respeitadas. (Jornal do Commercio 6 de Fevereiro de 1895.)



Pouco me importa que o Patriarcha esteja furo! Se me chega a mostarda ao nariz, até sou capaz de fundar uma nova religião, com padres meus e igrejas minhas!...



Vou-me a S. Vicente, á Sé e ao convento de Mafra, e não deixo pedra sobre pedra!



Até sou capaz de fazer n'um frangalho a serra de Cintra!



Ternará tudo á idade de pedra, como nos tempos primitivos.



IMIT. PUNCH.

TROGLÓDITAS DAS CALDAS.

Os bilhares das Caldas serão de pedra.



RAPHAEL BORNHILLO PINHEIRO.

De pedra será a musica. Só os indigenas terão licença para serem de carne e osso. Ou eu não fosse o grão, o pá, o chá, o grão-pachá Mazalipatão!...

A JOÃO DE DEUS



Variações

Dizia um dia João de Deus a um seu amigo:

—«Com que cahiu na asneira
De fazer na quinta-feira
Vinte e seis annos! Que tólo!
Ainda se os desfizesse...
Mas fazel-os não parece
De quem tem muito miolo!»

E sempre n'este tom, simplesmente encantador, o poeta aconselhava ao amigo que fizesse outra coisa...

•Mas annos, não caia n'essa!
Olhe que a gente começa
A's vezes por brincadeira,
Mas depois se se habitua,
Já não tem vontade sua,
E fal-os, queira ou não queira!

Foi o que aconteceu a João de Deus! Habitou-se; e tanto se habitou a fazel-os, que já conta um bom par d'elles,—o que lhe proporcionou este anno o supremo gozo de se sentir «entrar-vivo na Posteridade»—que foi o que também experimentou aquelle seu irmão espiritual, que se chamou Victor Hugo, quando a mocidade franceza lhe organisou, no dia do anniversario, a famosa commemoração.

A manifestação da mocidade academica em honra de João de Deus, é deveras imponente. Mas para um vulto como o do primoroso e genial cinzelador das *Flôres do Campo* e das *Folhas soltas*, para o poeta lyrico mais extraordinario, mais assombroso, que o nono seculo produziu—parece-me ainda pouco.¹

Aonde estão os homens de letras d'este paiz?... Aonde os poetas e os prosadores?... Aonde a imprensa?...

Vejo que o cortejo é apenas composto de estudantes. E' muito, decerto,—mas não é tudo.

João de Deus foi quem, n'este seculo, trabalhou com maior delicadeza e maior virtuosidade, a lingua que fallamos—a nossa lingua!

Da sua penna o nosso idioma sae com uma limpidez e um brilho de diamante liquido. O seu verso, pela simplicidade, pelo sentimento e pela elegancia, seria o assombro do mundo inteiro—se o mundo tivesse a dita de saber portuguez... só para ler João de Deus!

Aonde estão os nossos homens de letras, que assim deixam passar esta data, sem terem previamente estudado a maneira de tornar mais imponente esta manifestação?

Aonde estão os nossos poetas, que não se lembraram de tomar parte no cortejo, indo também prestar homenagem ao grande e glorioso Mestre?...

A classe academica cumpre briosamente com o seu dever. Por acaso cumpre com o seu a classe dos escriptores, dos chamados artifices, artistas e cultores da lingua—quando não são os destruidores?!...

Não nos atrevemos a escrever a resposta que nos acode aos hicos da penna. O leitor que se dê ao trabalho de adivinhar qual ella é...

Terminada a festa em honra de João de Deus, todas as atenções se vão voltar para a proxima commemoração do centenario de Santo Antonio.

¹ Este artigo foi escripto e composto dias antes do anniversario de João de Deus. Convém dizer isto para evitar reparos mal cabidos.—Q.

Uma commissão tem reunido todos os dias, ha cerca d'um mez, para assentar definitivamente n'um programma de festejos, tendo por fim commemorar dignamente este santo da nossa predilecção, e ao mesmo attrahir forasteiros ricos a Lisboa, que nos deixem por cá alguns milhares d'aquellas *ladras* de que tão mal dissémos em 1890, e porque hoje suspiramos a cada passo e a cada esquina.

Até ao momento em que escrevemos estas linhas, o que sabemos de positivo—é que vamos ter uma estampilha antoniana com uma inovação que vae causar o assombro e até o desespero de todos os colleccionadores de estampilhas.

A Commissão resolveu que uma inscripção em latim fosse impressa no verso. A este proposito, alguns papéis visivelmente mal intencionados, teem perguntado qual a utilidade d'uma inscripção que, depois de lambida pelo portador da estampilha, nunca mais torna a ser vista...

A estas perguntas tem a Commissão respondido com um nobre, altivo e desdenhoso silencio—pois não llic sobra tempo para outra coisa além das conferencias com o sr. ministro da guerra, com o sr. ministro do reino, com o sr. ministro da marinha e com o sr. cardeal patriarcha, tendo por fim assentar nos festejos que deve haver em junho.

A Commissão ainda não teve tempo sequer, para conferenciar—com nenhum artista!...

Em toda a parte são os artistas os immediatamente chamados para apresentarem planos de festejos.

Foram os artistas chamados em Hespanha, para o centenario de Calderon e de Colombo; em França para o centenario de 89, e ainda o anno passado para as festas franco-russas; na Belgica para o cinquentario dos caminhos de ferro, para as festas de Anvers, etc. etc.

Entre nós, é o contrario. São as commissões que querem ter as ideias, para os artistas depois serem obrigados a executar-as!...

Tivessem entre nós os artistas a independencia monetaria que teem lá fóra, e queriamos ver que artistas encontraria essa Commissão antoniana para lhe executar os planos.

Que ella os executasse! Que chamasse carpinteiros, staffistas, modeladores, brochantes, etc.—e mãos á obra.

Haviam de a fazer acieiad!

QUIDAM



REVISTA DE ARCHEOLOGIA
E ARTE MODERNA.

ARTE PORTUGUEZA

SOB A PROTECCÃO
DE SUAS MAG. DES



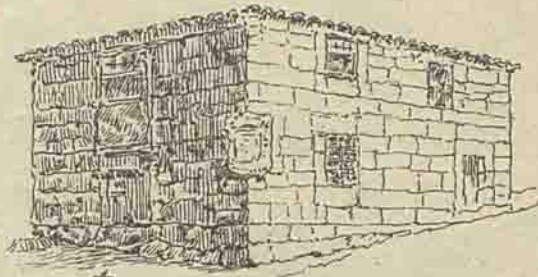
gora sob a direcção litteraria do sr. Gabriel Pereira, sob a direcção artistica do sr. E. Casanova, e sob a protecção de Suas Magestades, sahio a lume o 1.º numero d'uma revista de archeologia e arte moderna, tendo por titulo *Arte portugueza*.

A *Arte portugueza* é feita com esmero, com consciencia e com luxo, e oxalá encontre no publico portuguez o acolhimento de que é digna, e que os seus fundadores vejam coroados os seus esforços e boa vontade. Assim o esperamos, augurando-lhe um futuro de prosperidades.

Do 1.º numero que temos presente extrahimos alguns *croquis* para dar aos leitores do *Antonio Maria* uma ideia da importancia dos trabalhos que esse numero specimen contém. A publicação é mensal.



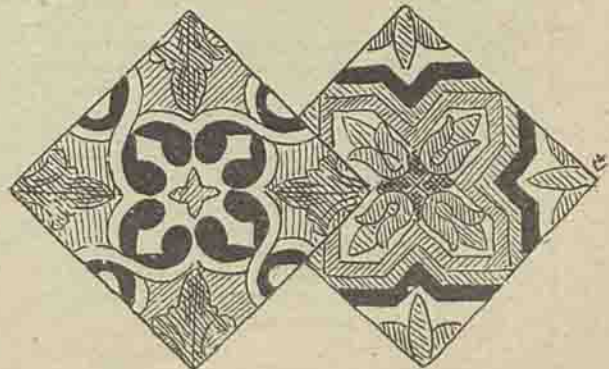
Os fundadores d'esta publicação reconhecendo que falta em Portugal «uma revista que offereça aos artistas e aos escriptores que se dedicam a estudos d'Arte, meio facil e effizaz de tornarem conhecidos os seus trabalhos, e em que pouco a pouco se vá fazendo o inventario e archivando a summula, não só das especies da nossa antiga bibliographia artistica, como



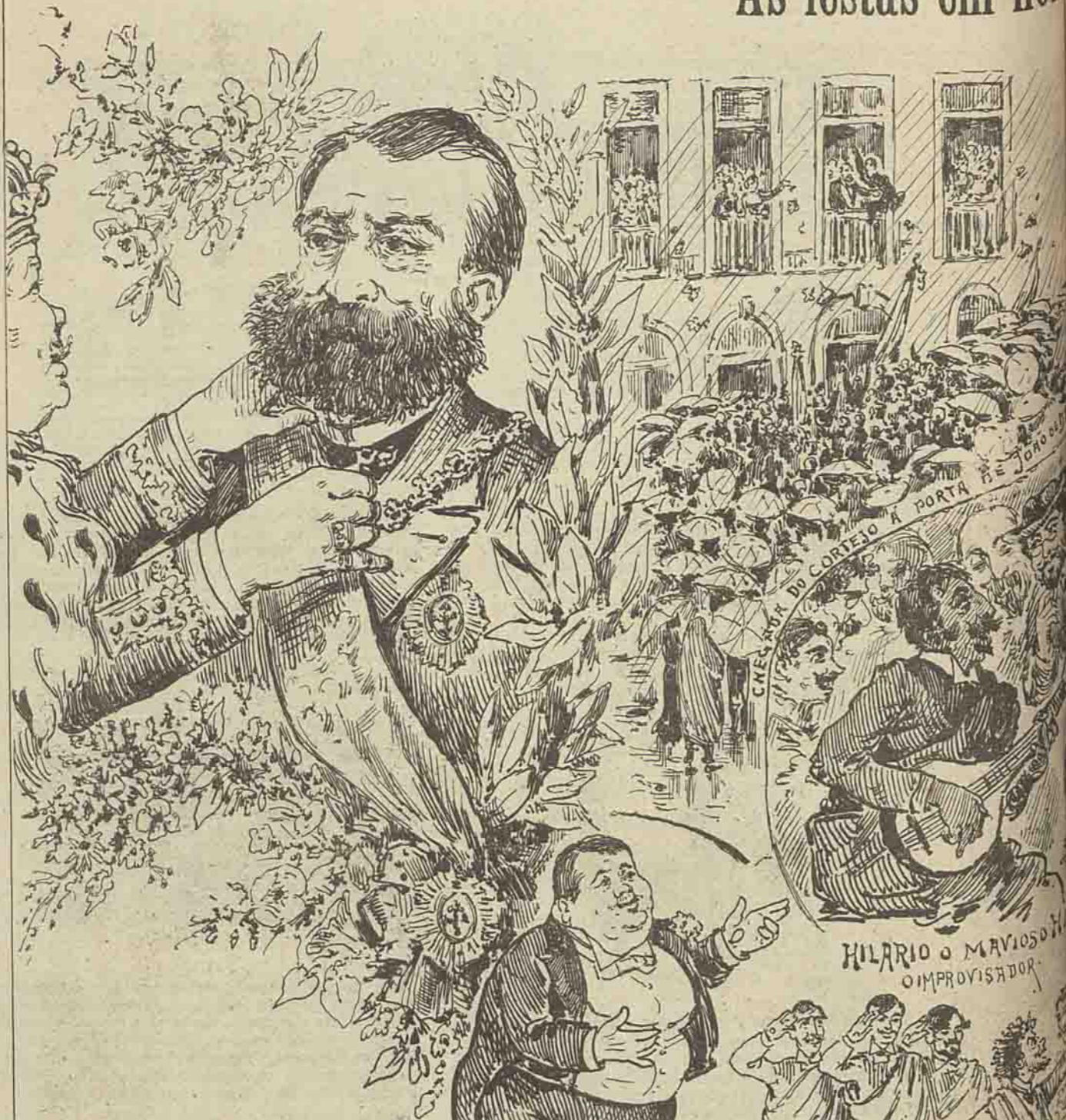
das noticias, artigos e monographias dispersos pelos jornaes politicos e pelas publicações litterarias—resolvem metter hombros a uma empreza que devemos considerar arrojada, pois não só é limitado entre nós o numero d'aquelles que podem sustentar uma publicação d'esta natureza, como tambem ainda são defficiences os meios typographicos de que se dispõe para a primorosa execucao d'uma tal tentativa.



Em todo o caso o 1.º numero da *Arte portugueza* não podia ser mais auspicioso. Por entre uma collaboração séria e pensada, encontra o curioso de coisas d'Arte excellentes *croquis* e desenhos firmados pelos srs. Vaz, Casanova e Bigaglia, assim como duas photozincogravuras, reproducção d'uma estatua do sr. Simões d'Almeida e d'um quadro do sr. Salgado.



As festas em honra de João de Deus



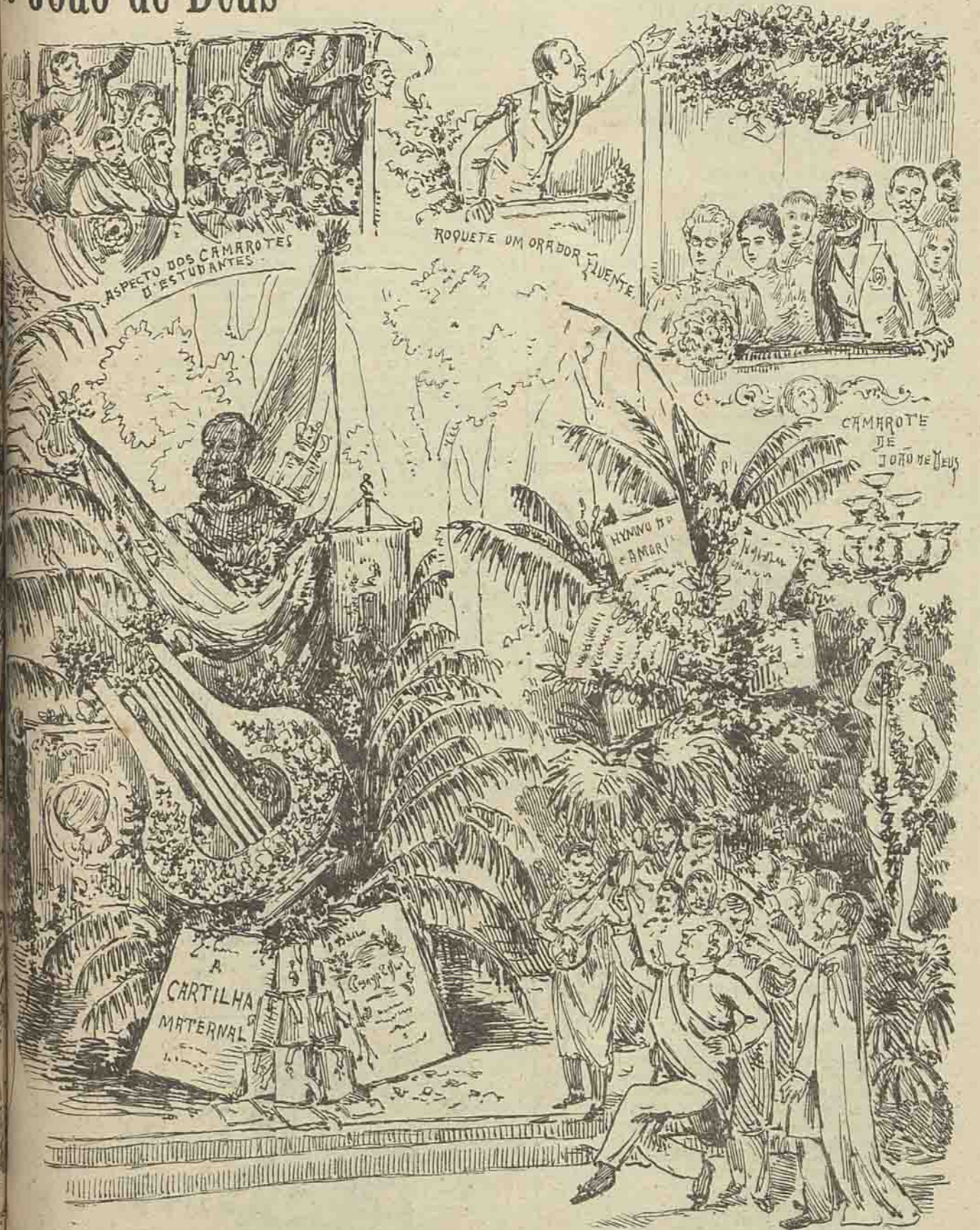
Um dos episódios mais sympathicos da extraordinaria manifestação em homenagem a João de Deus, foi a visita feita ao grande poeta por S. M. El-Rei, offertando-lhe as insignias da grã cruz de S. Thiego. E de Fernandes Costa a seguinte quadra-improvisada, allusiva ao acto do monarcha:

Veio El-Rei visitar-te, veio aqui...
Quão grata foi d'El-Rei a gentileza!
Deu brilho, ao mesmo tempo, a ti e a Si,
E a tua honra a Sua realaleza!

CHABY
GORDO SUJEITO
MAS FINO DISEUR
ALBONI DAS ESCOLAS.

OSTRES PANDIGOS
DE COIMBRA.

UMBOHEMIO LEA
NÃO FAZ SAUDES A...



ORNAMENTAÇÃO DO FUNDO DO PALCO DO THEATRO DE D. MARIA
NANOITE DO SARRA ACADEMICO - 9 DE MARÇO.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O CARNAVAL

Balôfo e semsaborão,
O Entrudo passou ha dias,
Esse antigo folião,
Deus de celebres orgias,
De troça e de mangação.

Nos trens, a rapaziada,
Em desusado alvoroço,
Fez berreiro, deu gebada,
N'uma chuva de tremoço,
De agua fetida e cançada.

Nos bailes, a turba á tóa
Dançou polkas, dançou valsas
De estafar uma pessoa,
A mascarada dos *Salsas*
Fez paamar meia Lisboa.

Nas janellas do Chiado,
Foi um motim infernal,
Muito côco amachucado,
Todo o lixo do quintal
Sobre a turba arremessado.

Danças pyrrhicas, cégadas
Percorreram a cidade,
Com cantigas malcreadas,
Com marchas, habilidades
E coisas esfarrapadas.

Houve bastos salsitrés,
N'uns sitios muito socego,
N'outros enormes banzés,
O indispensavel gallego
E os celebrados *che-chés*.

Não tinham graça os dichotes,
Poucos no Entrudo se riram,
Foi Carnaval de hottentotes,
Que todos se resentiram
De faltarem as *cocottes*.

O Sarmento foi maldito
Nos dias de Carnaval,
Houve chalaça, houve dito
Ao seu ferrenho edital
Que era imprudente e exquísito.

As *cocottes* desgraçadas,
Vomitando pós e areia,
Choravam terra, coitadas,
Nã se encontrava nem meia
N'essas ruas e calçadas.

Senhor Sarmento, a decencia
Soffren bastos piparotes,
Fique sabendo vossencia
Que, em prohibir as *cocottes*,
Mostrou a sua impotencia!

Esculapto.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

—Da livraria Pereira, rua Augusta as *Cartas Peninsulares* (edição posthuma) de J. P. Oliveira Martins, precedida d'um esboço biographico do auctor por seu irmão Guilherme de Oliveira Martins. Neste volume estão contidas as cartas que o illustre historiadore dirigio ao *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, e que foram os seus ultimos trabalhos litterarios. Oliveira Martins havia ido a Hespanha colher elementos pittorescos e historicos para o livro que se propunha escrever e que teria por titulo *Principe Perfeito*. O livro ficou em projecto e d'essa viagem só resultaram as *Cartas Peninsulares*. A obra que temos presente é a sentida e profunda homenagem d'esse irmão mais novo, pela memoria d'aquelle que em vida lhe guiou os passos, como se fora um pae. O esboço biographico de Oliveira Martins por seu irmão Guilherme é um trabalho de grande valor, para quem se propozer de futuro a fazer o estudo definitivo do grande e mallogrado escriptor, tão cedo arrebatado ás lettras e á politica do seu paiz.

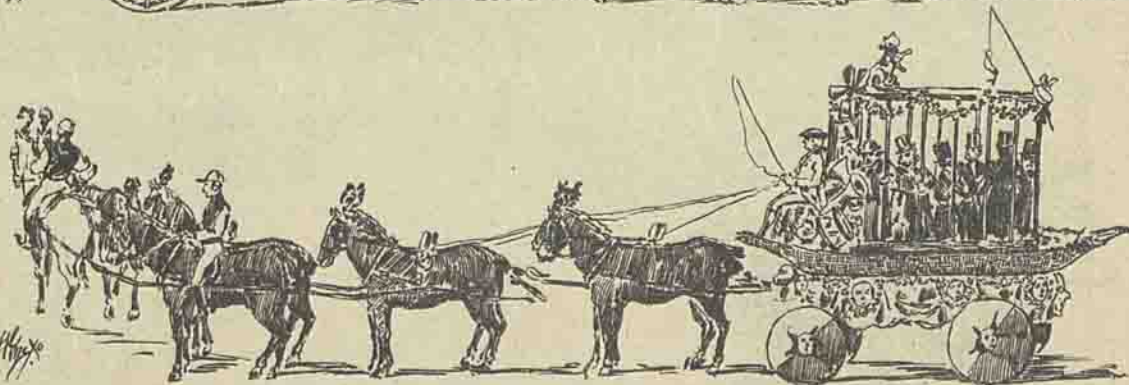
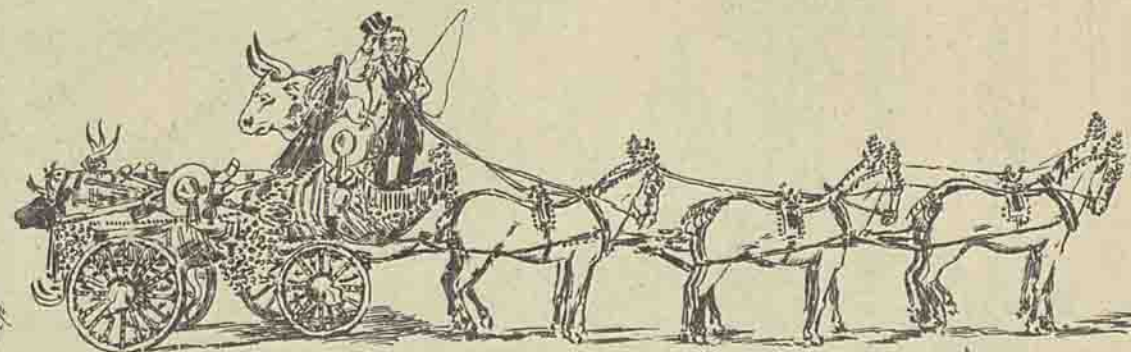
—Da mesma livraria um volume intitulado: *Viagem a um paiz de selvagens*, peio sr. Oscar Leal. É a descripção de uma larga viagem que o auctor empreendeu no interior da provincia do Amazonas. São paginas escriptas ao sabor das impressões, mas onde ha observações e notas d'um grande pittoresco, pela originalidade e por assim dizer virgindade do assumpto. No decurso da sua viagem, o auctor foi tomando alguns *croquis* que, transportados para a madeira, formam curiosas illustrações que acompanham o livro.

—Da livraria Gomes, ao Chiado, o volume *Trophées*, narrativas militares devidas á penna do primoroso escriptor sr. Bento da França. O livro é illustrado com reproducções de aguarellas do sr. Ribeiro Arthur, e das quaes damos uma interessante amostra. É um volume deveras curioso e que a estas horas deve andar nas mãos de todos os camaradas do auctor, um brilhante official do exercito portuguez.



THEATRO DA
RUAS DOS CONDES
FESTA DE
AMELIA VIEIRA
HOJE
16
ABRILHANTE REPRISE DA TOSCA
S.B.P.

O CARNAVAL DE 1895



O carnaval das ruas teve apenas como nota pittoresca e espirituosa a famosa mascarada dos *Salsa's Club*, em que se destacava o carro de João Barral, allusivo á praça do Campo Pequeno, e ornamentado por um nosso companheiro de trabalho, cujo nome a sua bem conhecida e universal modestia nos inibe de tornar publico; o carro de Antonio Praia, allusivo ao circo da Ribeira Nova, e ornamentado por Francisco Teixeira; e o carro de José d'Almeida, allusivo ao theatro de D. Maria e ornamentado por Augusto Pina. Os *Salsa's Club* mais uma vez provaram que são dos nossos rapazes os que mais alegremente e inteligentemente se sabem divertir n'esta quadra do anno, exclusivamente consagrada á loucura e á folgança. Hurrah pelos *Salsa's Club*!...



O CARNAVAL EM S. CARLOS

Parece-nos escusado explicar a série de razões, qual d'ellas mais forte e mais inabalavel que nos inhiem de engrinaldar dos mais scintillantes elogios esta pagina representativa da ornamentação do palco de S. Carlos, para o baile de terça-feira gorda. Essa ornamentação sahio inteira da phantasia do sr. Raphael Bordallo Pinheiro, artista que os leitores do *Antonio Maria* decerto conhecem. Não podemos dizer nem mais uma palavra. A commoção embarga-nos a voz—e a penna!



DIZE TU, DIREI EU



Onde irão elles parar?

Variações

Nada conheço tão enternecedor como a historia d'esse rei do Congo, D. Alvaro Agua Rosada, XIII do nome, o qual, vindo á Europa, seguido de numerosa e brilhante comitiva, para tratar da regia bexiga, na Europa esteve em riscos de ficar preso, por não ter meios sufficientes com que pagar varios fundilhos e outros arranjos d'alfayate.

Enternecedora historia e ao mesmo tempo assaz edificante, porque nos dá uma ideia da simplicidade de costumes e da bonhomia dos fornecedores, nos dominios de sua magestade congoleza!

Agua Rosada pensou de certo que os alfayates da Europa seriam tão respeitosos como os alfayates do Congo, os quaes nunca se atrevem a pedir ao monarcha a importancia das suas facturas, com receio de serem pagos em chibatadas bem sonantes, ou de verem as suas cabeças servindo de tropheus na aringa de seu senhor e amo.

Foi por isso que Agua Rosada deixou os seus aposentos do hospital de marinha, e se dirigiu naturalmente para bordo do vapor que o havia de repatriar, sem pensar sequer em pagar aos seus fornecedores. Pagar!... Mas um rei do Congo nunca tem que pagar. Só tem que receber!

Qual não foi o espanto d'este real pretalhar quando, no momento em que o vapor da carreira d'Africa ia levantar ferro, lhe apresentaram esse monstro horrendo, vulgarmente conhecido pelo nome de *conta*!...

Sua magestade apalpou-se. E depois de se ter minuciosamente apalpado, reconheceu que sobre si não tinha aquillo com que se compram os melões. Sua magestade não tinha vintem!

Vendo que o alfayate não desistia de lhe pedir a importancia dos fundilhos e outros arranjos correlativos, Agua Rosada fez o que qualquer monarcha europeu faria em identicas e apuradas circumstancias. Chamou o chefe da sua comitiva, e disse-lhe que pagasse a *conta*.

Este alto e negro personagem por sua vez imitou seu regio amo—apalpando-se. E tambem por sua vez reconheceu que não tinha vintem!

E um por um, todos os membros da comitiva se apalparam, e mostrando os forros das algibeiras, com esse gesto eloquente significaram a seu augusto amo que estavam mais pobres do que Job.

Comtudo o alfayate não desistia do pagamento da sua *conta*. Os fundilhos e arranjos correlativos do regio viajante elevavam-se a cerca de uma libra. Por uma libra estava um rei authenticico, e mais uma authentica comitiva real, em riscos de não poder seguir viagem, ou ver as malas embargadas e arestadas...

Como n'esse instante cruel D. Alvaro XIII devia ter amaldiçoado a Europa, e mais a sua civilização! Scenes identicas, attentatorias da magestade real, nunca se poderiam passar no Congo do seu coração! N'esse paiz, que honra maior para um alfayate, do que deitar uns fundilhos n'umas regias pantalonas? Quantos alfayates congolezes não teem disputado essa gloria! Quão poucos teem sido os escolhidos!

Se fosse no Congo, a tua audacia, terrível e ousado alfayate, ficaria para sempre marcada na tua epiderme! Serias amarrado a uma arvore, e receberias em boas varadas o capital e o juro do teu trabalho...

Mas a civilização europeia não permite semelhante forma de pagamento. O que a civilização permite, é metal sonante, ou então papeis de côres, estampados, com as assignaturas do sr. Gomes Netto e do sr. Barros Gomes...

O vapor ia partir. Sua magestade precisava executar-se. Surgio então a Providencia, sob o aspecto d'um passageiro bizarro e condoído, o qual, tirando da carteira, pediu licença para saldar a *conta* do rei.

E assim se salvou a regia dignidade!

D. Alvaro Agua Rosada assistiu d'uma frisa, na noite de gala, ao espectáculo de S. Carlos.

Em vez de o deixarem ir para o theatro vestido á maneira congoleza, tal qual como em 1889, n'uma gala da Grande Opera de Paris, appareceu o seu collega e amigo, o rei Diná Salifu,—vestiram-o de coronel do exercito de Portugal, e assim nos appareceu, enfardalhado e de luva branca.

Nós, á força de quereremos ser civilizados, perdemos completamente a noção do pittoresco. A exhibição d'esse personagem só teria sido interessante, caso nol-o tivessem apresentado com os seus trajés indigenas. Mascarado ou disfarçado em coronel, D. Alvaro nada nos suggeria de novo, nem de imprevisto. Era mais um preto á europêa.

Em todo o caso, esse preto, pela fama de que vinha precedido, pelo pittoresco da sua existencia, por tudo que se sabia acerca do seu reino e da sua viagem á Europa, foi durante a noite de gala, o alvo de todos os olhares, o objecto de admiração de todos os binculos.

E os proprios interpretes da Lucia, para D. Alvaro dirigiam os mais bellos arrebatamentos das suas gargantas,—como se aquella noite lhe tivesse sido exclusivamente consagrada.

Emfim, ainda vale alguma coisa ser preto. Quantos gommosos da capital seriam capazes de merecer durante um segundo, as atenções femininas que D. Alvaro soube conquistar durante algumas horas?! ..

QUIDAM.



Na passada 5.ª feira realisou-se em S. Carlos a festa artistica do maestro Goula. O notavel artista teve mais uma vez ensejo de se convencer do muito que em Lisboa é apreciado o seu extraordinario talento.

N'essa noite o maestro Goula apresentou dois discipulos seus, aos quaes desejamos um largo e ridente futuro.

Opera portugueza



Um grupo de distintos amadores de musica, dirigidos pelo maestro Filippe Duarte e pelo professor Napoleão Vellani, pensa realizar com elementos exclusivamente nacionaes a execução d'operaç portuguezas cantadas no nosso idioma, sendo poema e musica devidos a poetas e musicos portuguezes

O primeiro ensaio d'este arrojado e patriótico plano, teve lugar em casa do nosso amigo José Gomes onde tivemos occasião de applaudir uma optima execução do *Ernani*. N'esta bella audição distinguiram-se as ex.^{mas} sr.^{as} D. Izabel Gomes e D. Innocencia Grillo e os srs. Henrique Santos, Xavier Vieira Alfredo Hansen, Nunes Baptista e A. Gamcero.

Aos brilhantes amadores os nossos sinceros parabens.

Nova agencia

Santo Antonio vae ter festa,
Vae ser aos altos guindado,
Que o programma, ao fazer d'esta,
Já deve estar publicado.
Ha folgança e regalarior,
Folgam padres e sacristas,
Ha bandeiras, foguetorio,
Balões e fogo de vistas.

Nas ruas d'esta cidade,
Tudo brinca e tudo dança,
Corre o povo em quantidade,
Ha grande brodio e festança.
Salta a fogueira o garoto,
A alegria em tudo impera,
Pedem, n'um grande alvoroço,
Cinco réisinhos p'ra a cera.

Um Santo Antonio de barro,
Mas de enormes dimensões,
Passa óvante no seu carro,
Com pasmo das multidões,
E as velhas, que o centenario
Deixa tontas por momentos,
Comem contas do rosario,
Pedindo bons casamentos.



A menina de Lisboa
Pallida, triste, olheirenta,
Mil egrejas corre á tóa,
Molha a testa de agua benta,
Do santinho implora a fama,
Faz lhe prédicas constantes
E sonha á noite, na cama,
Com sargentos aspirantes.

O pobre do Santo Antonio,
Com seus milagres e lendas,
Parece um vivo demonio,
Não chega p'ra as encomendas.
Que velhas, moças, donzellas
Deixam o santo entupido,
Pedindo pelas capellas
Que lhes arranje um marido.

Tal trabalho e tal afan
Exige ao santo este burgo,
Que parece um Piperlin
O pobre do thaumaturgo.
Por se livrar da incumbencia,
Já ouvi dizer até
Que vae montar uma agencia
Em Santo Antonio da Sé.

Sobre a fachada da egreja,
Letra branca em facha preta,
Vão collocar, salvo seja,
A seguinte taboleta:
«A preços sem competencia,
Preços muito reduzidos,
Santo Antonio, com agencia
De creadas e maridos.»

PORTUGAL BRAZIL



O dia 14 de março será sempre de agradável recordação para os portugueses e brasileiros, porque significa o restabelecimento das relações diplomaticas entre dois povos que nunca foram desunidos, porque se acham ligados por estreitos laços de sangue, de espirito e de interesses, com os seus queridos amigos d'além-mar.

UM REI EM PANCAS

Deu fundo na capital
Dom Alvaro Agua Rosada,
Rei do Congo *et cetera* e tal,
Hospedou-se a pretalhada
No quarto de um hospital.

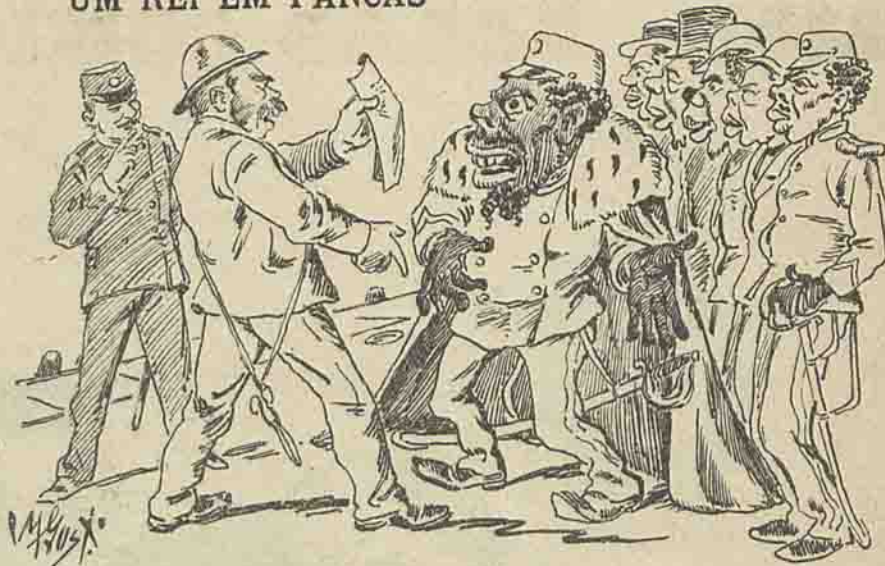
A singular magestade
Da comarca congoleza
Deu brado n'esta cidade,
Nunca a sua realza
Se encontrou tan'o á vontade.

A' partida, no vapor,
Quando a coisa estava prompta,
Appareceu-lhe um crêdor
Exigindo-lhe uma conta,
Ou dinheiro, ou fiador.

O rei, coitado, a tremer,
Sem vintem, com que pagar,
Sem falar por não saber,
Quasi esteve a desmaiar,
Não córou por não poder.

Levou as mãos á barriga,
Na mais dolente afflicção
E sentiu—nobreza obriga—
De raiva morder o cão
Nos refolhos da bexiga.

Dom Alvaro Agua Rosada
Disse então, lembrando a lei:
—Pae siô não paga nada,
Ser a pessoa do rei
Inviolavel e sagrada!



Esculapio

O Chat Noir offerece
presentemente aos seus
freguezes um alegre
passatempo. N'uma das
salas do conhecido ca-
fé, foi installado um pe-
queno e gracioso tabla-
do, onde se ouvem as
ultimas cançonetas dos
cafés-concertos de Pa-
ris, ditas espirituosa-
mente por Mlles Jeanne
e Gabrielle. E todas as
noites... *salle comble!*

Sexta feira 29

Beneficio do actor HENRIQUE ALVES



Dizem que o Alves actor
Teve em Dona Maria
Uma festa de esplendor,
Como ha muito se não via,
Pois levou o *Bibliothecario*
E mais o *Salto mortal*,
Foi caso extraordinario
Nunca visto em Portugall!

Esculapio.

THEATRO DO GYMNASIO

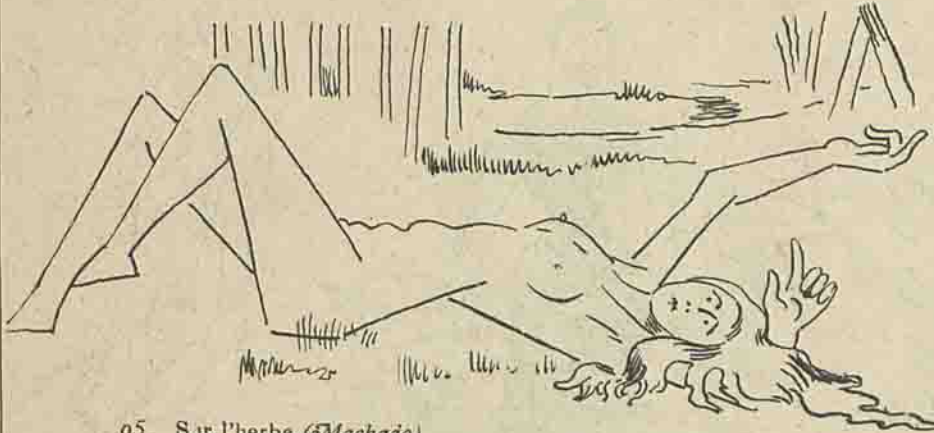
Beneficio do actor SENNA

Eu pego na penna
P'ra apenas lembrar
Que o Senna, que em secna
Costuma gimbrar,
Faz festa modesta
No dia um de abril,
E dizem que á festa
Pessoas vão mil,
E' pena que a penna
Não possa abraçar
O Senna, que em scena
Costuma gimbrar!



Esculapio.

SALÃO GOMIGO



95. Sur l'herbe (Machado)
Tire-se d'ahi, sua descarada!



153.
Lobo de mar... (Almeida e Silva)
do theatro do Principe Real.
Optimo para finais d'acto, com
surdina na orchestra.

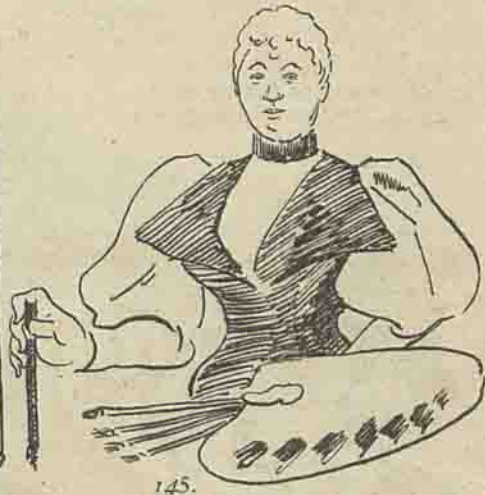


55. Um segredo (Braga)
Um segredo d'esses nunca se diz
com a boquinha suja de verde. Para
que quer o menino sujar a cara á
sua titia?



66.

Penas de amor (Braga) Efeitos
retrospectivos.



145.

Retrato (Santos) Retrato de S.
M. El-Rei para a camara muni-
cipal d'Oliveira d'Azemeis.



152.

54. Na rua (Benarus)—Assadeira de
castanhas com pouca freguezia.—
Depois que fechou o Quintão, isto
é uma desgraça...

Ave Marias (Almeida e Silva) En-
tão esse alcapão sóbe ou não sóbe?



76.

Retrato (Galhardo) Lucinda Si-
mões—a dizer cousas oh! Rosas.—
Piada do Sr. Conde d'Almedina.

(Continúa.)

SALÃO COMIGO

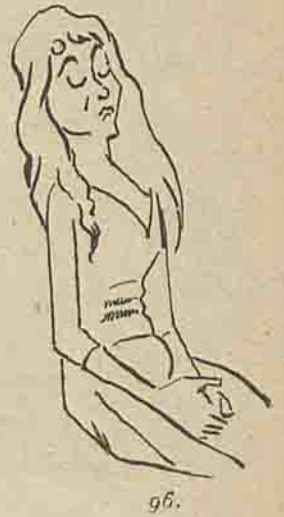
(Continuação.)



59. Cena de familia. (Brito)
Reclame do Pear's Soap.



130. Costume Gioconda. (Quintella)
Gostamos mais da Gioconda do
Ponchielli.



96. Solidão. (Machado) Eneravada!



167. Estudo (Wauthelet) Boquinha de
favas.



140. Camponoz (Salgado)
Viu bicho!



135. Espinheiro (Ramalho)
Retirada das dez mil puigas.



102. A caça (Malhóa)
Ou a infancia do Senhor dos
Passos.



99. Retrato (Malhóa)
Infancia do Marquez de Pombal.



139. Othello (Salgado) Isto do nego-
cio de tamara doce está pessimo!
Já não se faz nada...

PINHEIRO CHAGAS



Portugal conta um escriptor de menos—Pinheiro Chagas, nome que apparece envolvido em todo o movimento litterario portuguez d'esta metade do seculo. Viveu exclusivamente da penna e soube deixar uma tradição de artista, da cohorte tão rara hoje, dos *inspirados*, que nos transmittiu a geração romantica de 30. Submettido no mais alto grão a todas as influencias litterarias e artisticas do estrangeiro, foi um portuguez de temperamento, cheio de paixão e quente patriotismo.—Com elle morre um dos mais fieis e eloquentes avocadores da velha epopeia lusitana. Como quasi todos os grandes homens da sua epocha, envolveu-se na politica e soube deixal-a, sem macula para o seu nome, que ficou e ficará sendo o de um homem de letras excepcionalmente dotado para as mais nobres e elevadas iniciativas da intelligencia.

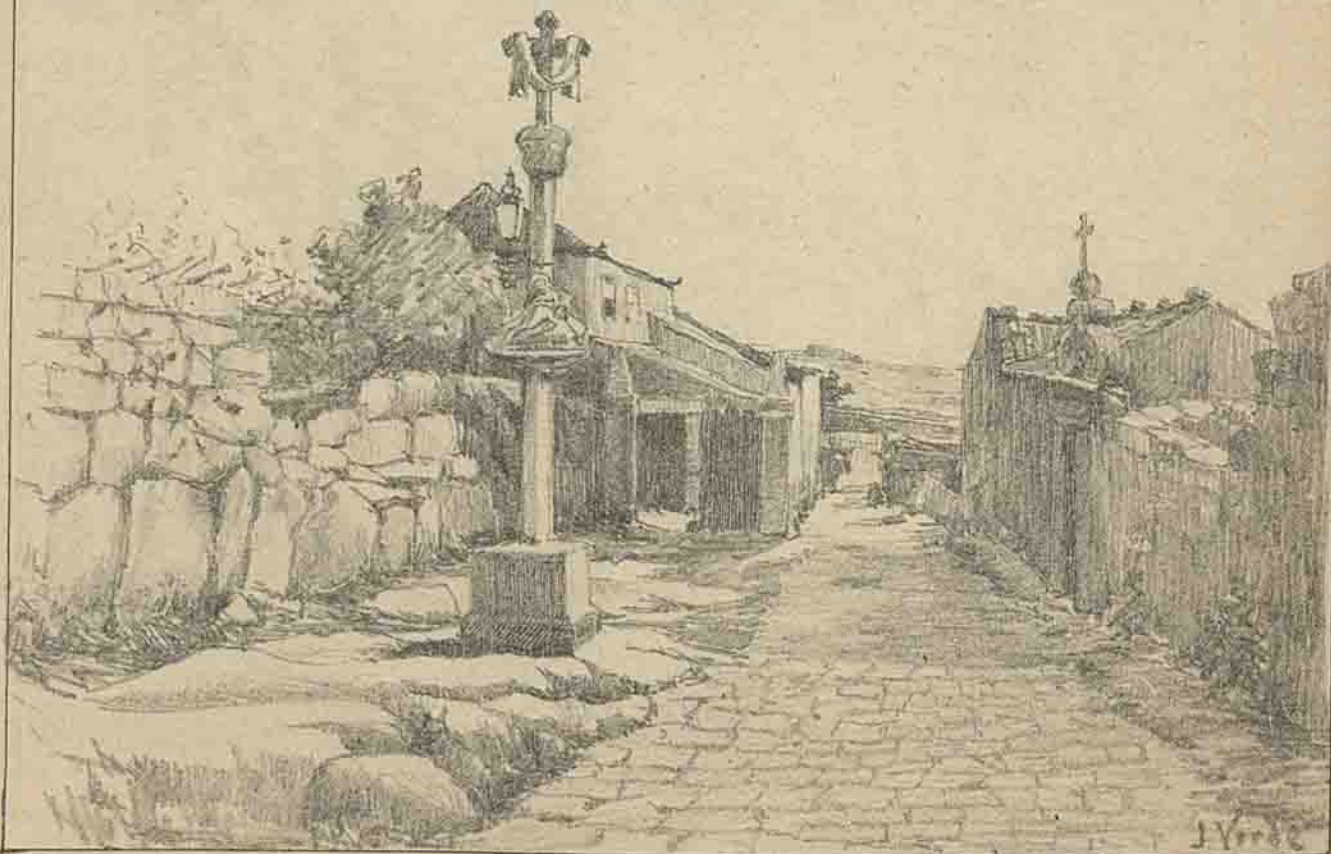
A exposição de Jayme Verde



Na galeria Liborio, Avenida, 46, tivemos ha dias, com a assistencia de Suas Magestades, a inauguração da exposição de paisagens de Jayme Verde e d'alguns trabalhos esculpturaes da Teixeira Lopes.

Jayme Verde soube provar nos e convencer-nos com as suas telas, que ainda ha, Deus louvado, quem entre nós saiba olhar, com olhos de ver e de sentir, com intelligencia e com alma, para a Natureza, nos seus differentes aspectos. Jayme Verde procura nas coisas o sentimento poetico que ellas podem suggerir a um temperamento d'artista, e por vezes consegue traduzir na tela esse sentimento, que é o mais que o pintor apaixonado de pura e verdadeira Arte pode conseguir. Por isso a sua exposição, em que se revelou um talento, constituiu um caso sensacional, no acanhado meio em que vivemos.

Teixeira Lopes n'alguns trabalhos que expõe, principalmente no busto em marmore de Mlle. Ferreira da Silva, mais uma vez confirma os justos creditos que possui de brilhante esculptor—de notavel continuador do Mestre Soares dos Reis.



MARIA TUBAU

Maria Tubau, que actualmente está dando uma série de representações no theatro D. Amelia, é a mais notavel e a mais justamente celebre das actrizes hespanholas. Intrepretando a alta comedia e o drama moderno com todos os requintes d'uma artista de excepcional talento, primorosamente educada, tanto nos faz soffrer e chorar desempenhando a *Dama das Camélias*, como nos faz passar horas de encantadora jovialidade e da mais preoisa ironia, representando o *Divorçons*. O publico lisbonense daria prova de pouquissimo gosto theatral e de nenhum sentimento d'arte, se não fosse todas as noites applaudir a illustre e sympathica actriz.



THEATRO DA RUA DOS CONDES



No theatro da Rua dos Condes, a companhia do Principe Real, do Porto, estreiou-se representando com grande exito o *Testamento da Velha*, de Gervasio Lobato, D. João da Camara e Cyriaco de Cardoso. Da interessante *troupe* faz parte Maria Eduarda, uma actriz de extraordinario valor, e Cuiira Polonio, de volta de Paris, depois de ter feito larga colheita de palmas n'um theatro do boulevard.

M.^{me} Adam em Lisboa

Nouvelle Revue

- La chanson des nouveaux époux
- La patrie hongroise
- Jalousie de jeune fille
- JEAN ET PASCAL
- RECITS DU GOLFE JUAN
- SAINE ET SAUVE
- IDEES ANTI-PROUDHONIENNES
- L'EDUCATION DE LAURE

- Mon Village
- Le Manéquin
- Le Siège de Paris
- Dans les Alpes
- VOYAGE A TOUR DU GRAND FIN
- LE GÉNÉRAL SKOBELEFF
- COUPABLE
- A L'ABIME



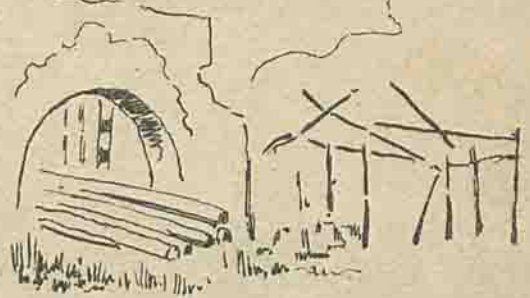
Lisboa acaba de receber a honrosa visita de Madame Adam, a notavel escriptora franceza, a illustre directora da Nouvelle Revue. O alto mundo e o mundo litterario tem procurado por todos os modos tornar agradaveis a essa senhora os dias que tencionou passar entre nós, provando-lhe assim que, se muita coisa se tem perdido entre nós, ainda se não perdeu de todo a tradiçao da franca hospitalidade portugueza. Madame Adam merece todas as gentilezas e distincoes de que tem sido alvo. É uma personalidade europea credora de todas as homenagens de respeito e admiração. Além de que, na sua importante revista, Portugal mais d'uma vez tem encontrado uma defesa intelligente e entusiasta.

SALÃO GOMIGO

(Continuação do numero antecedente)



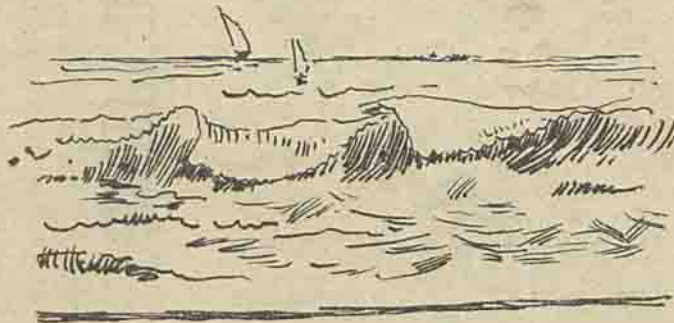
125. Uma teima (Pinto) A nada o bruto se move.



63. A horta do Alfredo (Cabral)... tem bellos espargos!



113. Ao clarão (Mello) Um caçador que envelheceu á espera da caça.



158. O mar (Vaz) Vagas... por preencher.



118. Esperando (Ogando) Está á espera do caçador... Tem que esperar.



173. Velando (Gameiro) Velando estava a dama mais formosa.



151. Rua da Cadeia (Christino) Gato escondido com o rabo de fóra Bocage.



110. (May) Café de «lépis»... meia tijella.

Christino

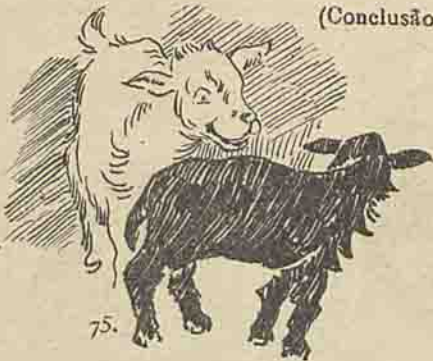
SALÃO COMICO

(Conclusão.)



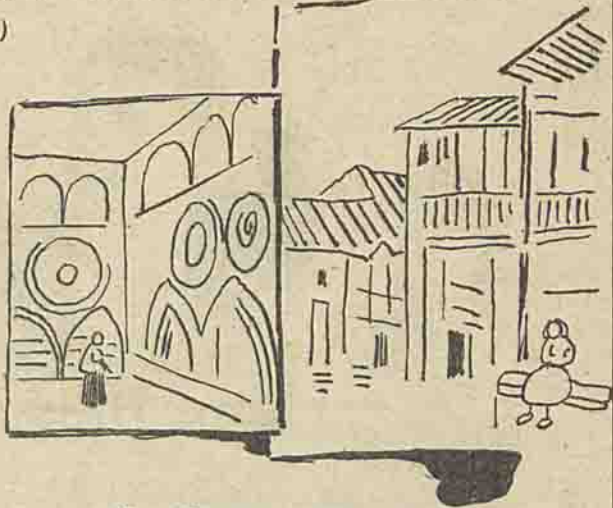
72.

Cabeça (Costa) Cabeça de pão torrado, com olhos de pimenta.



75.

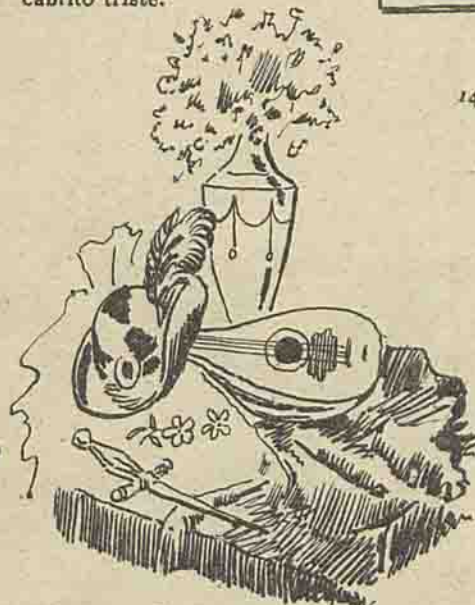
Cabritos (Freire) Cabrito alegre, cabrito triste.



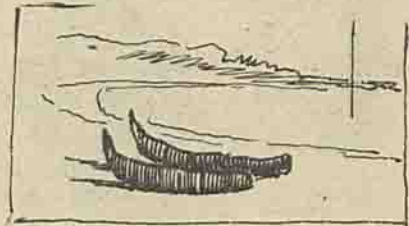
1478. (Almedina) Linhas curvas, linhas rectas.



101. A Olinda do lagar (Malhã) Tens os cabellos a arder, vae pol-os de mólho. Anda, avia-te, rapariga!



73. Recordações (Cunha) Pelo bem conservadas que estão, vê-se bem que são recordações do baile d'hontem á noite.



161. Apontamentos (Vaz) Galochas de banhista, esquecidas na praia.



66.

Estudo (Castro) Dá cá o pé, meu lourol...



169. Soldado d'infanteria (Arthur) A doze vintens a caixa. Os de chumbo são mais baratos mas quebram-se mais.



(FRAGMENTO)

74. Um salsa (Freire) Um salsa... com pouca pança e muito socego.

COLYSEU DOS RECREIOS



No Colyseu dos Recreios a companhia equestre e acrobatica de Henrique Diaz constitue uma das melhores atrações do momento. Mulheres bonitas, atheletas e gymnastas eximios, clowns dos mais extravagantes e phantasias, tal tem sido o chamariz ao circo das Portas de Santo Antônio.

3 DE MAIO -
A CHEGADA DE ASSIS BRAZIL
NOVO MINISTRO
DA REPUBLICA DOS ESTADOS
UNIDOS DO BRAZIL



Dr. José Carlos Rodrigues



Lisboa acaba de receber a honrosa visita do Dr. José Carlos Rodrigues, o redactor em chefe do *Jornal do Comercio* do Rio de Janeiro, e um dos jornalistas brasileiros que mais tem defendido os interesses dos nossos irmãos d'além-mar e que mais contribuiu para o reatamento das relações entre os dois paizes.

A empresa da *Mala da Europa* offereceu-lhe ha dias um banquete, e n'essa festa o illustre jornalista brasileiro teve occasião de apreciar a pureza de sentimentos que unem Portugal á sua patria.

Variações

Lisboa deu na sexta-feira passada mais um nobre e eloquentissimo exemplo do que é a muito antiga e muito fallada hospitalidade portugueza, e mais um exemplo do quanto Lisboa está desejava de ser o caes da Europa, a grande cidade cosmopolita, o grande porto internacional do extremo occidente europeu, para as relações de todo o velho continente com a America do Sul e com a Africa.

O extraordinario acontecimento de sexta-feira ultima passou desaperecebido da critica e das altas regiões officiaes. Apenas deu por elle, e o registrou em 28 linhas, um noticiarista anonymo do *Seculo*. Nós porém não resistimos ao altissimo e honrosissimo dever de lhe consagrar mais largo espaço. E se por acaso o que estamos escrevendo vier a cahir debaixo do olhar omnipotente d'aquelles que tão habilmente dirigem os destinos d'este paiz, que esses se orgulhem dos progressos que Lisboa está fazendo, das artes e talentos de que se está aervingo para vêr augmentar nas suas ruas o numero de *touristes*, do ingenho que está dispendendo para vir a ser o grande emporio do velho mundo, á beira-mar plantado.

Na sexta-feira sahiram do Lazareto—esse maravilhoso espantallo collocado á entrada do Tejo com o unico fim de afugentar viajantes—250 passageiros vindos do Brazil.

Quando desembarcaram no caes do Sodré, os soldados da guarda fiscal, vestidos da alta missão de farejarem um contrabandista em cada estrangeiro que pratica a imprudencia de nos vir visitar, e receiando que esses 250 passageiros trouxessem consigo cartas sem estampilha, apalpam-os. Não sei se estão vendo a scena. Eu e tu leitor, voltamos do Brazil, vimos trazer a Portugal o oiro que lá ganhámos e economisámos, vimos visitar as nossas familias, vimos trazer-lhes uma parte das nossas economias. Um amigo diz-nos no Rio:

—Vaes ao norte de Portugal?

—Vou.

—Então has de ir vêr meus paes, os meus velhos. Diz-lhes que ainda este anno os não posso ir abraçar... Toma uma carta de apresentação que levarás em mão propria...

Mette-se a carta na algibeira. E quando se desembarca no caes do Sodré, na patria querida e amada, na patria para a qual temos sempre voltado o nosso pensamento, a Patria surge-nos na pessoa dos soldados da guarda fiscal, que nos apalpam, que nos enxovalham, que nos vexam, como se fomos vulgares contrabandistas, a pretexto de que talvez possamos trazer nas algibeiras alguma carta sem estampilha!

E esta, heim? Não dá vontade de mandar a patria de presente ao diabo; e em vez de desembarcar em Lisboa, ir desembarcar em Bordéus, onde não ha lazareto, e donde, ao cabo de oito horas de caminho de ferro, se chega a Paris que sempre é um bocadito mais animado do que Lisboa!...

Continuemos relatando o caso illustre e nunca assás fallado de sexta-feira,—dos 250 passageiros apalpados em pleno caes do Sodré. Damos a palavra ao noticiarista do *Seculo*:

«Um catraeiro que viu o caso, perguntou a um dos soldados:

—«Então, camarada, muito contrabando?!

«O soldado riu-se e respondeu:

—«Cartas sem sello, poucas... mas trazem todos muita massa!»

E acrescenta o *Seculo*:

«Efectivamente, segundo os guardas da alfandega affirmaram, a maior parte d'aquelles individuos traziam grande quantidade de dinheiro em ouro.»

Como vêem, não ha nada melhor do que ser *touriste* e vir a Portugal carregado de oiro. A guarda fiscal mette-lhe as mãos—que mãos!—nas algibeiras; em tudo mexem, tudo vêem, tudo investigam. Por pouco que o não mandam pôr nù. Oh! como é bom desembarcar em Lisboa!...

Continuemos com a narrativa do *Seculo*:

«As diligencias da guarda fiscal apenas deram em resultado a apprehensão de tres cartas (não sei se leram bem: tres! tres! tres!!!...) uma apprehendida no posto do caes do Sodré e duas apprehendidas a dois individuos no posto da Boa Vista.

«Os tres passageiros (deve lêr-se: os tres bandidos) portadores das cartas foram conduzidos á repartição do correio, onde pagaram 1\$450 réis de multa por cada carta.»

Ora aqui têm uma esperta e habil operação, para endireitar as finanças d'este arruinadissimo paiz!

Envergonham-se, incommodam-se, insultam-se, enxovalham-se 250 pessoas que trazem grande quantidade de oiro para gastar no seu paiz, para se lhe apanharem tres cartas sem estampilha, e o thesouro receber de multas a quantia de 4\$350 réis!...

E aqui tem o que é Lisboa, como se manifesta Lisboa, a quem ousa visital-a. Olhamos para o *touriste* com olhos de inveja e de rancor, quando sabemos que tem a bolsa bem recheada; e o nosso maior desejo seria despojal-o até ao ultimo ceitil, com mil alcavalas, mil trapaças, mil intrujices fiscaes.

N'este extremo occidente estamos desempenhando o odioso e ridiculo papel de piratas pelintronês, roubando por todas as formas aquelles que se atrevem a pôr pé em terra. O dirigente d'esta grande pirataria pelintronês—é o Estado, representado pelo Fisco, pela Alfandega.

O que se passou na sexta-feira no caes do Sodré; o que se passa todos os dias na alfandega, para quem tem a infelicidade de entrar em Lisboa pela via maritima, é tão revoltante e é tão tórpe, que só pôde acarretar-nos o asco e o desprezo de todos os viajantes que atravessam Portugal.

Junte-se agora a isto a famosa invenção dos passaportes,—e digam-me, a mão sobre a consciencia, se isto é terra de gente civilisada, que possa entrar no convívio internacional...

Estas pequenas vergonhas fazem mais para o descredito d'um paiz, que todas as tropelias e imbecilidades dos governos que nos ultimos cincoenta annos tão valentemente e tão habilmente nos arruinaram.

QUIDAM.

RALHAM AS COMADRES...

Senhor dos Passos da Graça,
A quem fazem procissão
Que, junto á porta, me passa,
Intervem n'esta questão,
N'esta questão do Nyassa.

Deita os olhos milagreiros
Sobre tamanha embrulhada,
Que ea passo dias inteiros
A consultar papelada,
Sem perceber os bregeiros.

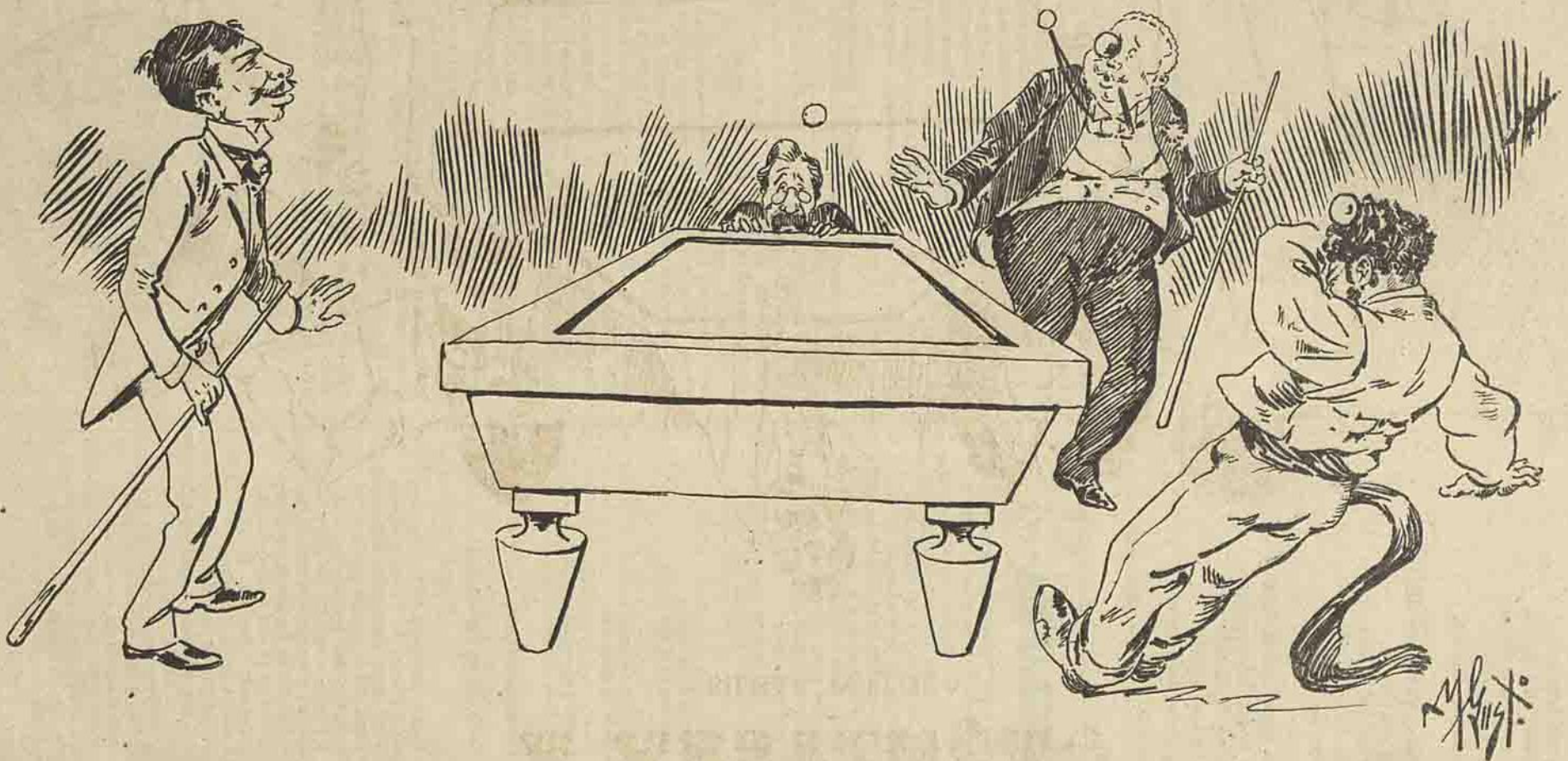
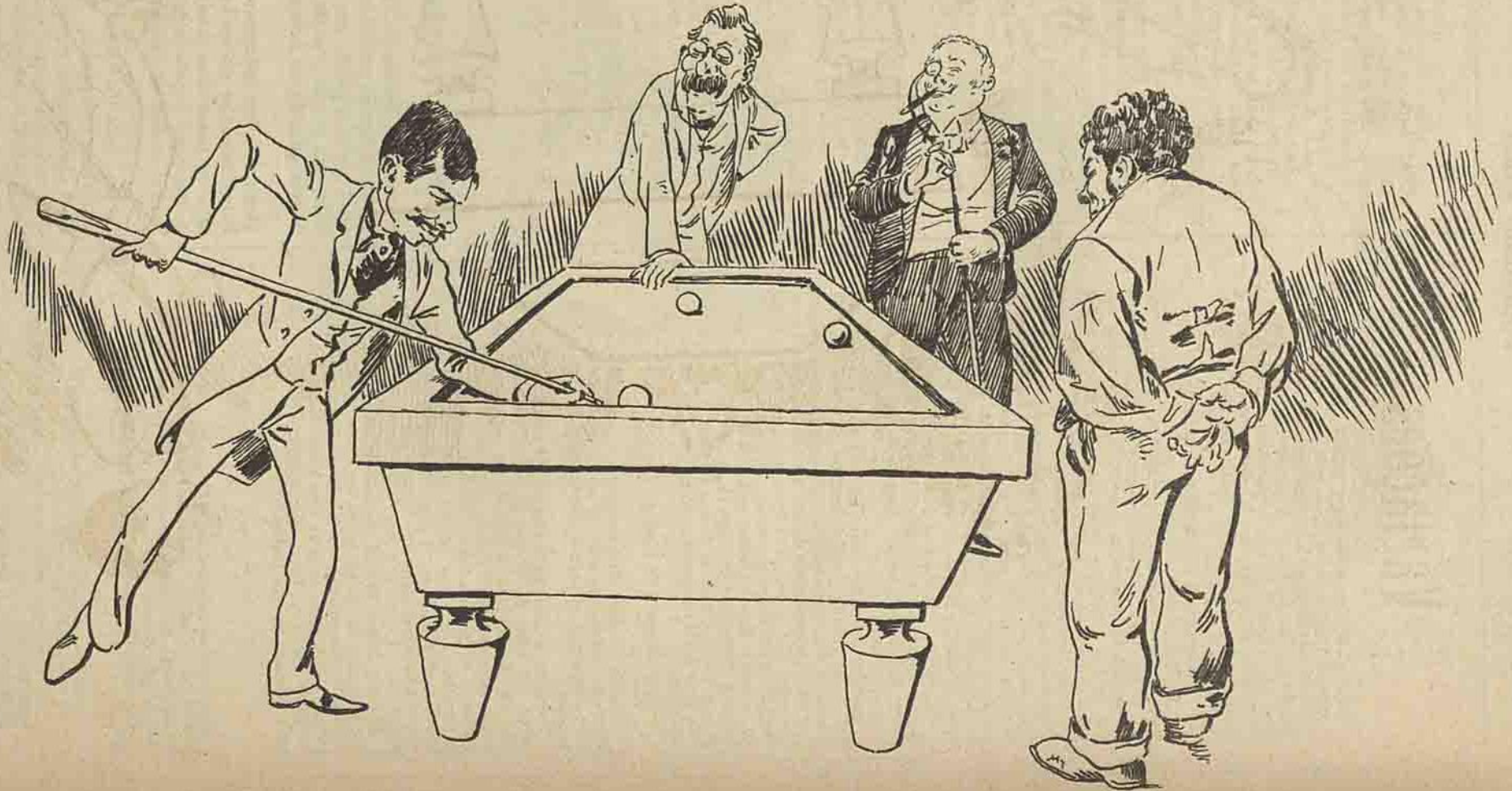
Os bregeiros directores
Da fallada companhia,
Dois importantes senhores
Que andam á pancadaria,
Como abutres ou condores



O ANTONIO MARIA

A ABSTENÇÃO

BILHAR POLITICO



—Bola de efeito

Ando levado da breca
P'ra ver a quem dar apoio,
Tenho andado Seca e Meca,
Se dou razão ao Arroyo
Ou ao visconde de Asseca!

Quem me conta, quem me diz
Da questão a gravidade,
Se ganha ou perde o paiz,
D'onde é que falam verdade
De Londres ou de Paris?

Não ha quem diga, quem faça
Com que eu possa interpretar
Esta questão do Nyassa?
—Só tu me podes salvar,
Senhor dos Passos da Graça!

Esculapio

BIBLIOGRAPHIA

A *harpa de Vanádio* é um volume de versos symbolistas do sr. Henrique de Vasconcellos, um dos filiados da chamada seita «nephelibata». Como estes poetas da decadencia desejam mostrar-se originaes em tudo, vivendo fóra do contagio dos ignorantes e dos barbaros, a monomania da originalidade leva-os até a repudiarem os melhores formatos conhecidos em livraria, preferindo o sr. Vasconcellos v todos os typos de livro existentes, um formato que só se encontra nas edições de *agendas* para mercearias, de listas para restaurantes baratos e de rões para roupa suja. A quanto leva o symbolismo!

Quanto á poesia em si, é o mesmo processo de todos os nephelibatas presentes e futuros. Ora oiam:

.....
Ella é clara como as fontes e as bahias
Seus olhos parecem dois lumes d'Egreja,
.....

Ella lá vem! Como eu A amo todo de rastros
Bella como os marmores e os mastros!
.....

O' Torre de marfim! ó meu Anjo-da-Guarda!
Embora a minh'Alma em brancos cirios arda,
Eu heide sempre Amal-A,
A Ella, o Throno de Damasco e Opala.
.....

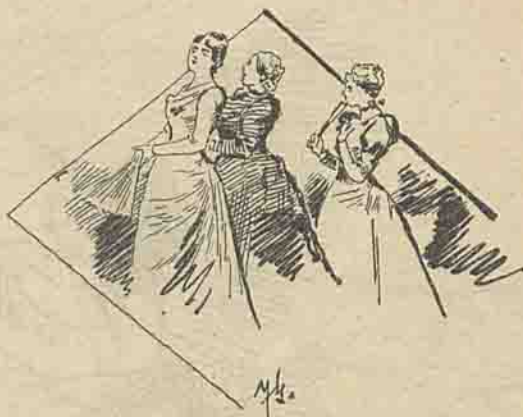
Anacampseros! Vou cantal-A ao Pôr-do-Sol!
.....

Afóra isto que são Coisas Sublimes e Divinas para os Raros apenas, traz a *Harpa de Vanadio* alguns villancetes parodiados do nosso Bernardim Ribeiro. Com franqueza, preferimos ver os nossos symbolistas tentando ensaios da antiga poesia portugueza, cultivando o villancete, a elegia, a egloga, do que passando o tempo em ridiculas e macaqueadoras imitações dos symbolistas e decadistas francezes e belgas, aos quaes a critica sã e erudita já deu a classificação que mereciam de degenerados e *fumistes*. E' o caso de dizer, como dizia ha annos Jules Lemaitre:

—«Para *fumisterie* já nos parece demais!...»

Que os Anacampseros nos perdõem o mau gosto! Mas preferimos o Camões, o Bernardim, o Garção, e Bocage, o Garrett, o João de Deus, o Anthero e o Junqueiro de quem só imbecis ou invejosos se atrevem agora a desdenhar—a toda a algaravia mascavada de fedorentices deliquescentes que constitue o subtil Verbo divinal que possa acaso esvaír-se e escoar-se em estalactites de liquida Opala, pelos labios de coral e leite da Musa nephelibatica.

Zut!



Da casa editora de Antonio Maria Pereira acaba de sahir para a venda, um novo livro de regras de bom viver, na sociedade, devido á illustre escriptora a sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. Intitula-se *Arte de viver, na sociedade*, e é um repositório de normas de elegancia e bom tom a adoptar entre as pessoas de boa roda, ou, mais vulgarmente, entre *gente fina*. A sr.^a D. Maria Amalia soube traçar as paginas d'este pequeno evangelho da cortezia mundana, sem as tornar enfadonhas, antes obtendo pretexto para uma serie de lindas preleções, em que, a par de uma sabia disposição de formulas, ha a notar excerptos de critica saluberrima a muitos dos nossos costumes, a muitos vicios da nossa organização domestica, n'uma palavra, aos nossos defeitos de educação, tão conhecidos, tão criticados, e comtudo, tão resistentes á corrección e á reforma.

A *Arte de viver na sociedade* é uma obra inspirada nos formularios mundanos da baroneza Staafe e adequada ás exigencias da sociedade, entre nós. Rompe com a tradição, tão portugueza, dos manuaes de civildade e traz uma nova nota para o espirito de elegancia, boas maneiras e bom gosto que vae invadindo uma certa porção da nossa sociedade.

Até aqui, quem quizesse, entrando pela primeira vez nas salas, industrializar-se sobre a maneira de se conduzir, tinha um unico formulario a recorrer. Esse formulario era o Manual de Civildade, de João Felix Pereira, e por elle, o noviço poderia quando muito ficar sabendo que não era de bom tom metter o dedo no nariz, passar a lingua pelos dentes ou cuspir na cara dos seus interlocutores, sob pena de passar por menos cortez. Para o espirito bonancheirão do pedagogo, toda a civildade consistia em não se entregar o neophito, em sociedade, a praticas de limpeza ou *toilette* intimas, e, assim, para elle, o que, em bailes, jantares, ou recepções se tornava verdadeiramente reparado, não era comer mal, exprimir-se mal, ou receber mal, mas simplesmente cortar as unhas ou aparar os callos. O mais não o inquietava. Por isso não o consiguou na sua obrinha, que concluiu n'uma grande paz e em consciencia de haver cumprido o seu dever, porque suppoz ter dito tudo.

O Manual do velho João Felix era um guia de civildade para as creanças; a *Arte de viver na sociedade*, da sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, é um livro de ensino para adultos.



Cartas do Outro Mundo, - são cinco cartas em verso despretencioso e faceto, contando impressões da campa, do que se passa na outra-vida, a dois metros abaixo do solo em que pizamos. Impressões cómicas de um humorista que jaz no cemiterio, e que aos amigos vivos manda dizer em que passa o tempo, lá na Eternidade... Auctor: Francisco Palha, um dos raros que, de nossos dias, com o barão de Roussado, J. Ignacio d'Araujo, Eduardo Garrido, etc. procuraram continuar a tradição alegre e presenteira do genero Tolentino.

Esta obra posthuma de Francisco Palha, é prefaciada primorosamente por outro morto também—Pineiro Chagas. A saudade por esses dois amigos que perdemos, faz com que olhemos para esta obra com a magua, pois a ironia não pode ser mais pungente, vendo rir e zombar da Morte quem por ella foi ainda ha pouco victimado!...

Paraiso conquistado, é uma phantasia dramatica em verso original de Lopes de Mendonça, e que a *Revista Theatral* offereceu em brinde aos seus leitores. Como em todos os trabalhos do notavel dramaturgo, n'este se encontra de novo, a par d'uma ideia feliz, um verso claro, quente e abundante, proprio á boa declamação.

O CENTENARIO

Santo Antonio thaumaturgo
Em pulgaa anda a ferver,
Pois que lhe querem fazer
Centenario n'este burgo.
Com honra e festa tamanha,
De esplendor e luxo tanto,
O deslumbrado do santo
Já não cabe na peanha.

O santo a gosar começa
O grande luxo e esplendor,
Não lhe cabe o resplendor
No buraco da cabeça.
Pensativo e cabisbaixo,
Trauteia alegre o seu hymno
E, no outro dia, o menino
Caiu-lhe do livro abaixo.

Tanto o querem festejar,
Com foguetada, o demonio,
Que nem sabe Santo Antonio
Para onde se ha de virar,
Varias noticias emborca
E o pobre santo, coitado,
Vê-se mais atrapalhado
Que ao livrar o pae da forcea!

O pobre santo vê bicho,
Varios devotos se queixam,
Mas, coitado, não o deixam
Soegado no seu nicho,
Tanto programma se fez
E tantas festas de igreja,
Que eu desconfio que seja
Canonisado outra vez!

Esculapio.



Historia de toiros

Braz Miguel Antão Pimenta
E' caixeiro no Chiado,
Anda já pelos quarenta,
E' um grande *aficionado*
E por toiradas rebenta.

Medindo metros de fita,
Sobre as sortes do toureiro
Junto ao balcão se exercita,
Morre por ver um *quarteio*
Ou um *quiebro* do *Guerrita*.

Faz das fazendas trincheira,
Faz capote de um papel,
Faz toiro de uma cadeira
E imita, no *redondel*,
O Fernando de Oliveira.

No domingo, na toirada,
Como sempre, estava o Braz,
De gravatinha encarnada,
Jaqueta curtinha atrás,
Barretina desabada.

Entre os mais *aficionados*,
Por quatro ou cinco berrou,
Fez protestos inflamados,
Com furor apostrophou
Bandarilheiros, forcados.

No intervalo, Braz Miguel
Saiu cá fóra a girar,
P'ra comer o seu pastel,
E ouviu um typo a gritar,
Fazendo grande aranzel.

Soube então que um marinheiro,
Mais um servente da armada,
Por questões de um cavalleiro,
Tinham dado uma facada
Na cara de um cautelleiro.

Braz Miguel fica parado,
Treme todo e cala o bico,
Não parece *aficionado*,
Nunca mais viu o *Faico*,
Nem os moços de forcado.

Assustado a noite passa,
Dá soluços sepulchraes
E diz á sogra que o massa:
—Nunca mais! Oh! Nunca mais
Irei dos toiros á praça!

—Não mais toireio hespanhol
Irei ver, que tenho agoiros,
Que eu não quero entrar no rol,
Ir p'ra a *sombra* ver os toiros
E vir co'as tripas ao *soll*!

Esculapio



PRAÇA DO CAMPO PEQUENO

Domingo 28 d'Abril



1.º touro
Salpicadinho da Costa.

J. Alves.

Os Farpas
Estão verdes... não prestam

2.º bravo!

2.º aperto de 1740.

Os cabrestos
a. a.

EXEMPLO DE BÔA CAMARAGEM
ENTRE FORCADOS.
SOCIÉDDE DE AUXÍLIO MÚTUO.

FAICO recolhe o touro
com a muleta.
Os cabrestos agradecerão

A FAICO
os cabrestos
reconhecidos.

O Boi:
Vão-se os appeis, mas
fiquem os dedos.

Muleta

Gervasio Lobato



Meu Deus! o que ficará se todos vão partindo! Já lá vae o Oliveira Martins e com elle a historia. Seguiu-se-lhe Pinheiro Chagas e com elle essa oratoria inflammada que tão ardentemente representou e que era tão nossa. Com o Julio Machado, o ultimo folhetinista,—a graça, a abundancia, a fluencia, a espontaneidade, o bom humor. Agora o Gervasio, o theatro alegre, a chronica ligeira, a farça, a anedocta. Meu Deus! o que será de nós se nos deixam todos e n'este vazio intellectual da sociedade portugueza nenhum espirito novo surge a fazer esquecer os que vão fugindo para a morte!

Variações

O artigo de *Quidam*, publicado no ultimo numero do *Antonio Maria*, mereceu a um dos nossos leitores a honra de uma edição especial de propaganda, feita por conta d'esse nosso desconhecido compatriota, justamente irritado pelas vergonhas a que nos estão expondo a instituição do Lazareto e os abusos do pessoal aduaneiro. No citado artigo, *Quidam*, que ausente n'este momento, em Paris, não pôde, como por certo desejaria, apertar commovido a mão do seu e nosso leitor, expõe o facto de serem sido vexadas pela guarda fiscal uns poucos de passageiros vindos do Brazil e em poder dos quaes foram encontradas tres cartas sem sello, pelo que tiveram de pagar 4\$350 réis de multa, ou sejam 1\$450 réis por cada carta.

Dias depois, um novo facto, mais arbitrario e violento, vinha dar razão ás queixas e ironias do nosso collaborador. Por ordem da alfandega de Lisboa, os passageiros do vapor *Nile* eram retidos no Lazareto das 6 horas da manhã ás 6 da tarde, passando estas 12 horas sem alimento, por haver cessado a quarentena. D'esta estúpida trapalhada resultou quasi um pequeno drama, juntando-se á indignação dos viajantes, o desespero das mães e a gritaria das creanças que não comprehendiam e com razão que, á vista de uma cidade de tão bello aspecto, se estivesse doze horas sem comer. O Lazareto era até agora divulgado como um recinto de impudante expoliação, protegido e guardado pelos poderes publicos. Como torre de Ugolino, como jangada da Meduza, não era ainda conhecido.

A carta que o nosso leitor nos dirige, com um exemplar da chronica reproduzida em edição especial, é do theor seguinte:

Sr. Redactor

Receiando que o artigo de v. não seja lido nas altas regiões officiaes e não tenha no publico a divulgação que eu desejaria, entendi, visto tratar-se de um assumpto que deve commover e revoltar todos os corações portuguezes, fazer do mesmo artigo uma tiragem especial, e mandal-o distribuir profusamente.

Continue v. n'esta propaganda contra o Lazareto e a nossa alfandega e o paiz lh'o agradecerão

de v. etc.

Um patriota

Lisboa, 11 de maio de 1895.

O Lazareto é inquestionavelmente uma das vergonhas portuguezas—como a divida, o cambio, a miseria de Camões e os cartazes do conde de Reilhac; mas o nosso leitor engana-se suppondo que ella desaparecerá pelo facto de chegar ao conhecimento do que intitula as *altas regiões officiaes*.

As Altas Regiões Officiaes não viajam e quando o fazem cercam-se de tão grande numero de immundades e commodidades que não chegam a reconhecer a existencia d'esses dois novos espectros do viajante moderno, que se chamam—*Fronteira e Alfandega*. Finalmente, as Altas Regiões Officiaes não vão ao Brazil ganhar a sua vida, porque a ganham cá e do Lazareto tem esta idéa conciliadora, de que é bom de mais para o fim a que se desina, porque, segundo o pensamento official, quem vem do Brazil pode pagar, tudo e por todo o preço, desde uma hospedaria onde toda a gente pedineha, até uma alfandega ridicula, onde toda a gente manda.

Disfarce-se o sr. Hintze em Barão de Catatú, dê uma saltada ao Rio, volte-ahi na queimada do sol, pelo *Trent* ou pelo *Thames*, metta-se umas 24 horas na bastilha de Porto Brandão e diga-nos depois a que lhe sabe.

E creia o nosso leitor que só assim, por este processo capcioso, se poderia fazer alguma cousa.

X.

BIBLIOGRAPHIA



ALBERTO PIMENTEL

A' distincta amabilidade dos seus auctores devemos o favor das seguintes obras:

O descobrimento do Brazil, por Alberto Pimentel—O novo livro do distincto escriptor, como todas as obras que saem da sua penna correcta e elegante, tem sido excellentemente recebido no nosso acanhado meio litterario. E' um romance de subido interesse, e um consciencioso estudo, como o auctor sabe fazel-os, de uma das mais curiosas épocas da historia portugueza.

No Amazonas, pelo dr. Lourenço da Fonseca.—Interessantissimo roteiro de uma viagem ao grande rio americano, ao Adamastor dos rios, como lhe chama o douto viajante. Livro curioso de observação, e escripto n'um estylo encantador. Recommendamol-o.

As Abelhas, por Luiz Trigueiros.—Uma delicada comedia em verso, em que o gracioso do enredo e os primores da forma estão plenamente á altura do talento do distincto poeta, já afamado nas letras portuguezas por numerosas produções de subido valor.

Tractado de pronuncia ingleza, por L. Dyson Vaz—E' um livrinho devéras util, e cuja aquisição recommendamos aos estudantes do idioma de Shakespear, pela grande utilidade e notavel proveito que a sua leitura necessariamente lhes dará.

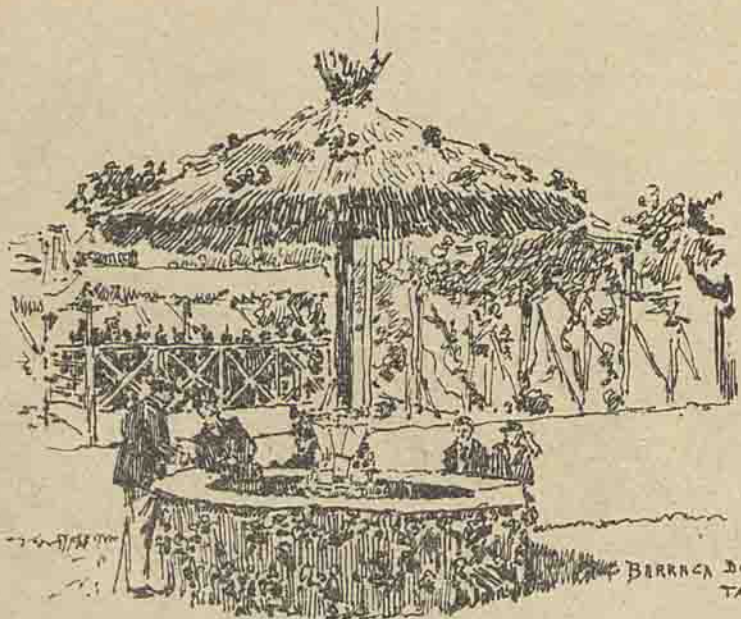
Recebemos tambem do sr. Delfim Neves, illustre homem de letras braçarense, a sua traducção do curioso livro de Kneipp:

Vivei assim, advertencias e conselhos praticos para gosar boa saude e curar as enfermidades.—Encerra este curioso volume preceitos de boa hygiene, e conselhos efficazes para a conservação da saude. Preconisa o tractamento de todas as doenças pela agua e um systema de alimentação que parece muito racional.

NA AVENIDA



—O que fez você em 50 anos?
 —Obedeci, sem repontar.
 —Mas isso faço eu desde que me entendo e nin-
 guem me deu nada. Vocês—coitados!—ainda me dão
 alguma coisa. Coronhadas! Espadeiradas! Finalmente,
 o prato predilecto da minha cosinha: peixe espada.



BARRACA DOS TABACOS.



M. S. ROMÃO

COMISSÃO PROMOTORA
KERMESSE



ALVARO R. VALENTE



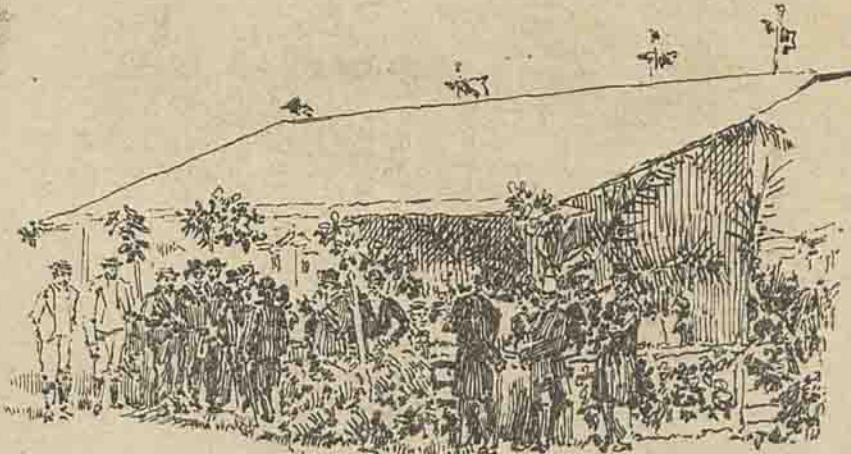
A. RAMOS PINTO



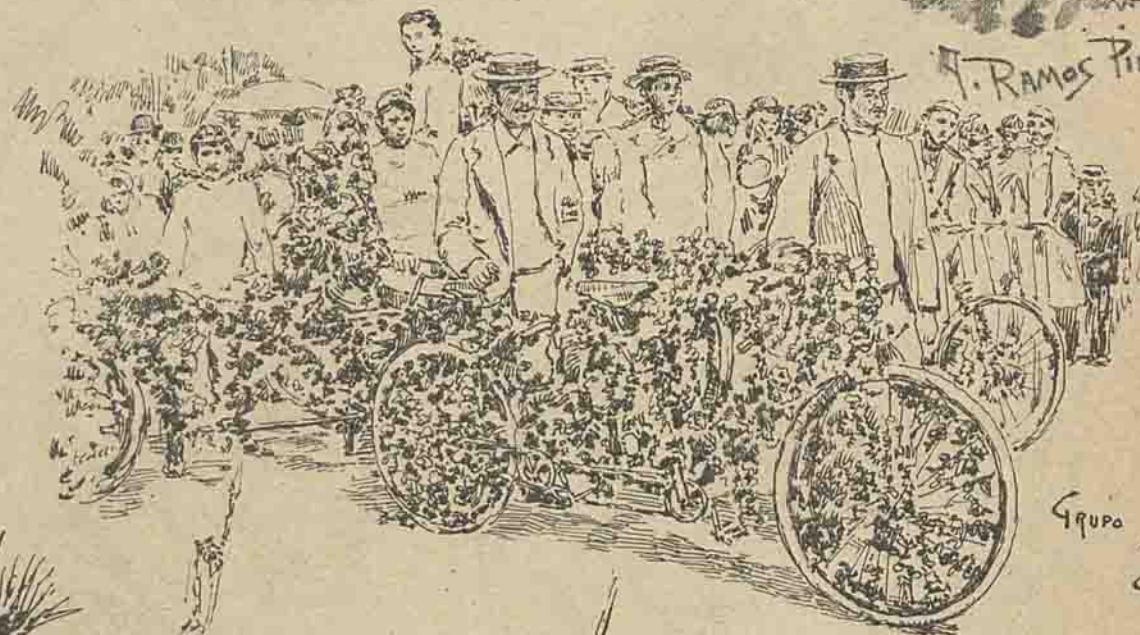
BARÃO DE PAÇO-VIEIRA.
(ALFREDO)



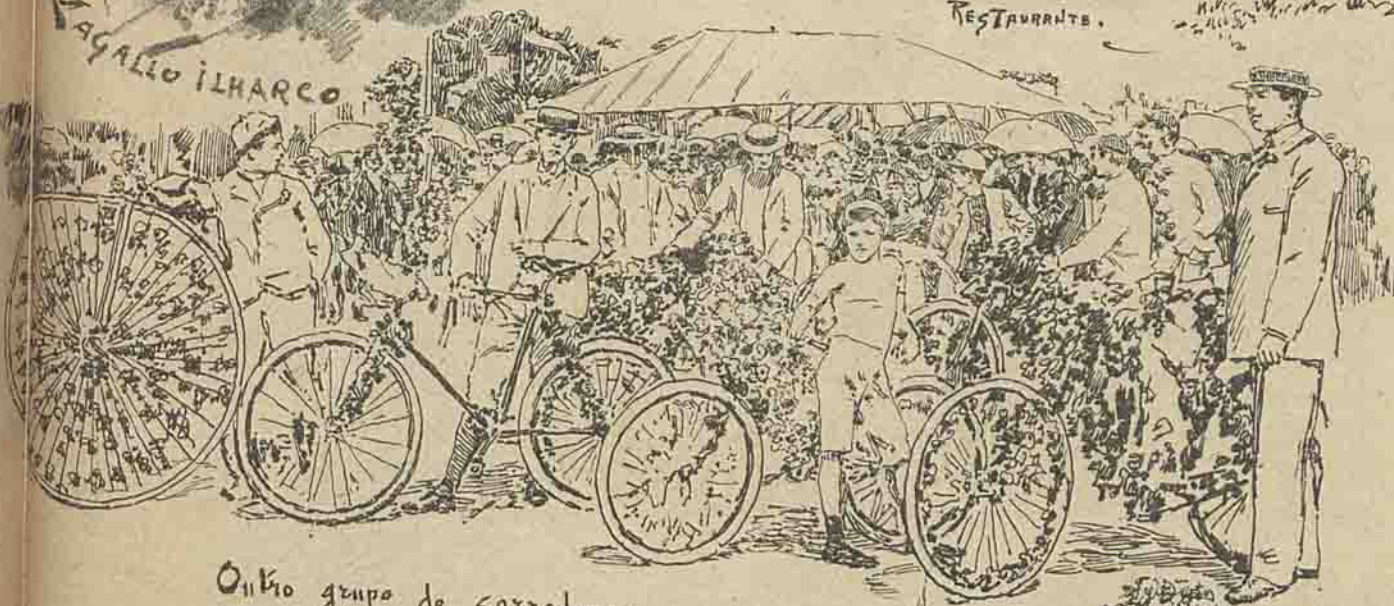
MAGALHÃES ILHARCO



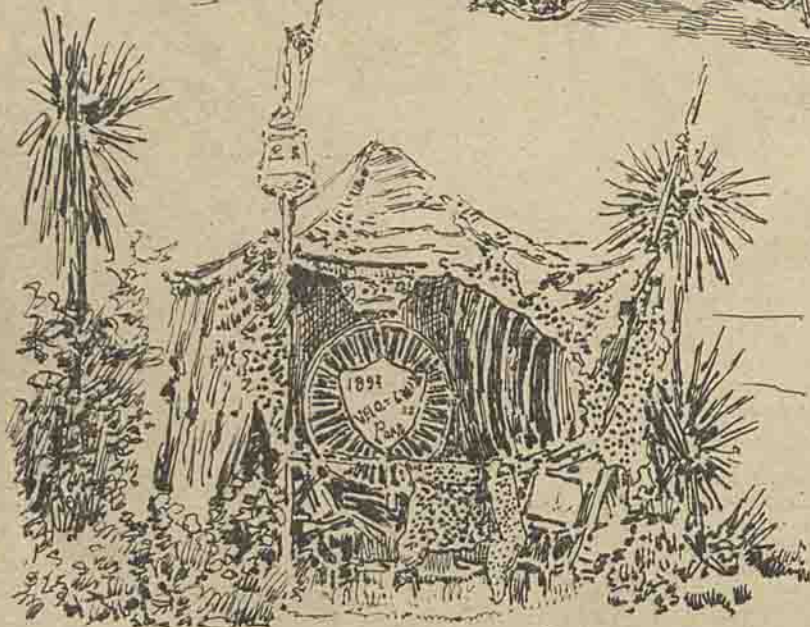
RESTAURANTE.



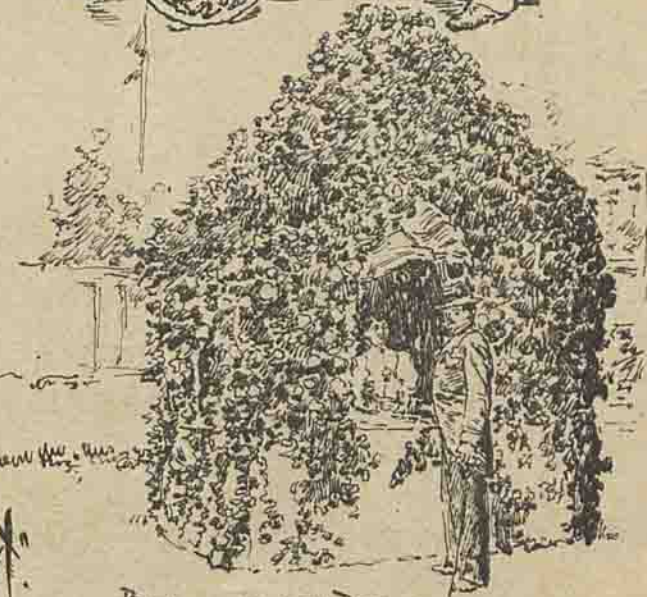
GRUPO DE CORREDORES



Outro grupo de Corredores.



BARRACA DA "RODA DA FORTUNA"



BARRACA DAS FLORES.

Kermesse no Real Velo-Club do Porto

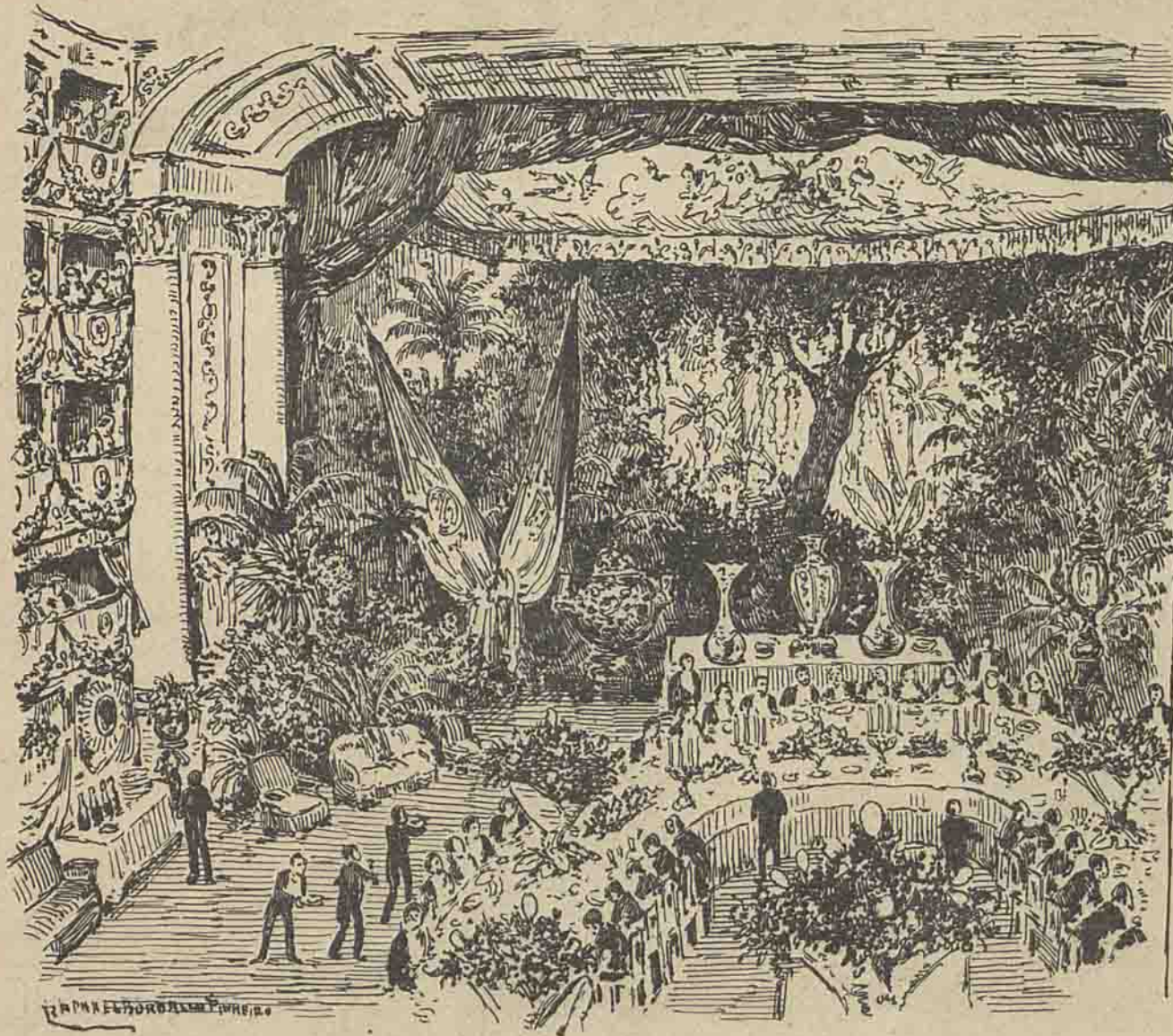
Realizou-se no Porto uma festa brilhantíssima promovida pelo Real Velo-Club, em benefício do dispensário da Rainha. Aproveitamos a ocasião para publicar alguns aspectos da Kermesse, que correu cheia de animação e de elegancia.

As mais lindas flores e as mais bellas damas da roda portuense disputavam-se o encanto da festa.

O velodromo, onde a Kermesse teve logar, é um magnifico recinto, unico no paiz, com todas as comodidades e luxo d'um club altamente constituido. O presidente é o barão de Paço-Vieira (Alfredo) e á sua iniciativa interessada se deve o desenvolvimento a que chegou o velho Porto cheio de granito e de melancolia.

Felicitamos o barão de Paço e os outros membros do Velo-Club, pelo completo exito da sua festa, que collocou a cidade d'uma cidade moderna, onde se fazem as mais accessas batalhas do mundanismo e do sport.

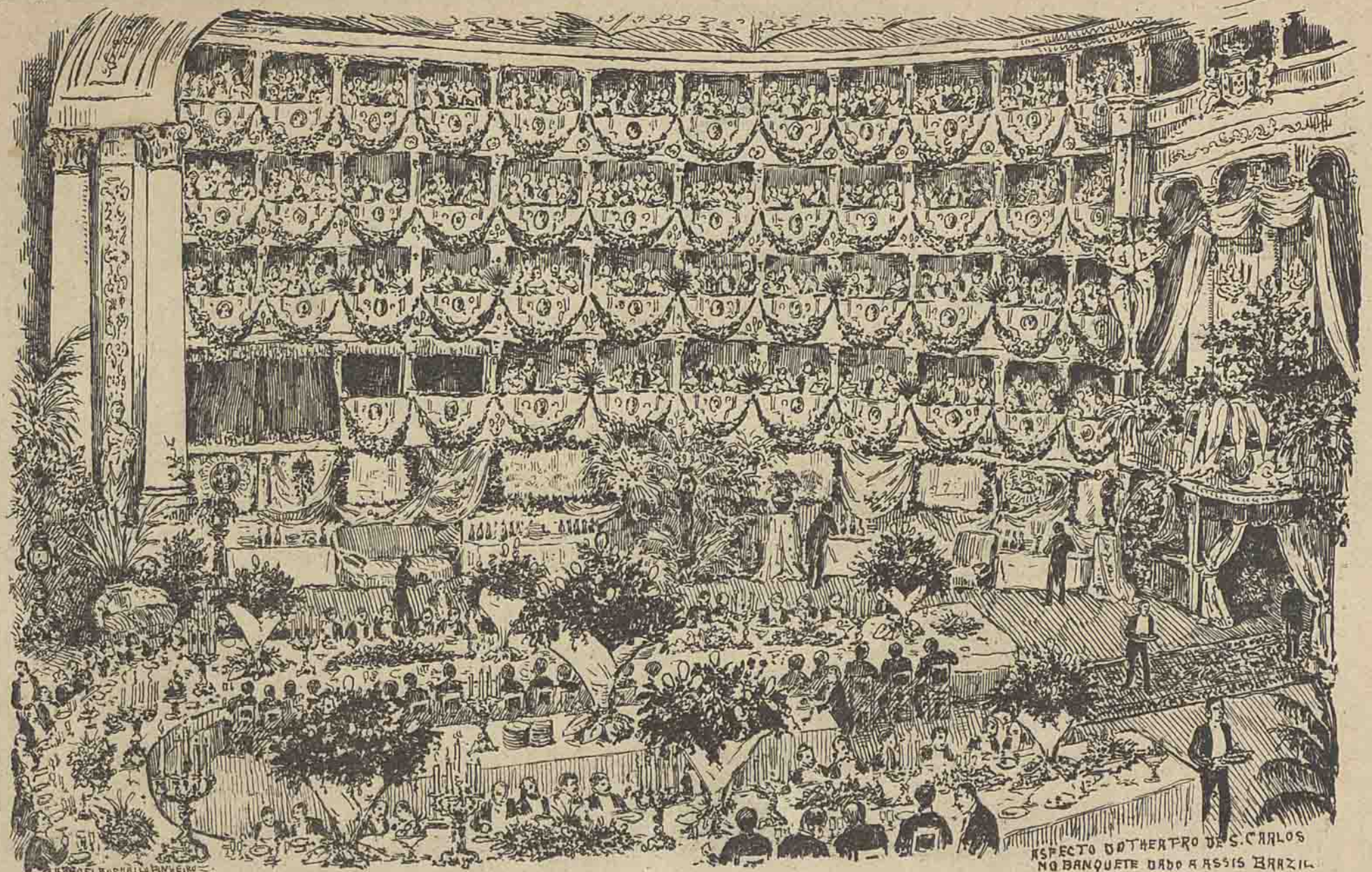
S. Carlos—O Jantar ao Ministro do Brazil



Aspecto do proscenio, do lado da presidencia. Na pagina seguinte damos o aspecto geral da sala.

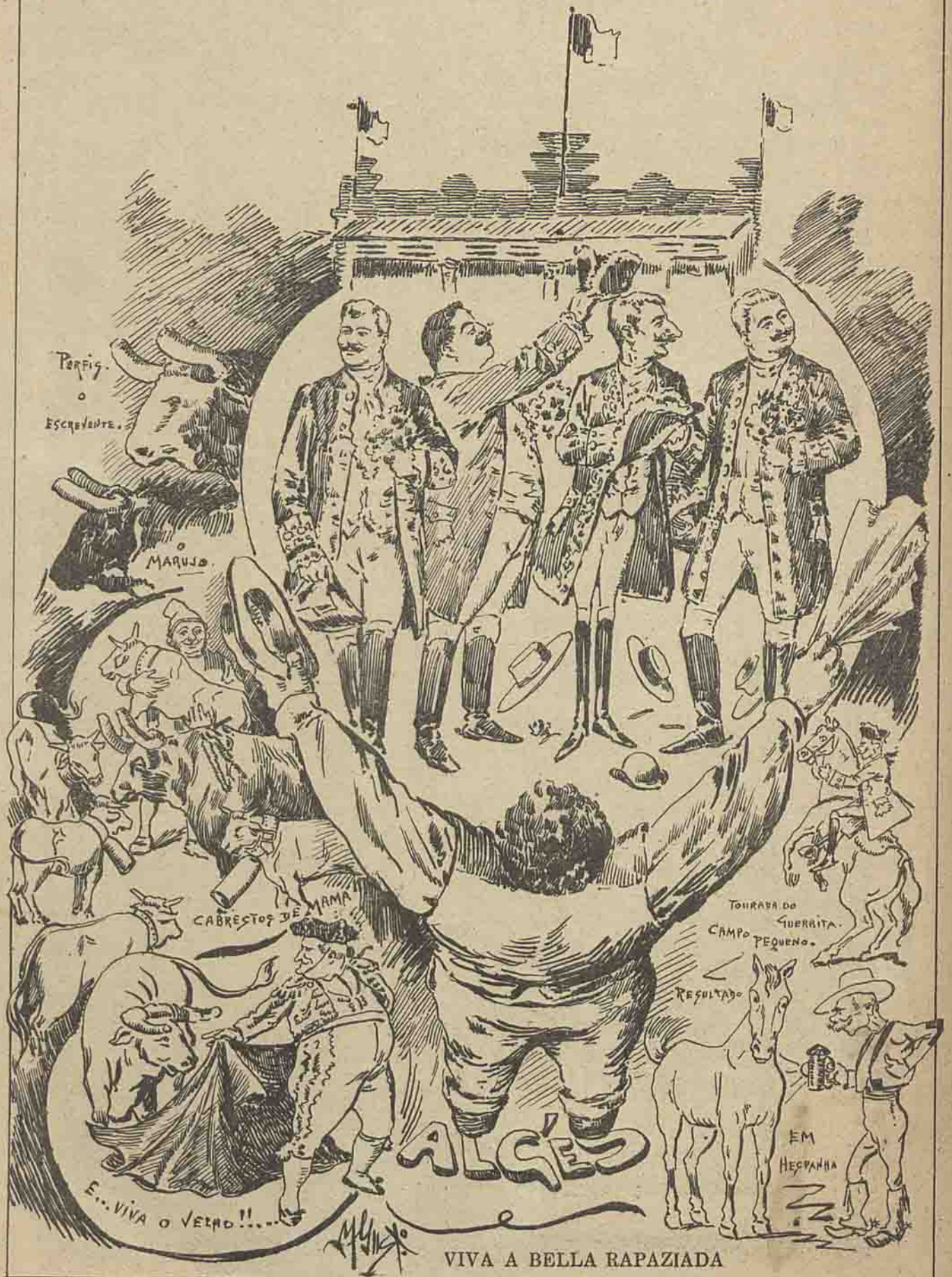


Entre as peças que serviram á decoração da sala do theatro de S. Carlos, por occasião do jantar a Assis Brazil, notava-se a magnifica obra d'arte do auctor japonéz Mushihana, que figurou na exposição de Tokio, em 1890. E' propriedade do nosso amigo sr. Custodio Borja.



ASPECTO DO THEATRO DE S. CARLOS
NO BANQUETE DADO A ASSIS BRASIL

Inauguração da Praça d'Algés



VIVA A BELLA RAPAZIADA

GRANDEZA O
CARTAZ ANTONINO



Dá licença que vá lá dentro?

O CENTENARIO



OS FESTEJOS



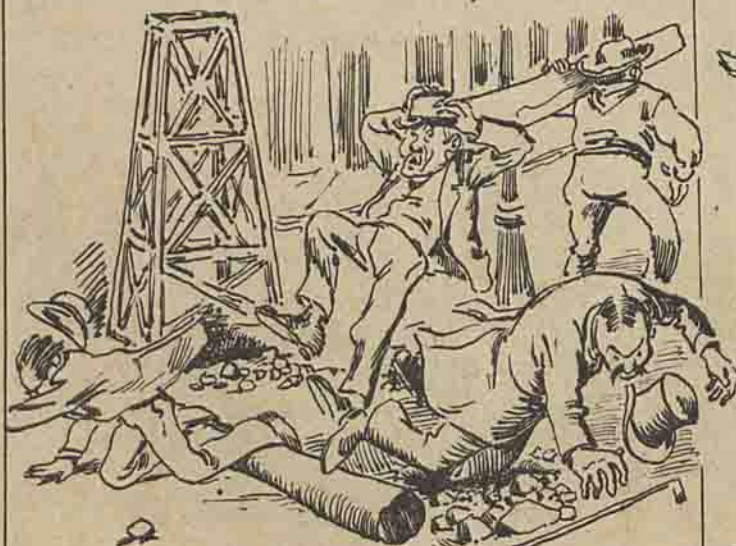
—Oh! meus senhores, não esqueçam o holophote...
 —O holo... quê?



AS ILLUMINAÇÕES



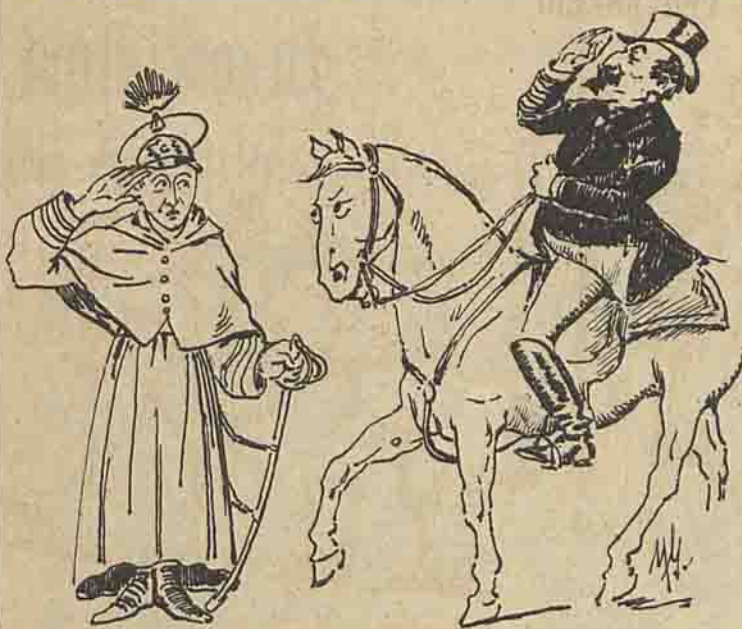
Santo Antonio não sabe como aparecer.



OS PREPARATIVOS



—Assim para o Commercio? De braço dado com Mercurio?



Assim para o exercito?

De tenente coronel?



Ponham-lhe um chapéu alto, a vê...



—Assim para as Artes? De braço não dado com a Venus de Milo?



Extrangeiros nas festas: Um... e caixeiro viajante.



Variados Santos. De caracoes, de cabelo apartado, careca de cabelleirs. De chapéu de palha...



Antoninos.

Investidura do Rei d'Almedina

NOVO REI DA MADUREZA (*)



Eu o rei da Madureza
 Que não sou qualquer D. Fuas
 O mais conhecido das ruas
 d'esta abençoada Lisboa,
 terra do Santo Antonio
 que é um grande pandemio
 que chama a estrangeirada
 que sahe bem embagalhada;
 Te nomeio a ti oh Fedis
 A quem tambem chamam Delguim
 Tu que és mesmo um Seraphim
 d'aquelles de perlim pim pim
 Nomeio-te porque o não pedes
 O maior dos Delguims Fedes
 que cheiram a trebentina
 E tambem a polvora fina
 da mais pura d'Almedina
 E's a peça collossal



Nomeio-te em Portugal
 Intendente ornamental
 de tudo que cheira a arte
 d'aqui e d'aquella parte.
 Só tu sabes dirigir
 Collocar separar enfeitar e intrujir
 porque és maduro d'entupir



e Inspector d'Academia
 do tempo da minha tia
 o que é uma grande fatia



Tu que em Mo
 por tudo espres
 to puzeste a
 e correste até
 pr'as bellas



Tu que aprendeste a sujar
 no monte onde se sabe lavar



E que depois tens sujado
 tudo que tens restaurado
 tudo em que pões os dedinhos
 tens sujado não só telas e mais telas
 quer de paninho ou vitellas



Mas até escarpellas
 Os mais antigos pergaminhos
 escondidos nas capellas
 Ornamentadas d'anginhos
 E's grande, és sabio!



Tu que obscenidades escreves
 na base da estatua nua
 da mais bella das artes bellas
 que lá nas Verdes Janellas
 enches de porcarins
 eguaes ás que rapazes da rua
 Escrevem em novas paredes
 Tu que tudo sujas, tudo, tudo
 e em mau estado pões a roupa branca
 quando te ameaçam com uma trança



E's nomeado com grandeza
 o maior da madureza
 para levantar em Portugal
 a bella arte ornamental



que ficará sem igual
 no enorme arraial
 que tudo hade espantar
 vindo gente d'além-mar
 que tambem te hade louver.



com muito dar ao badallo
 Escorraçaste o tal Bordallo
 dos Paços de S. Vicente,
 Onde não vae toda a gente



Fizeste
 para as Cal
 Cantando q
 triste como
 dentro d'um
 Todos te
 Excepto o
 etambem
 Terás um
 por ter fei
 mentado
 outro lado



E's nobre, és rico
 não és uma alimaria de fanico.



Serás collossal,
 enorme escultural
 elevando a arte ornamental
 Delguim Fedis, o grande
 será universal
 e gloria de Portugal!



Eu, o rei da Madureza
 te consagro mais do que eu
 não só por tua esperteza
 mas pelo ar de camafeu



E pr'ó chio e pr'ó bio
 E's Delguim d'assobio
 Vae p'ra torre do Bujio.

RAPHAEL BODQUILLO PINHEIRO.

(*) Typo popular das ruas de Lisboa, que faz discursos em prosa rimada, com grande gaudío do rapazio.



Os que ganharam antes...

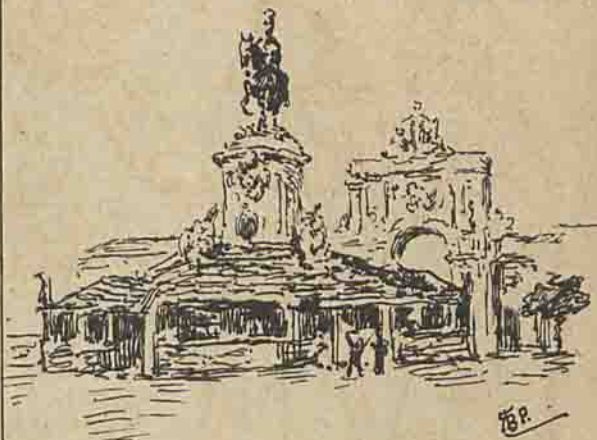


Os que ganharão durante...



Os que ganham sempre...

PARA OS ESTRANGEIROS VEREM



Bem lembrada ornamentação para mostrar aos que vem de fóra a falta de respeito que ha pela arte nacional.—O gazometro na torre de Belem já era pouco.

Cigarros Antoninos da Companhia dos Tabacos



Tão lindos os chromos dos involucros como saborosos os cigarros. Este milagre, não é o das bilhas representado no desenho, é o da finissima cigarrada imaginada por Justino Guedes.
Uma fumaça que é mesmo uma belleza!

A PROPOSITO DE CENTENARIOS

ADMIRAÇÃO



Camões—O meu não foi mau.
 Pombal—O meu foi peor.
 Santo António—Oh! Filhos e então o meu?
 Camões—Ora, Santinho, evita lá isso...

Uma ama de leite—E ha que tempos que elle traz
 o menino ao collo!

INTERVIEW ESPRESS

Ao passar pelo Chiado,
 Encontrei, mais o menino,
 Santo Antonio disfarçado,
 De calça á bocca de sino,
 Grande chapéo desabado.

O petiz, de andaina inteira,
 Fato á maruja, com cinto,
 Vinha subindo a ladeira
 Com bonnet á Serpa Pinto
 E sapato de biqueira.



Soltando um grito de espanto,
 De estranha satisfação,
 Ao ar os braços levanto,
 Parei ao pé do Leitão
 E apertei a mão ao santo.

Os cumprimentos do estylo
 Ao franciscano ali fiz,
 Falámos n'isto e n'aquillo,
 Dei um beijo no petiz
 E fomos fazer o chilo.

Eis, em phrase mal rimada,
 Posta de parte a tolice
 E a musa hereje e confiada,
 O que o santinho me disse
 Pelas tres da madrugada:

«—Compadre, andamos mettidos
 «Ha dois dias, n'este inferno,
 «Chegámos aqui, trazidos
 «Pelo trem que o Padre Eterno
 «Pôz a preços reduzidos.

«Andamos n'este fadario
 «Muito mais mortos que vivos,
 «Vestidos de salafario,
 «A ver os preparativos
 «Das festas do centenario.

«Na Avenida, os carpinteiros
 «Levantam grandes zimbórios,
 «Nas escadas dos bombeiros,
 «Vi tambem os lavatorios
 «Da rua dos Retrozeiros.

«Vimos os arcos de gaz,
 «Coretos a estacaria
 «Que o povo abysmado traz,
 «Na kermesse da Alegria,
 «Comprei sortes ao rapaz

«Informei-me, pela rama,
 «Sobre as festas projectadas,
 «Farto estou de pisar lama,
 «Dez horas e bem contadas
 «Levei a ler o programma.

«Compadre, adeus e consinta
 «Que eu lhe ferre quatro beijos,
 «Vou partir antes de trinta,
 «Porque prefiro os festejos
 «Em Freixo de Espada á Cinta!»

Fomos ainda libar
 Tres copos de vinho fino
 E o santo foi-se deitar,
 Elle emais o seu menino,
 N'um hotel de pernoitar.

Saiba o mundo e saiba a historia
 Que o chorado thaumaturgo
 Desceu dos reinos da Gloria
 P'ra vêr as festas que o burgo
 Lhe faz á sua memoria

A toda e qualquer pessoa,
 Diz o santo, que deu brado
 E a quem a fama apregôa,
 Que achou por mal empregado
 O vir do céu a Lisboa!

Esculapio

Grandioso numero a acrescentar ao programma dos festejos antoninos

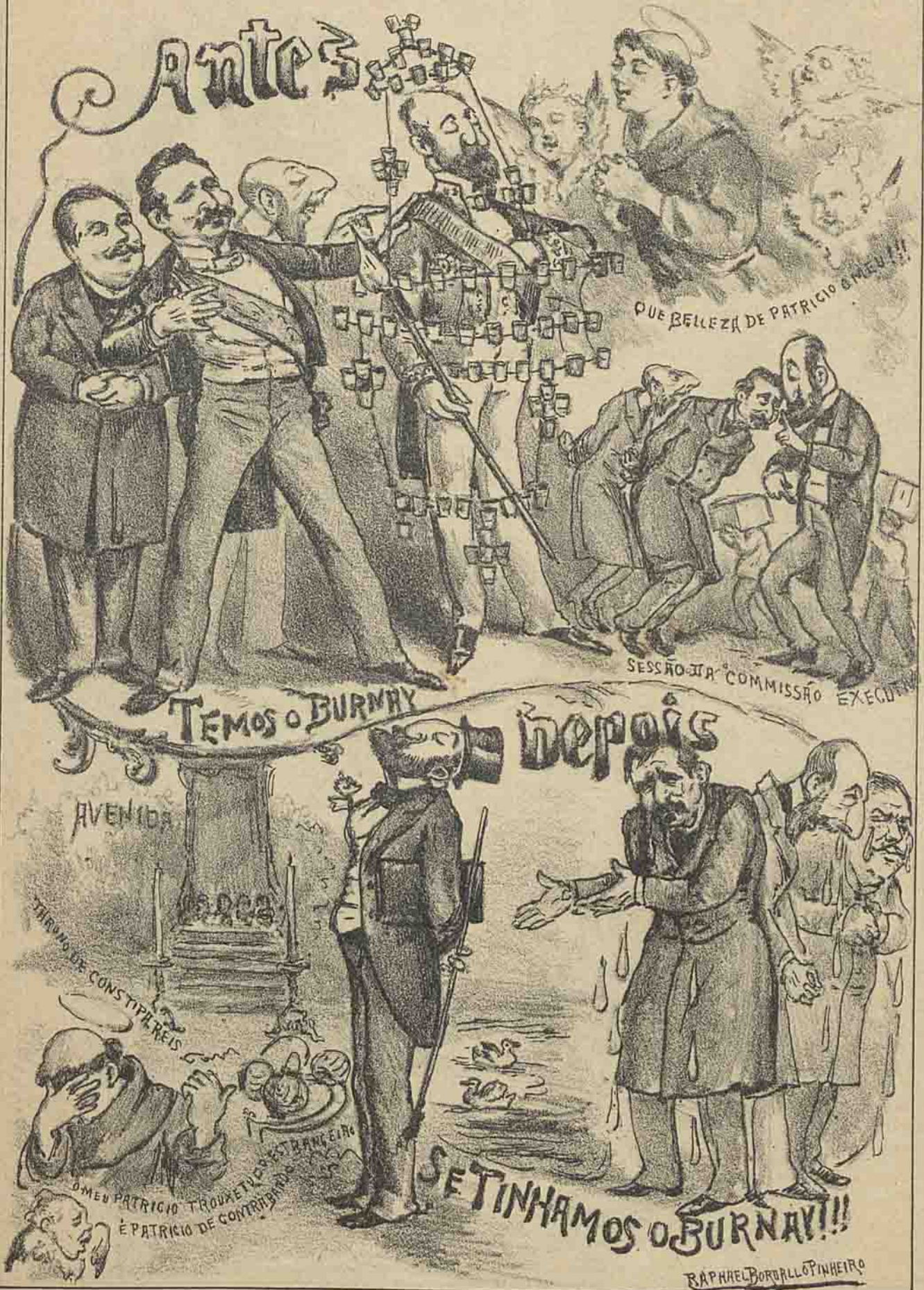
CONVERSÃO DOS INFIBIS



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Batismo dos judeus que fazem parte da comissão.

As festas do centenario de Santo Antonio



O CORTEJO HISTORICO

OS PERSONAGENS



O 32 da 2.ª—Vae uma golada?
1.ª Virtude—Não vae nada em jejum.



Os pendões —Varas em arcos de pipa conduzindo — tem-te não cahias—os guardanapos a que deveria assoar-se a Comissão dos festejos.



Clero, nobreza e povo do seculo xiii
—Uma companhia de infantaria, a toque de caixa, fumando, rindo e galhofando como em plena bambochata seculo xix.



Grande batuque seculo xiii.



Frades dominicanos, em continencia franciscana.



Vestaes de tres ao vintem.



Ironias populares—O áquelle! Tira a lata do rancho da cabeça.



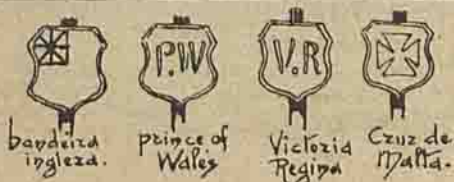
Poeta symbolista do seculo xiii. Lan-
ceiros 2.



Bispo em visita pastoral á Baixa. Ba-
culo, mitra, manto, pileca—tudo ás tres
pancadas—uma pandega... episcopal.



Guttenberg preso por abuso de li-
berdade de imprensa.



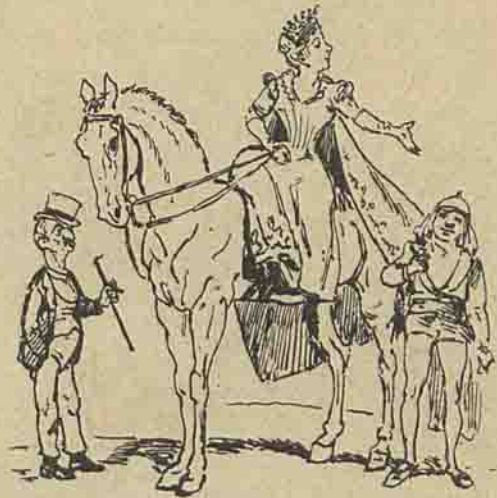
bandeira
inglesa. Prince of
Wales Victoza
Regina Cruz de
Malta.

Ornamentações das ruas. Escudetes
ingleses para festas portuguezas.



Dois personagens que faltaram ao
cortejo historico—um no principio, ou-
tro no fim.

SPAMPANI



— Isto não tem geito nenhum!
Não posso ser rainha da tal farrapada
e não gosto de pãosinho com linguça.

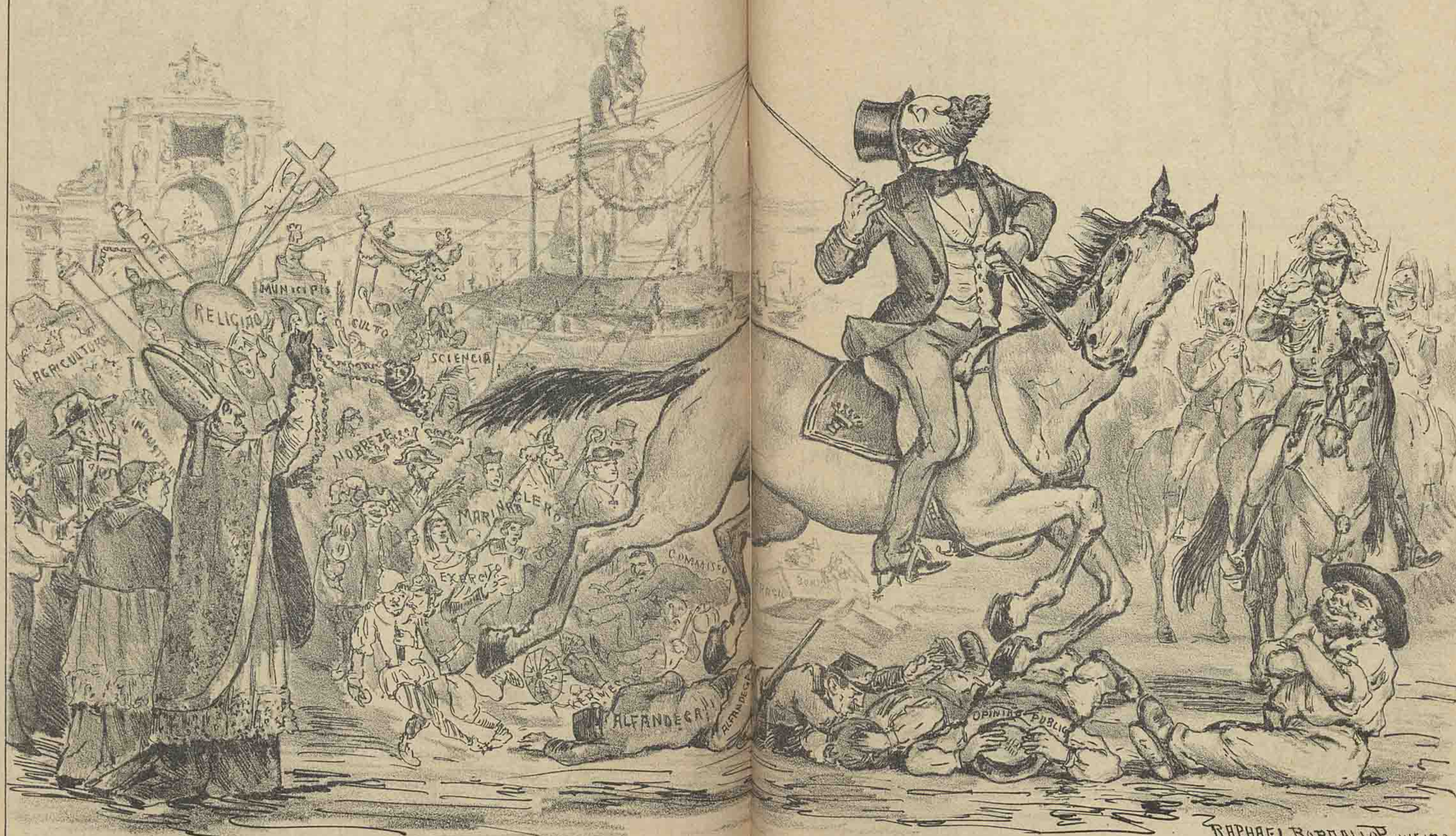


Antes da sahida do cortejo—Não
pago virtudes a mais de oito tostões.
E' pegar ou largar. Se não convém,
toça a girar.

— O' sympathico Não posso fazer-
lhe semelhante cousa por menos de
dez tostões e um pãosinho com lin-
guça. Bem vê que sou a Perliquitetes.

— Vá lá. Vá lá e está com sorte.

As festas do centenario de Santo Antonio
SYNTHESE
BURNAY-BARNUM—GENERALISSIMO DAS FORÇAS DA TERRA E MAR



FOI ASSIM!

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



I *Predecessores do sr. conde*—
Apresentação da companhia pelas ruas
da cidade.



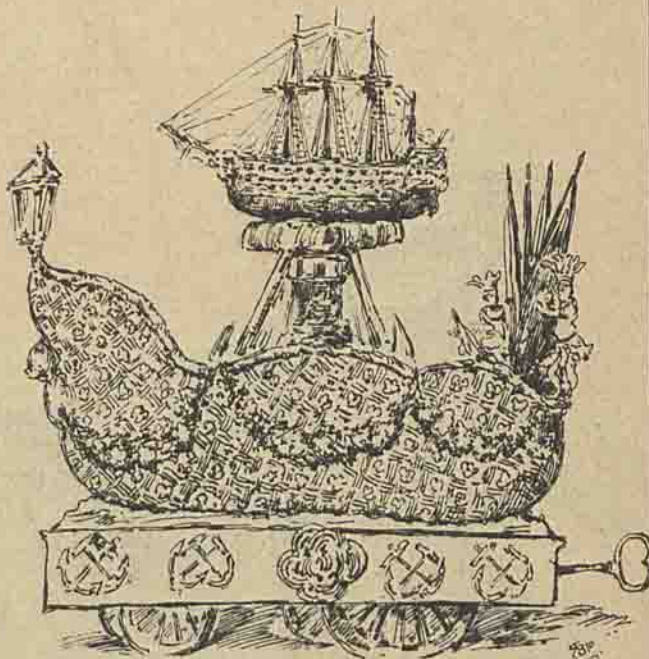
II *Aqui e nos cyrios do Cabo* com
outra farpella.

NEGAÇAS DIVINAS



S. *Jorge e Santo Antonio*—Ao me-
nos, no meu cortejo os pretos são
authenticos.
Os teus não cheiravam a catinga,
cheiravam a rancho...

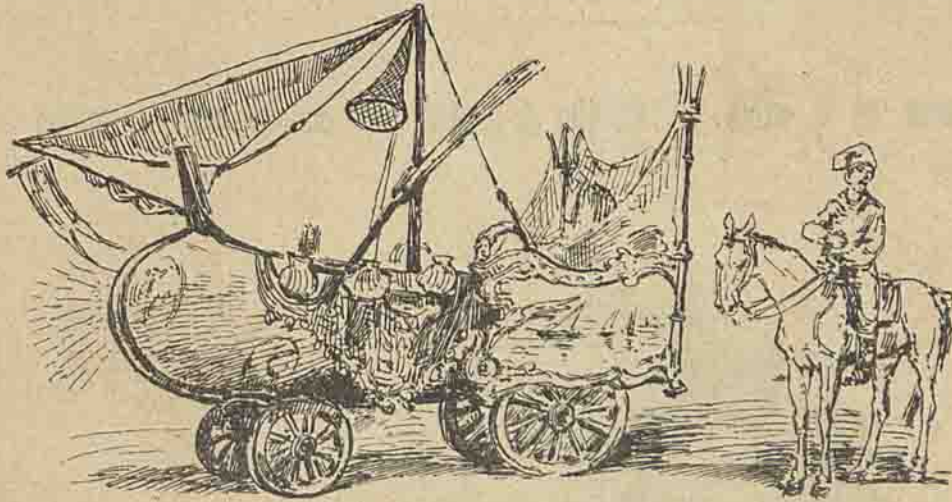
OS CARROS



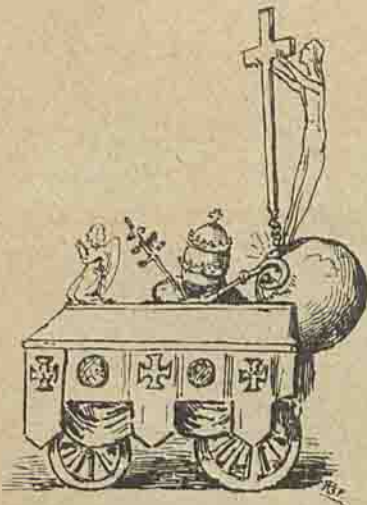
Carro da marinha—Reclamo ás bo-
lachas do nosso amigo Eduardo Costa.
Tinha corda e ondas com movimento,
mas, ao sahir da Alfandega, quebrou-
se a móla. Ornamentado com figuras
da tabacaria. Nota-se a falta de uma
redoma, como as que são de uso em
peças d'esta ordem.



Carro da Sciencia—Carro de pho-
tographias instantaneas. Opera-se com
todo o tempo; guardam se os clichés
para reproduções. Garante-se a es-
crupulosa execução. A 1:500 réis a
duzia.



Carro da pesca--Uma muleta a arrotar postas de pescada por ter vistas de mar nas trazeiras. Leva içado o signal de tempestade -- o camaroeiro. Ladeado de pescadores a cavallo.



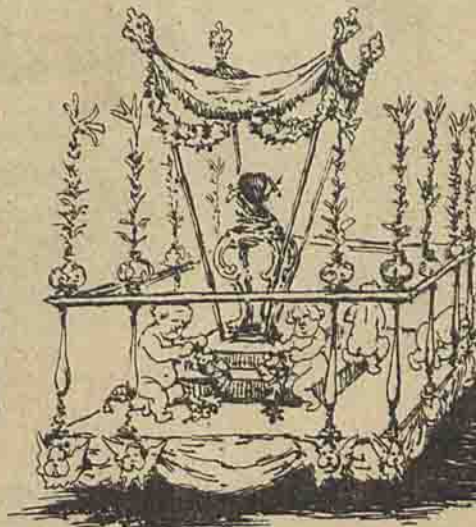
Carro da Religião--Fé e equilibrio. Sobre um orbe de circo, uma funambula vestida de penitente, mantem a prumo uma cruz. (Vozes: Basta! Basta!). Dá accesso ao estrado onde se executa este trabalho, uma escada ornada de uma vistosa passadeira vermelha. Em volta, frades entoando o côro dos Huguenotes.



Carro da Arte--O sr. conde d'Almedina, na casinha, em attitude de estar lá dentro. Metade da Venus de Milo, porque a outra metade tambem lá está dentro.



Carro da Imprensa--Menino d'oiro dançando o fandango diante de um prelo de Guttenberg.



Carro das virtudes theologaes--ou os meninos de Palhavã jogando os quatro cantinhos. Ladeado pelas virtudes perliquitetes a dez tostões por cabeça.



(CONTINUA NO PROXIMO NUMERO)

Quem vê a calva do visinho a arder, põe as barbas de molho



Vasco da Gama--Eu cá estou de molho no Tejo. É a única cousa que elles não podem estragar.
Santo Antonio--Que illusão! Com as grandes commiões, o Burnay, um pouco de boa vontade e alguns conselheiros, tudo se estraga n'esta terra!

NO ARRATAI



D. José I:—Então, velho amigo, boa bēsta, andas ou não andas?
O cavallo:— Saiba, Vossa Real Magestade, que não posso. As silenciosas *Singer* pesam mais que toda a real pessoa de V. M. com armadura e tudo.

OS CARROS DO CORTEJO HISTORICO

(Continuado do numero antecedente)



Carro das Colonias—Representa as nossas conquistas no Egypto e a construção das pyramides pelos portuguezes na epocha de Santo Antonio. Uma sphinge levanta a cauda em palmeira de leque, um tanto irreverentemente

para o symbolo da Sociedade de Geographia e faz figas á pretalhada do cortejo. Acompanhamento do pessoal da *Aida* e da *Africana*. Cheios de nostalgia, um elephante e duas cegonhas.



Alguns carros decorativos que, por discordancias sobre pontos historicos com o sr. Burnay, não se encorporaram no cortejo e se mostraram ao accaso por essas ruas de Lisboa. Foi pena porque havia alguns que eram uma belleza...

Variações

Agora que das festas do centenario de S. Antonio deixaram de existir vestigios, tendo-se arrancado as ultimas bandeiras, rasgado os ultimos balões e dada a ultima fricção d'arnica (porque esta festa tambem metteu arnica), ao commentador livre de preconceitos tanto reaccionarios, como liberaes, isto é, ao commentador que não tem a honra de ser o sr. Barros Gomes nem a ventura de ser o sr. Feio Terenas, cumpre dizer duas simples palavras.

Não é das attribuições d'um periodico d'esta natureza, discutir se houve ou não oportunidade em celebrar, n'estes dias de fria analyse, o advento d'essa especie de conego Alves Mendes do seculo XII, que se chamou segundo os criticos Fernando de Bulhão, segundo as gerações devotas Antonio, o Santo, tambem dito de Padua.

O *Antonio Maria* não pretende fazer exegese, e tão orthodoxo, quanto é possível ser, n'um meio como o nosso, tão propicio á conciliação o mais que busca é fazer troça — essa velha forma da ironia, a que nem os Santos tem escapado.

Sob este ponto de vista, o *Antonio Maria* não acha que *Santo Antonio* tenha mais immuniades que o sr. Pontes Pereira de Mello, ou o marquez d'Avila, de quem tanto se occupou no tempo da sua gloria.

Assim, é sob o ponto de vista social por um lado, por outro lado, sob o ponto de vista artistico, que consideraremos essas festas, que é hoje voz geral, terem sido um tão monumental fiasco, que assumiu as proporções d'um verdadeiro escandalo publico.

Se, organisando semelhante celebração se teve em vista, attrahir as atenções de um publico, vagamente desdenhoso, para o desenvolvimento recente do movimento catholico em Portugal, o que se conseguiu foi

avériguar que se esse movimento realmente existe não é nas consciencias que elle se manifesta, mas mais propriamente nos calcanhares, porque, eis a dolorosa verdade, senhores catholicos! — o que ultimamente se viu em Lisboa não foi a reacção a avançar, mas padres a fugir. Não se ia para Roma, ia-se para Villa-Diogo.

Isto desprestigia.

A sociedade, que outra coisa não é esta turba multa que andou a passeiar pelas ruas de Lisboa, encalmada e triste, viu com surpresa que a Egreja não fôra fazer uma demonstração, mas uma experiencia, de que se sahio mal ferida, deixando o solo, juncado d'alguns baculos e muitas sombrinhas de senhora.



A unica coisa forte que ia no cortejo religioso do dia 30, era a Guarda Municipal. Notou-se com espanto que o Patriarchado apesar de contar, com a protecção divina não prescindiu do auxilio do general Queiroz. Deus não basta; ora isto é mau dizer-se. Deus deve chegar para tudo, porque elle é omnipotente. — Affirmar o contrario é perder terreno.

A propaganda catholica em Portugal perdeu evidentemente terreno. Quiz captar almas e tornou-as suspeitosas; quiz adquirir espiritos e pôl-os de sobre-aviso. Pouco segura da sua influencia, sabiu para a rua cheia de medo e ao melhor pretexto, desatou a fugir, enchendo de panico uma população inteira e dando o espectáculo d'uma pusilanimidade, que foi a sua perda e a sua condemnação. Viu-se isto: conegos fugindo de sotaina arregaçada, ecclesiasticos mudando á pressa as suas vestes para não serem reconhecidos, seminariastas arrancando precipitadamente as sobrepelizes, andores recolhidos nos vãos das escadas, creanças vestidas d'anjos perdidas entre a multidão,



pisadas e magoadas, irmandades a debandarem com suas opas e seus brandões de cera, gente devota e espavorida, fugindo não sabemos, a que ameaça e a que perigo — uma allucinação, um desvairamento, e uma loucura, que por não ter motivo apparente fez rir mas que teve uma causa intima que obrigou a meditar.

A Igreja trazia a pedra no sapato, e foi essa pedra que a fez correr.

* * *

Com a demonstração religiosa pretendeu-se fazer uma manifestação civica. Erro deploravel! Lamentavel confusão! A manifestação ou podia ser civica ou religiosa, mas nunca conjunctamente as duas coisas. Ou o Santo Antonio do Agiologio ou o Santo Antonio da Historia.

As correntes do pensamento moderno não permitem estas trapalhadas civico-religiosas.

D'ahi um novo fiasco.

O cortejo allegorico, em que a pretexto de se reconstituir a epoca do thaumaturgo se exhibiram carros de bolacha da Pampulha, reproducções ridiculas de Venus de Milo e prelos de tirar jornaes, seguidos d'um cortejo de soldados *costumés* em guarda-roupa de theatro de provincia, foi, pôde dizer-se, um verdadeiro batuque, indigno d'uma cidade civilisada.

Fizeram-se decorações inconcebiveis: as janellas da rua Augusta foram ornamentadas com tapos; na rua dos Retrozeiros pozeram-se lavatorios do hotel Mo niz; desfiguraram-se os monumentos publicos; esburacaram-se as ruas; interrompeu-se a circulação; erigiram-se coretos como cathedraes e para sustentar tres globos de luz electrica fizeram-se dois obeliscos ou coisa que o valha, que importaram em 1:200,000 réis, e que um arrematante acaba de comprar por 40,000 réis.

Projectaram-se illuminações que se não deram; durante os dias principaes das festas a baixa esteve ás escuras; das fontes luminosas toda a gente se riu; organisou-se uma archotada com 40 garotos; e, finalmente, fez-se estar o chefe do estado e sua esposa, no alto da Avenida, á espera d'uma marcha veneziana que elles, felizmente, não chegaram a ver e que a troça do publico já fatigado, se encarregou de desfazer, mal começava a reunir-se.

Foi empreiteiro d'esta diabolica patuseada, o Conde de Burnay, que se não pejou de collocar-se um dia á frente de soldados portuguezes e na presença d'uma cidade inteira que o via, assombrada, não teve vergonha de parecer o dono d'isto, como se Portugal não fosse mais do que o prolongamento dos seus jardins da Junqueira, e este povo, o pessoal pago da sua casa.

BIBLIOGRAPHIA

O *au delà* continúa a preoccupar as almas saciadas das coisas terrenas. Aqui temos o sr. Anthero de Figueiredo com um novo livro de anciedades, cujo titulo — *Alem*, é bastante significativo para que digamos ao publico o que elle pretende representar.

Pedaços:

«Eu sou aquelle tisico de face branca e olhos luminosos que, entre os demais comparsas, n'um palco de theatro, parece, como elles, mollemente entoar o côro que outrem lhe ensinou.

«Sou o mais fraeo de todos e minha voz não se eleva, mas as trovas que eu canto são outras, são minhas, compul-as eu; porque a Rainha que vem entrando as salas do Palacio, e em mim não repara que sou louco e doente, me illumina para o sorriso-luar da creatura que sonhei...»

«As meninas dos meus olhos foram, na verdade bem creancinhas, foram.

«Alacrés, enfeitavam-se ante o Sol que doira as coisas; ante a bondade que doira as almas.

«Se as visseis agora!

«Lembram perdigueiros quo perderam o dono, lembram anhos que vão para morrer.

«Olhos meus, orphãos pequeninos, quem vos disse tanto desalento, quem vos roubou tanta illusão!...»

Em Portugal chama-se a esta maneira vaga de dizer cousas vagas — *nephelibatismo*. Em França chamou-se-lhe *symbolismo*. Que significa esta especie de litteratura sem nexo, que ninguem entende, ninguem sabe o que quer, que não força a meditar, que não commove e que, no espirito sadio, apenas provoca a impressão perturbadora do delirio ou da embriaguez?

N'uma secção como esta não cabe semelhante explanação. Assim, forçoso é passar adiante, consignando com pezar, sempre que apparecem novas producções d'aquelle genero, que ainda não se manifestasse em Portugal, a forte reacção que se reclama contra uma tal neurose litteraria. E com tanto maior pezar o consignamos quanto vemos que muitos dos atacados d'esta nova insania poderiam sem difficuldade ser revindicados para a vida sã da intelligencia, como o sr. Anthero de Figueiredo e tantos outros, victimas da formidavel mystificação com que meia duzia de *fumistes* francezes pretendem crear-se um nome, uma gloria e uma fama especulando com a enfermidade e o genio de grandes degenerados.

Agradecemos ao sr. Anthero de Figueiredo a gentileza da sua offerta. A edição é lindissima, feita em Paris, na casa Lemerre, por incumbencia do sr. Antonio Maria Pereira, o activo e intelligente editor que tanto tem favorecido a divulgação de obras litterarias, entre nós.

* * *

Do Porto, mandam-nos um livro de versos assignado — *João Grave*. Com o mesmo nome conhecemos o publicista francez auctor do livro celebre — *La Societe mourante et l'anarchie*. Não se trata evidentemente d'este escriptor, mas sim de um joven poeta, um pouco inquinado já, por mal seu, do vicio *symbolista*. O seu primeiro volume intitula-se *Livro de sonhos* e apesar de ligeiramente banal na imitação evidente de um dos nossos grandes poetas lyricos, accusa uma fluencia e uma abundancia que são qualidades preciosas para mais tarde, quanto se possue talento.

EU U...

(Nota ao antecedente)



Clero, nobreza e povo.



A arte.

QUE LINDOS OLHOS TEM...



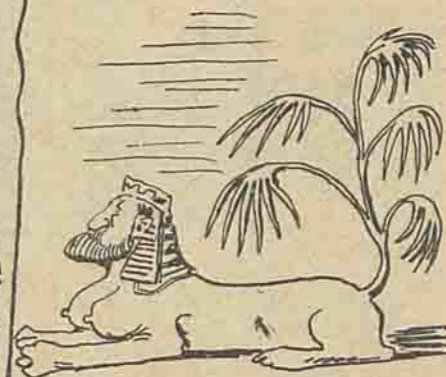
A Sciencia.



O Commercio.



A Industria e...



as colonias.



Balão, foguete de lagrimas e lamparina.



O cortejo historico.



As virtudes.



Irmao e seu anjinho.



A missa das almas e as alfandegas



O gaz, a electricidade, tijellinhas e luminarias.



Assistencia publica e prego.



Feudalismo, demagogia e phylarmonica.



Fui o Santo Antonio.



Serei o Vasco da Gama...



e pela...
tricio e...
Serei...
anarios, que, como as...
paiz. Tudo...
ditosa patria, minha...
venha a massa.



Sou filho do ganha dinheiro.



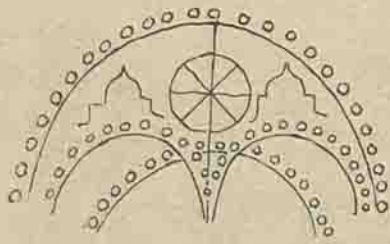
— Que seria de ti, sem mim, oh! Portugal, meu berço d'innocente, terra da mandria, á beira-mar plantada? Aguenta-te commigo que tenho actividade por todos e sou só um!



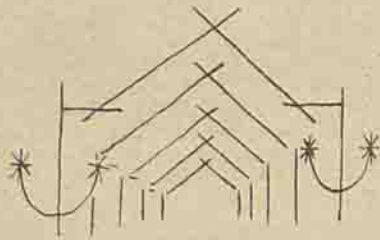
— Como o Augusto, da Trindade deves cantar: «Não ha terra como esta. «Tão feliz. Que grande pandegall!

RAPHAEL BORDALO PINHEIRO

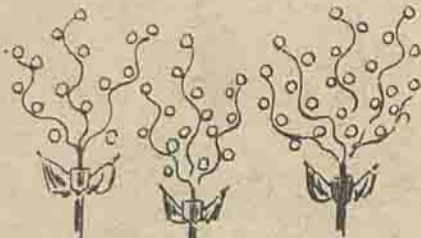
RESUMO
DAS
ILLUMINAÇÕES



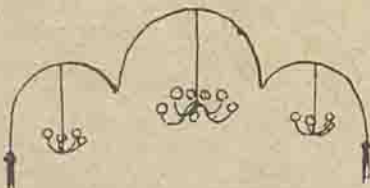
Rua do Ouro.



Rua Augusta.



Rua da Prata.



Rua Nova do Almada.



Avenida!...



Rua dos Retrozeiros. Apesar de haver tanta toalha e tanto lavatório, a comissão é obrigada a limpar a mão á parede.

Rocio. Fontes luminosas!...



Uma ideia luminosa.



Arco da
Rua Augusta

GAROTADA AUX FLAMBEAUX



Com lúcido e mavoreio acompanhamento que nem as senhoras da comissão tiveram.

EXPOSIÇÃO D'ARTE SACRA

A' excepção da 1.ª sala, as outras são isto que se está vendo.

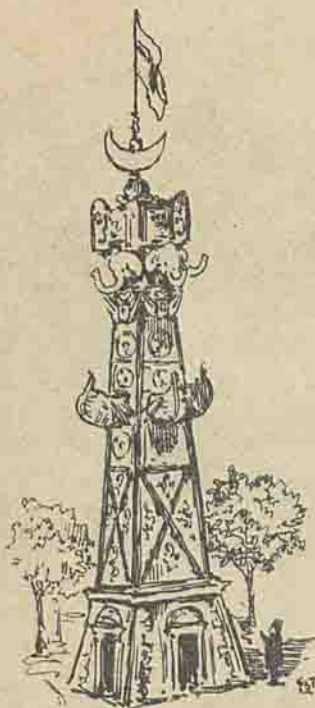


EMPRESTIMOS SOBRE
PENHORES
ALMEDINA & COM
HABILITADOS
RESERVA DE MESTRE



—Diz-me, se faz favor, quando é o leilão dos penhores não retirados?

ARRAIAL DO TERREIRO DO PAÇO



Um dos coretos do Terreiro do Paço. -Maneira simples de tornar detestável o elegantíssimo guarda-sol japonês. (Luminosa idéa do decorador do arraial.)

Terreiro do Paço. No buffete. A vingança do Serafim, do Silva,
—Entonces, que demo de xerbicio és este?! Baia uma gratificaxon!
Serafim, o mais generoso dos freguezes D. F., o mais attencioso dos garçons. Chacun á sa place.

CONCLUSÃO

A' VOLTA DO BAZAR

Entrada da Avenida. Primeiros ensaios de ornamentação para o centenario da descoberta da India. Quem os via de noite, dizia que o melhor seria vel-os de dia. Os que os viam de dia achavam que melhor seria vel-os á noite. Resultado: nem de noite, nem de dia, antes pelo contrario.



Um felizardo !

—Está preso!
—Preso porque? Eu não fiz as festas, não organizei os cortejos, não metti prego nem estopa para a rua dos Retrozeiros...
—Cale o bico, já lhe disse e gyre lá p'ra diente. Você riu-se, logo é anarchista. A mim não me embaça você!



Santo Antonio fallando ao peixinho e efeitos magicos da sua palavra.

M. N. Silva

ASPECTOS DA PROCISSÃO



Não fugiram...



Não se assustaram...



Nem se importaram!...

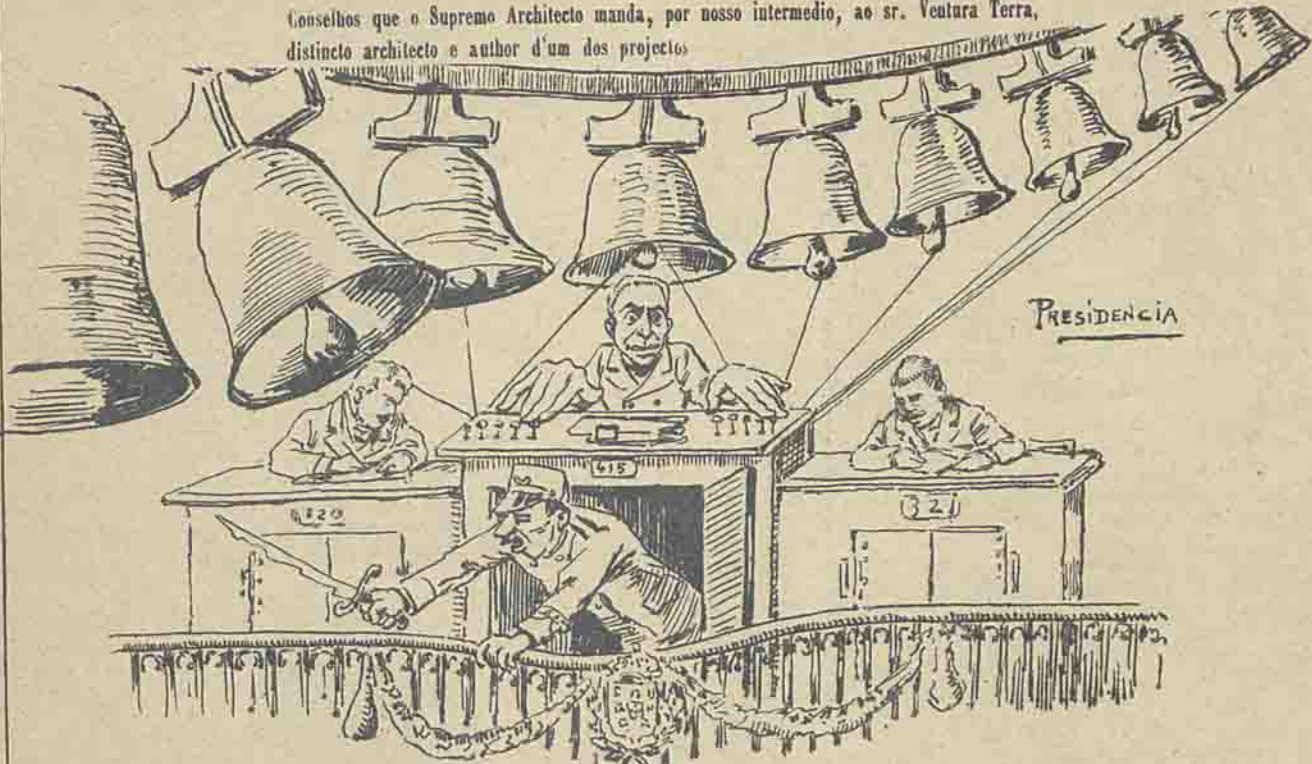


Abairoamento.

SALVE-SE QUEM PUDÉR

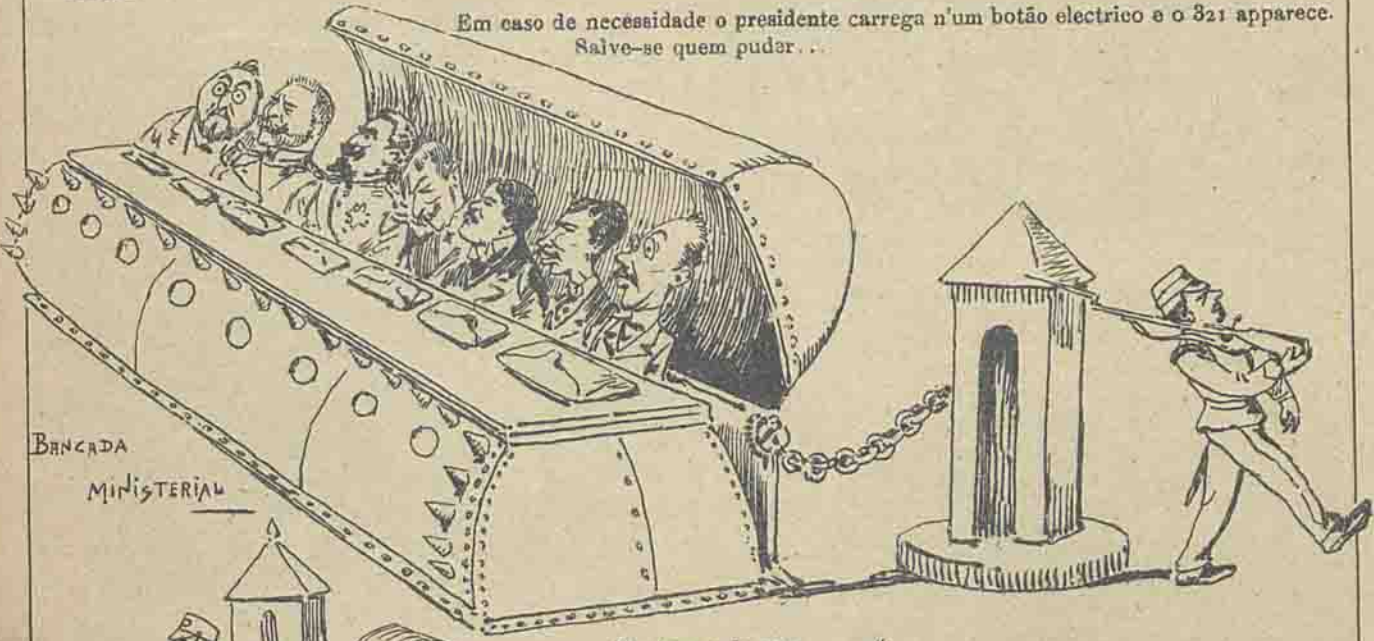
Para a reconstrução da camara dos deputados

Conselhos que o Supremo Architecto manda, por nosso intermedio, ao sr. Ventura Terra, distincto architecto e author d'um dos projectos

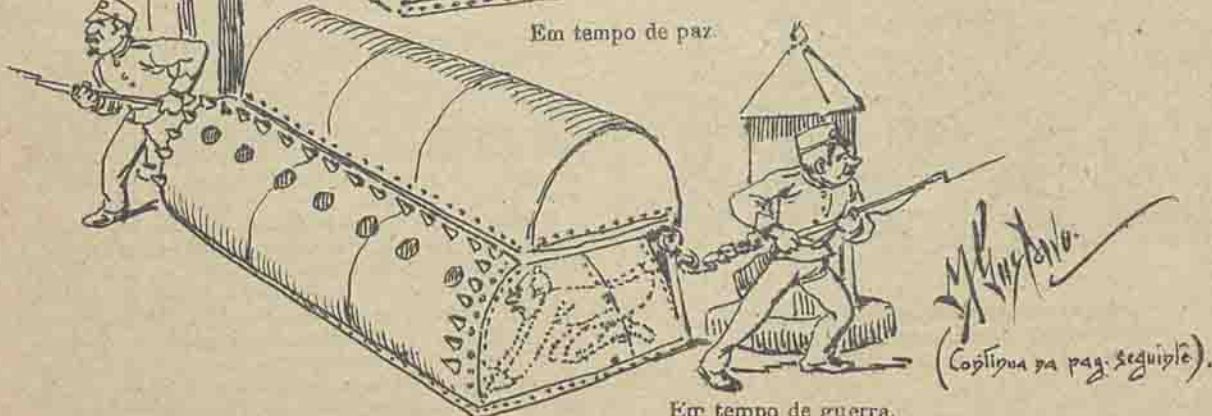


Demonstrada a inutilidade da campanha no tempo de trovoadas parlamentar, virá o carrilhão de Mafra, substituído-a.

Em caso de necessidade o presidente carrega n'um botão electrico e o 321 apparece. Salvo-se quem puder...



Em tempo de paz.

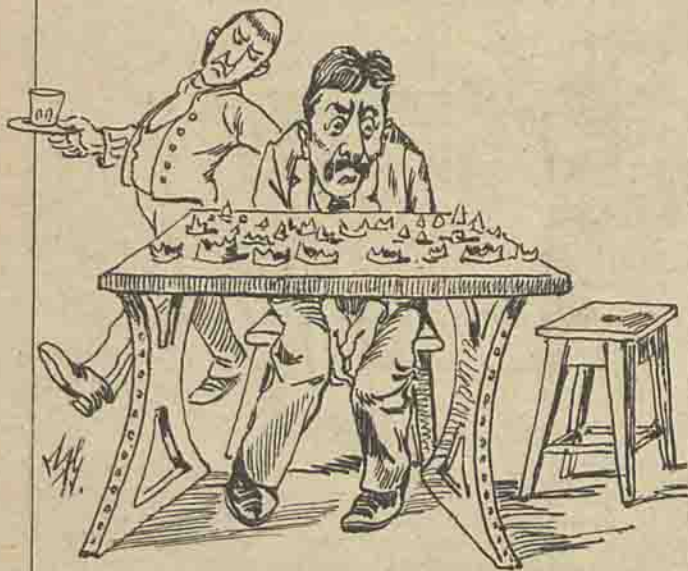


Em tempo de guerra.

(Continua na pag. seguinte).



Para a maioria . poltronas de veludo e carteiras com incrustações de madreperola. Estylo... Não te rales...



Para a opposição : bancos de cosinha e carteiras com incrustações de vidros de garrafa. Estylo. Muro de quinta.



Tribuna para os oradores perigosos. Não necessitam letreiro já todos sabem que é preciso cautella com elles.



O Amieiro enviou-nos esse modelo de vestuário para ministerios tremelicantes. Pódem cabir que não se magoam.

BIBLIOGRAPHIA



Mulheres—por Colete (Claudia de Campos).

Antonio Maria gosta de rir, de troçar, de se divertir à custa dos outros, mas quando na sua banca de trabalho apparece um livro como o de *Colete*, o Antonio Maria levanta-se, veste a casaca e reverente, attencioso, cumprimenta com a mais elegante das suas mesuras, quem soube despertar-lhe tanto enthusiasmo e tanta admiração.

Depois de ter folheado *Mulheres* o Antonio Maria, largou o lapis de caricaturista, calçou luva branca e esboçou o retrato da illustre auctora d'esse livro, que conseguiu prendel-o a elle, ao trocista, ao patusco, durante umas horas e fazel-o sentir o prazer que mais raro se vae tornando n'esta epocha de decadencia litteraria, em que os poetas são fabricantes de caixinhas de papelão e os romancistas Ponsons du Terail... sem imaginação—o de ler um livro bom.

Variações

Os festejos do centenario não nos deixaram tratar de assumptos varios, que tem feito palpar de emacção a Lisboa amada. Tratemos agora d'elles.

Principiemos pelo questão—Theophilo, que tem feito gemer os prelos e estremecer os arames, como questão magna depois da do centenario.

Theophilo, a quem a *Vanguarda* chama o maior dos litteratos dos ultimos tempos, e as *Novidades* o maior dos pedaços d'asno da actualidade, atacado por uma nymemojizophobia aguda, teve um accesso de moralidade hepatica e bombardeou a Aademia com propostas de cortes tesos em varias publicações e varios dos academicos.

Os jornaes apontaram Theophilo como o mais illustre dos catões, e o publico bradou: Moralidade! cortes!

Theophilo bota artigos nos jornaes e descobre o jogo. Pedia moralidade se Jayme Moniz fosse eleito secretario, se o não fosse... tudo continuaria correndo como d'antes no melhor dos mundos possiveis.

Lisboa embatucou, e Theophilo passou a ser Catão de papel pardo.

O curso superior de lettras algo escamado com os taes artigos, nomeia Adolpho Coelho para desafrontar a corporação.

Ha lambada. Seguem-se epistolas e a questão divide-se em duas: A questão de burro sabio e a questão do cuspo.

A *Vanguarda* afirma que o verdadeiro, o incontestavel *burro sabio* é Theophilo, as *Novidades* apregoam aos quatro ventos que o genuino e indiscutivel *burro sabio* é Adolpho, Lisboa não destringou ainda a consa, e como nunca se dá ao trabalho de pensar, e se deixa levar pelas ultimas impressões, considera desde o apparecimento da *Vanguarda* até á noite, Theophilo o maior dos litteratos e Adolpho o maior dos ignorantes e do apparecimento das *Novidades* até pela manhã Adolpho o maior talento e Theophilo o maior pateta.

Quanto á questão do cuspo pouco tem avançado



A' data das ultimas noticias os litigantes acabavam de as conjugar o condicional do verbo cuspir e pareciam pouco dispostas a entrar pelo imperativo.

Theophilo conjugara o perterito do indicativo, dizendo que Aguilar cuspiu em V. d'Abreu, quando era pequeno.



V. d'Abreu empregou o futuro, afirmando que cuspirá em Theophilo, quando o encontrar.

Adolpho Coelho empregou o condicional! apregoando que teria cuspido em Theophilo se Jayme Moniz não estivesse presente.

O *Antonio Maria* espera que o Curso Superior de Lettras tenha acabado de conjugar o verbo, para emitir a sua opinião; e como vê que os sabios professores se esqueceram do presente do indicativo, conjuga o elle em caricaturas, tomando a liberdade de of-



ferecer aos lentes cuspinhadores um escarrador, por que—*Antonio Maria* é muito bem educado e ainda ha pouco leu na *Arte de viver na Sociedade*, da illustre sr.^a D. Maria Amalia que nunca se deve cuspir na cara das pessoas, sobretudo se são pessoas de respeito.



A reforma administrativa ameaça tornar o paiz n'um vulcão.

Conselhos da mais antiga gerarchia, conselhos filhos legitimos de El-Rei D. Diniz, desaparecem na voragem titanica dos cortes administrativos.

O sr. João Franco não respeitando as cans d'esses Mathusalens da concelhia d'esses contemporaneos do rei poeta, extermina-os como quem extermina perús em vespera de natal, ou... certos bichos em estalagem de provincia.

DIZEM DA POLICIA QUE...



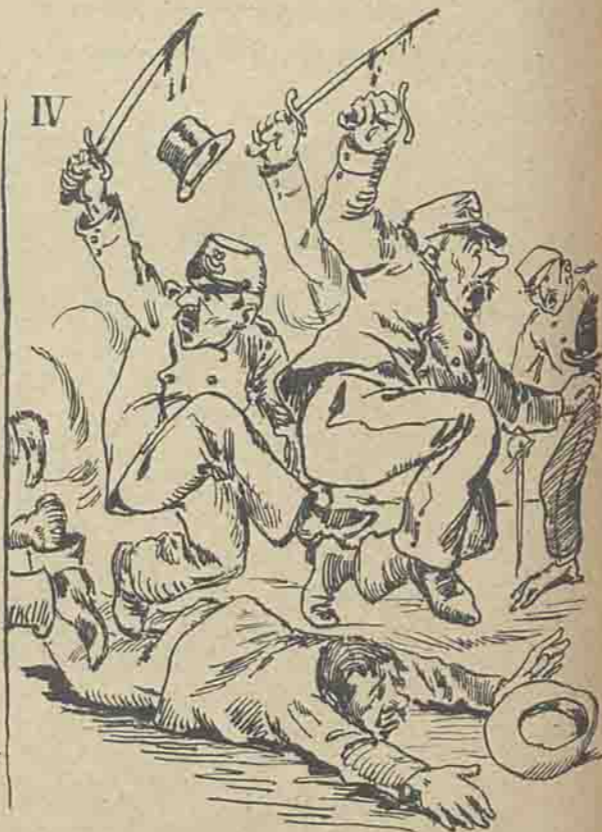
se são elles que fazem as desordens



devem estes fazer a policia



que o tempo que se devia gastar em policiar a cidade, se perde em sobrecarregar as partes carregadas;



que já não são ordens, são desordens.



—Sr. Malandro, vosseleucia tem a bondade de entrar e de tomar assento na poltrona dos reus. Tornaremos a ver pela millessima vez o cadastro de vosseleucia.
(O terror do anarchismo obriga a excessos de civilidade e galanteria, Nada que ellas rebentam.)



—Ande lá para diente, seu catita!... Tem a pouca vergonha de deitar a lingua de fóra ao 415!...
Arre! para o môcho dos reus é que é o caminho. Vamos abrir um cadastro que ha-de ser mesmo uma bulleza.



(Com este não ha perigo; não bota bombas.)
Dizem que os cabellos que este tem na cara



tem este no coração.
A gente vê caras não vê corações.

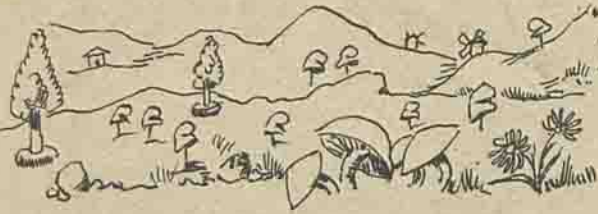
RAPHAEL BORDALLA PINHEIRO

As consequencias não se fizeram esperar. Fornos d'Algodres protestou.

Mas os senhores fazem lá ideia de que é Fornos d'Algodres a protestar! A terra do alho, a terra em que nasceu o mais armilínico dos escriptores da actualidade, a terra que primeiro contemplou o mais espicolondrífico dos philosophos, a terra que ouviu os primeiros vagidos poeticos do mais espirital dos poetas, a terra, finalmente, que foi berço de Alberto Cantagallo, não protesta como qualquer outra.

Fornos d'Algodres protesta com energia, protesta á antiga portugueza, protesta furiosamente e... até hontem á noite já tinha gasto 775 em telegrammas para o Seculo.

Bem diz o *Correio da Noite*—a revolução alastra



O incendio da camara dos deputados já passou á historia. Veio lembrar ao publico que n'este paiz exista um casarão em que d'antes sujeitos diziam coisas e propunham coisinhas! Apagado a incendio, apagou-se tambem semelhante recordação. Mas o Antonio Maria quiz prestar homenagem a esse cadaver, que em vida fôra o ninho onde acalentadas pela constituição, tinham chocado todas as medidas que pozeram o paiz n'este estado florescente e descobriu que, sem deputados, fôra reduzida a pó, terra e cinza. O que lhe fez suppôr que, com deputados, ficaria reduzida a pó, terra, cinza e... nada.



THEATRO D AMELIA

D. QUICHOTE



Valle de D. Quichote, Cardoso, de Sancho Pança e Augusto, de barbeiro, estão trez typos de nos arrancarem gargalhadas retumbantes.

Imáginem esses trez a dizerem prosa e verso de Eduardo Garrido e podem já calcular o que é o D. Quichote

O FINAL DA FESTA

O rabo é o peor de esfolar.



Então, hein ?

A reforma da instrucção primaria

In illo tempore um director geral e um professor de instrucção primaria eram duas pessoas como quaesquer outras.



Veio um ministerio, reformou a instrucção e pol-os assim.



Passados tempos creou-se um ministerio de instrucção publica e elles ficaram assim.



Uma nova reforma pol-os n'este estado.



E por fim este ministerio pol-os... como se vê um e como se não vê o outro.



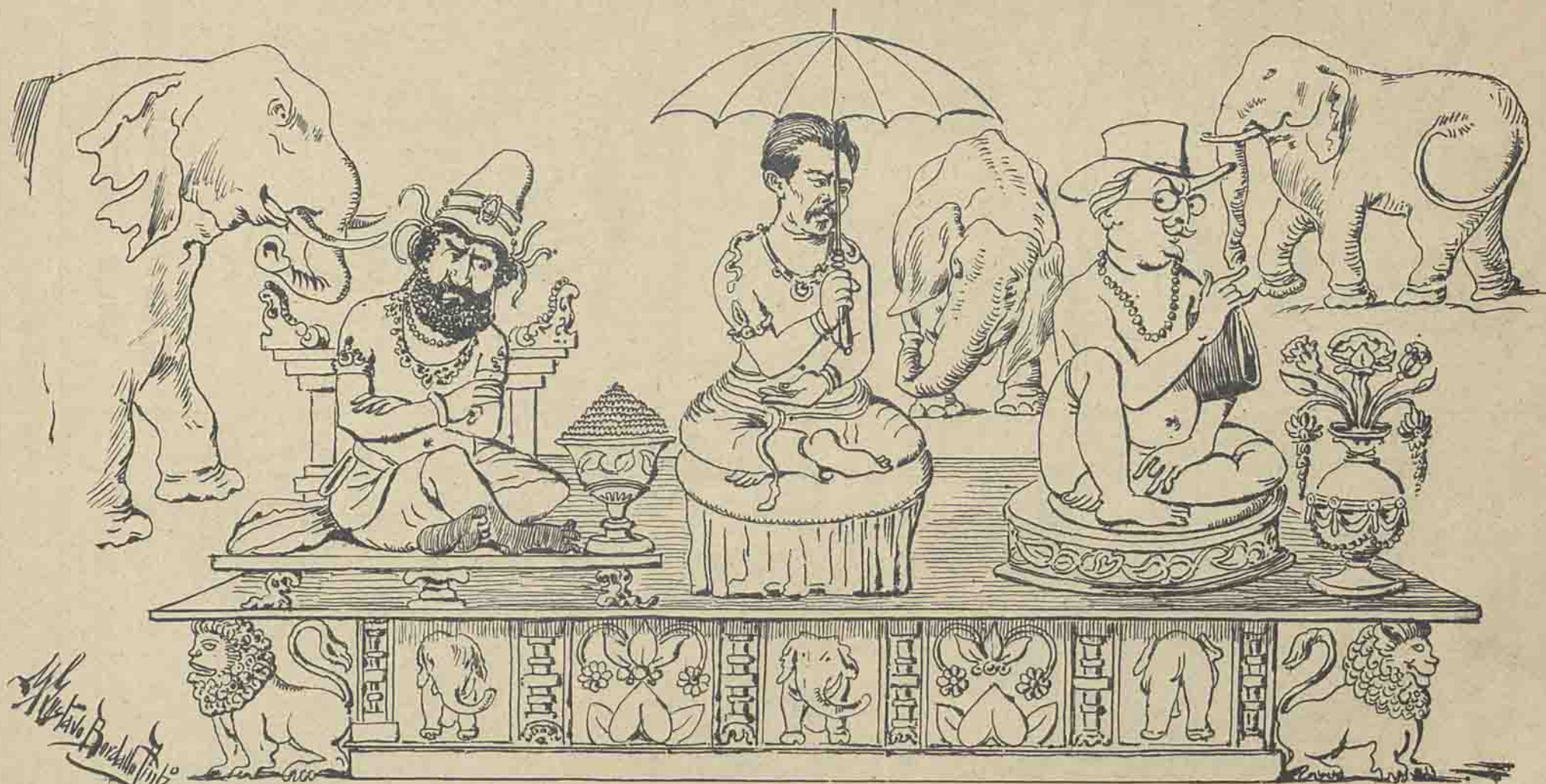
Ainda o congresso catholico



— Oh ! Baillio, que me diz você á historia do Papa-Rei.
— Ai ! menino ! quem dera

NO CURSO SUPERIOR DE LETTRAS

(Página Indiana)



Ralham os lentos... descobrem-se as mentiras.
Emquanto não cospem uns nos outros vão escarrando sciencia nos exames de litteratura indiana, vestidos a caracter.

Moralidade :
Que grandes massadores !

RESPOSTA AO PLEBISCITO

DO

«REPORTER»

1.º Qual o livro de mais valor ultimamente publicado?



2.º Qual o romancista de mais segura analyse psychologica e estylo mais primoroso?



3.º Qual o poeta de mais vigor e colorido?



4.º Qual o publicista de mais valor?



5.º O auctor dramatico de mais pujança?



6.º Qual o critico litterario mais sincero?



(Continua na pagina central).

Variações

O sr. ministro da marinha já regressou da sua viagem triumphal atravez o Algarve.

Furioso com as manifestações que os seus collegas apanharam por essas terras fóra, enquanto elle, o grande politico que começara por tirar os tapetes do seu ministerio, estava em Felgueiras tomando as aguas como qualquer simples mortal sem gargalhadas pyrotechnicas, como chama aos foguetes o conselheiro das unhas encravadas, e sem hymno da carta, resolveu o sr. Ferreira d'Almeida preparar a si mesmo a mais expontanea manifestação, quando fizesse a sua viajata até Faro.

Alugou ao sr. Burnay os balões do centenario, alugou as tijellinhas, e as bandeiras alugou-lhe os premios da kermesse, para figurarem n'um bazar do largo Assis e prespegou com tudo em Faro. Pensára tambem n'um cortejo allegorico, mas os fatos estavam de tal modo cheios de vinho, que a ideia foi posta de parte e substituida por uma marcha *aux-flambeaux*, com os cotos que os gaiatos restituíram.

Ministro da Marinha

Lisboa

Ihl já.

Governador Civil.

E n'essa mesma noite partia para Faro, onde segundo os telegrammas para o *lunch*, teve a manifestação mais brilhante que se tem feito a ministros em Faro, onde nenhum fóra ainda... apezar da Carta estar violadissima.

A carta do sr. Marçal Pacheco não passa, a nosso ver, d'uma birrinha de creança mimaria, a quem por fim recusam a satisfação d'um capricho.

O sr. Marçal, que a tantas dictaduras tem assistido com uma impassibilidade assaz notavel, queria naturalmente algum brinquedo, algum cavallinho de pau e como lh'o recusassem, fez beicinho, e escreveu a carta.

Ora n'essa carta, mostra o sr. Marçal duas cousas, que tem muita piada, porque lá isso tem-n'a e a valer,—tanto que toda a sua carreira politica se resume em ápartes com piada nas sessões parlamentares—e que tem muita razão, porque... foi por birra, mas sahio certa.



O que não comprehendemos é porque não foi essa carta discutida, apezar da transcripção em todos os jornaes.

N'um paiz onde tudo se discute — mesmo o talento do sr. Anthero de Figueiredo e o nariz do sr. Fuschini—não se discutir uma carta como aquella, é caso virgem que nos faz pensar que cordellinhos estarão sendo puchados lá nos bastidores.

O Antonio Maria confessa muito humildemente que estremeceu de horror, medo e espanto ao contarem-lhe as scenas rocambolesças de terça-feira.

Pela espinha passou-lhe um calafrio de terror, quando soube que pela praça da Figueira, homem de negras e ondulantes vestes arrancavam inocentinhas creaturas dos regaços maternas e mettendo-as debaixo da sotaina á laia de presuntos passados aos direitos, os levavam para fabricas de oleo humano, ou de pomada para fazer crescer o cabelo.

Fez-se livido ao ler nos jornaes que *jasuitas* de tetrico aspecto se emboscavam nos maissos de verdura dos jardins publicos e seduziam creanças com arrufadas e pães de ló; cahiu das nuvens quando lhe disseram que pelas ruas a populaça vibrando indignada, apedrejava ansafados sacerdotes, que balbuciando orações de mistura com pragas, davam ás de Vila Diogo, tentando escapar á vindicta popular.

Imaginando que d'esta vez é que era certo reben-tar a revolução, armou-se até aos dentes e percorreu as ruas.

Socego completo! Apenas um ou outro grupo discutia as causas do grande motim. Indagou, procurou, entrevistou collarejas, decelitrou com gallegos, insinuou-se no espirito policial, e conseguiu saber que tudo fora motivado pelo choque entre um seminarsta e uma creança.

Quiz saber se era verdade que os jesuitas roubassem pequenos, e todos lhe diziam, que sim senhor, que era verdade, que tinham visto *com estes que a terra ha de comer*. Esperou pois que no dia seguinte nos jornaes apparecessem centenas de declarações, e que d'esta vez é que os jesuitas apanhavam devéras para o seu tabaco. Qual! ninguem vira; todos tinham ouvido dizer a um sujeito muito sério, a quem por sua vez um outro não menos serio o dissera. Deseminado, desiludido, Antonio Maria recolheu a penates pensando que como nas touradas quando um boi afocinha a segunda trincheira, todos dizem que foi mesmo ali ao pé de si, tambem os roubos dos pequenos tinham sido visto por toda a gente que estava na praça.

—Cá está um *jasuita*!

—Peço desculpa, mas não está, não senhor...

—Ora essa! Então essa cara rapada, esses sapatinhos de entrada abaixo...

—Não querem dizer que eu seja padre.

—Então que diabo é você?

—Sou... bandarilheiro.

Embatuea a sociedade! Mas n'isto um descubrelhe a corôa, muito bem rapadinha no alto da cabeça.

—E isto, ó seu intrujão?

—Isto, qué?

—Eata corôa, na covinha do ladrão...

—Tambem não quer dizer coisa nenhuma.

—...!!

—Está visto, homem!... Pois se cortei hoje a *coleta* á escovinha...



Espantado com a fabricação do oleo humano, de que os jesuitas ao que parece tem o exclusivo, o Antonio Maria vae dedicar-se a experiencias chemicas e no proximo numero dirá aos seus leitores que preparados conseguiu extrahir de varias notabilidades portuguezas.

TOCA PARA AS PRAIAS

Tudo abala!
De braço dado, a sete pés pelo horizonte fora, guarda-pós com conselheiros dentro e chapéus de palha de Italia com Engracias penduradas, farejam praias, rebuscam costas e abancam nos penedos.



Tudo quer partir. Só ha a dificuldade da escolha. Quer o conselheiro Pedrouços — para aproveitar o passe do americano... A' senhora a pacatice de Caxias pisca-lhe o olho. Pois se ali até uma pessoa pode fazer o seu *crochet* na praia!...
Prefere Paço d'Arcos a menina—e já lhe luz a idéa de uma infidelidadesita amena ao aspirante de intanteria, nos braços de algum valaista, cujas canellas pelíferas sejam o enlevo de quantos pela manhã o virem tomar banho...



Para o Lulu, que se dedica a bispo, Cascaes é que vale a pena. Disseram-lhe que as netas de generaes hespanhoes que por lá andam fazem coisas á gente, e elle está com vontade de se atirar de cabeça—onde haja pouco fundo...



O gato não emite opinião, vae para onde o levarem. O papagaio vae para onde levarem o gato.



Todos os dias ao jantar ha discussão acalorada. Gesticulando, mettem as mãos nos pratos uns dos outros!

O conselheiro dá com um pãozinho de bico na cara do Lulu, que chora dentro da colher, engulindo as lagrimas, enquanto a conselheira tem um chelique em cima da menina, e esta lhe esfrega as fontes com um naco de carne cozida, e a criada vae entornando a sopa por cima de toda a familia!



E como a questão é de partir, começam por partir a cabeça uns aos outros...

Depois do quê, curados com adhesivo, resolvem não resolver nada, e tiram ao numero de praias.—4— a media aproximada—Oeiras.

E' n'esta furia balnear que se debate uma população inteira!

Agarradas ás abas das casacas umas das outras, abalam as familias, afunilando-se pelo tunel da Avenida, entrando de roldão pelas praias dentro, deslizando em cuécas pelas pranchas fora, e atirando-se de cabeça pelo Oceano abaixo!

Em quanto elles veraneiam pela borda d'agua, os ratos passam a estação calmosa nos tapetes, onde á falta de liquido, depositam solidos; e as baratas viajam nas montanhas da dispensa; e os percevejos, de sandalias e chapéus de palha, admiram as payzagens lythographicas por entre os penedos de sumauma e os cottages em forma de viola.

A cidade ronca...

Com agua pelo pescoço, no seio das ondas, hanhistas escanzelados suspiram de encontro ás rotundas fórmas de Donas Briolanjas, e os polvos pacatos, chefes de repartições submarinas, afastam-se corados pelo que vêem, fazendo cruces na testa—se é que elles têm testa, o que não vale a pena indagar...



RESPOSTA A PLEBISCOITO

«REPORTER»

7.º Qual o jornalista politico com maior agudeza de espirito?



8.º Qual o jornalista litterario mais aprimorado?



9.º Qual o chronista de mais nomeada?

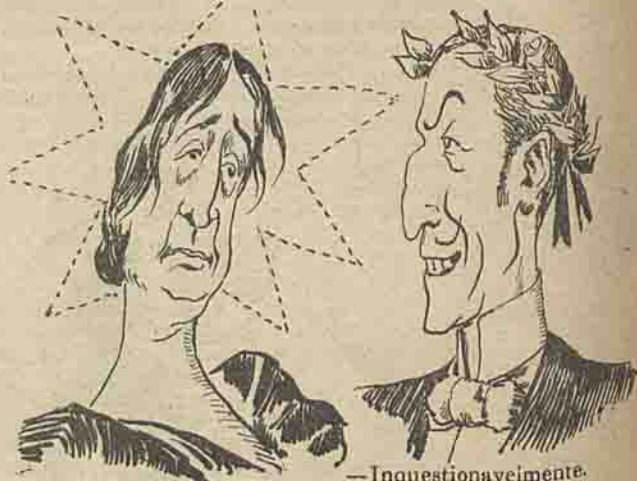


10.º Qual o politico mais sagaz e honrado?



—Para quê?
Para voltar de lá assim?

11.º Qual o actor e actriz de mais merito?



—Inquestionavelmente.

12.º Qual o pintor mais eximio?



—O senhor Conde... d'Almerdina

13.º Qual o caricaturista de lapis mais scintillante e verve?



ou não é?

14.º Qual o orador mais vehemente e mais pujante?



15.º Qual o jornal mais agradável do paiz?



16.º Qual o novo nas letras, nas sciencias ou nas artes que mais promete.



17.º Qual o contista mais primoroso e interessante?



O guarda nocturno — Vem do segundo andar... O marido está fóra...

18.º Qual o mais atilado critico de costumes?



Escorripichadas como galhetas de igreja em mão de sachristão novo, desbastadas donzelias sahem do mar, escondendo nas barracas, perigrinas fórmãs... de paus de vassoura.



Cruzam-se de tibias á vela, Gonçalves e Rodrigues, Mariannas e Manuelas, galgando por cima das mulheres com arrufadas, dos banheiros que correm com cellhas, meninos que esgaravatam na areia, dos tótos de cabelo apartado á ingleza!



A onda cresce .
O castello de S. Jorge encosta-se ao alto das Chagas, para não cabir com somno, e o Arco da Rua Augusta, para não ficar atraz da humanidade, decide-se a enfiar calções nas suas figuras de pedra e a deixal-as ir ali defronte tomar o seu banho é barca Flor do Tejo...

A Avenida dá mergulhos em Algés e dança no club de Paço d'Arcos, o Chiado joga o lawn-tennis em Cascaes e namora no Estoril, a Rua do Ouro joga a bisca em familia nas casas da Cruz Quebrada.

Emfim, Lisboa, de fatinho de malha ás riscas, toma o seu semicupio annual na grande banheira do Oceano...



PREVISÃO.

Uma scena que hade acontecer, este anno, em Pedrouços...





UMA TRAGEDIA EM 4 ACTOS.

O QUE FOI O GRANDE MOTIM

(HISTORIA SIMPLIS)



Era uma vez um padre e um menino.



E vae o padre deu um empurrão no menino



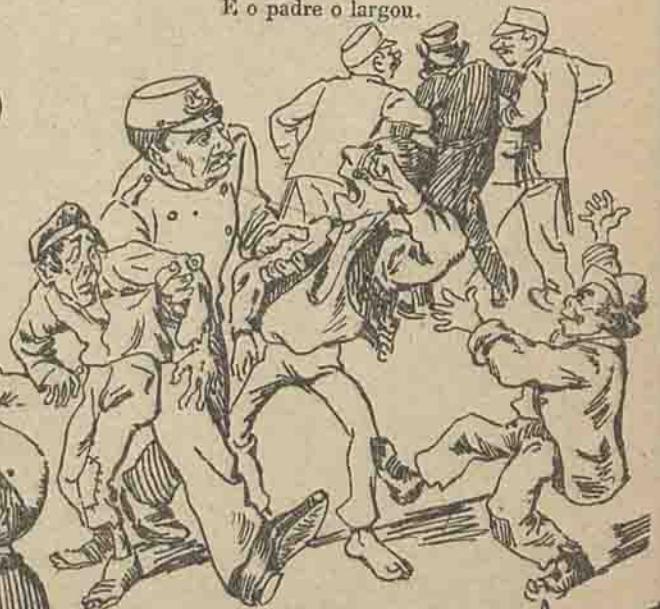
O menino cahiu... e o padre o levantou.



Vieram mulheres e garotos:
larga diabo o menino do pae
larga diabo o filho da mãe.
E o padre o largou.

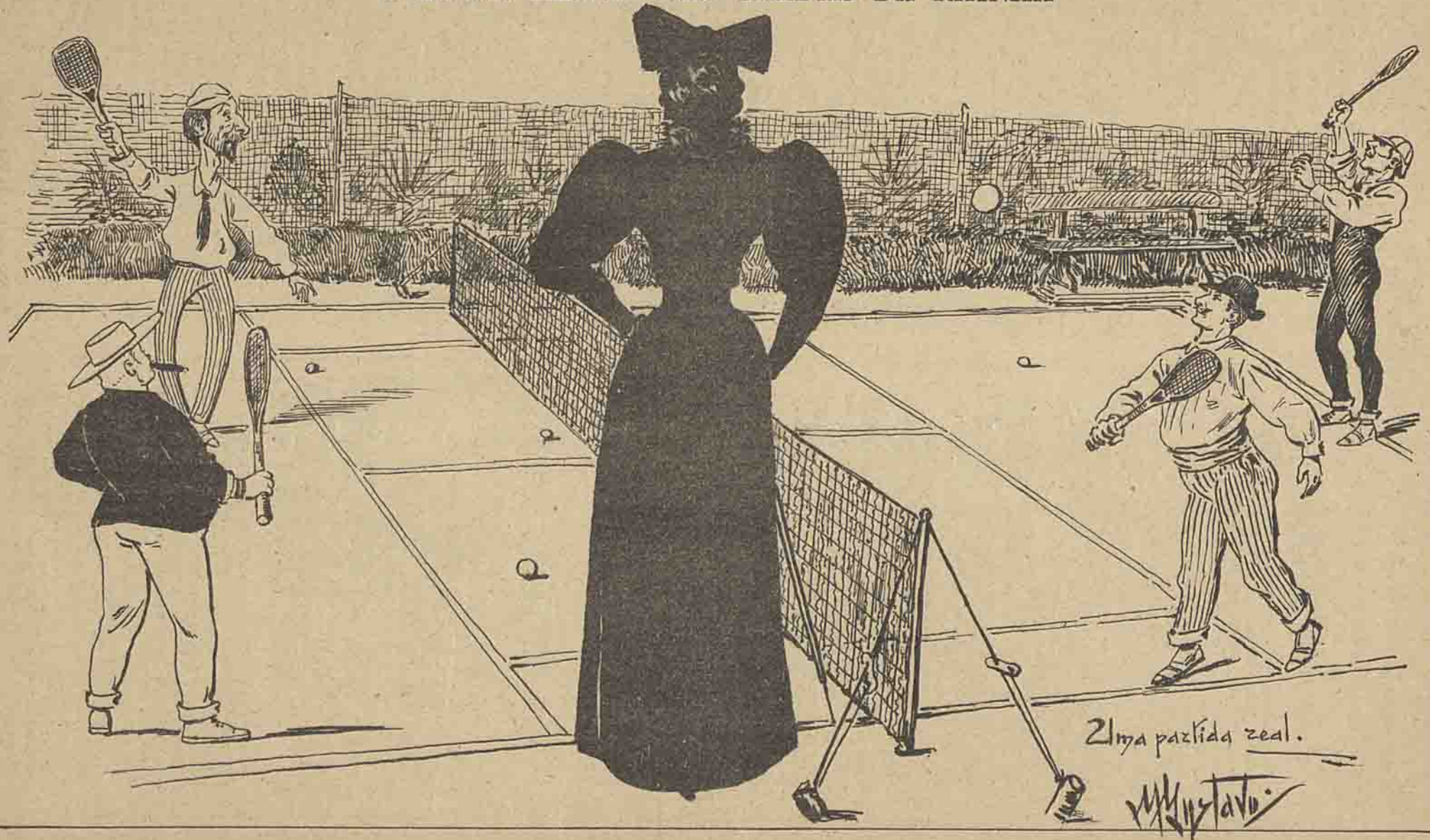


O padre deitou a fugir, os garotos a correr
e os policias a prender.
Bico, sirimico, quem te deu tamanho bico?



Consequencias: garotos para a esquadra
Padres para o hospital.
— Não ha duvida a revolução alastra!

O LAWN-TENNIS NAS CALDAS DA RAINHA



Variações

Para cumprir a nossa promessa feita no ultimo numero do *Antonio Maria* dedicámos estes oito dias a estudos e experiencias profundas sobre varias celebridades portuguezas, tentando descobrir que productos se poderiam extrahir d'ellas.

Como sabem esta ideia foi-nos suggerida pelas terribes declarações de varios jornaes de que os jesuitas empalmavam creanças para d'ellas fazerem oleo humano.

Os meios de que nos servimos para alcançar que essas celebridades se prestassem ás experiencias, não os contamos, basta saber-se que pozemos em campo toda a nossa diplomacia, em que fomos discipulos do sr. Soveral, e toda a nossa habilidade, em que fomos discipulos do habil Antunes.

Tambem não contamos que processos empregámos nas operações sobre as mesmíssimas celebridades, emquanto não tirarmos as respectivas patentes, porque já temos sido sufficientemente roubados em invenções e descobertas pelos nossos amantísimos patrios e amigos.

Contemos pois, por emquanto, só os resultados.

O sr. Sergio de Castro deu-nos uma excellente pomada para fazer crescer o cabelo Juntando-lhe algumas *Notas mundanas* que S. Ex.^a publica no *Illustrado* alcançámos um narcotico, tão bom, tão bom que dormimos oito dias a fio, motivo porque o presente numero do *Antonio Maria* sahe atrasado.

Do sr. José d'Alpoim extrahimos o melhor dos oleos de fígado de bacalhau, que é possível imaginar-se. Repetimos a experiencia misturando alguns discursos proferidos por S. Ex.^a em varios comícios, e alcançámos oleo de fígados de leão. Batido com clara d'ovo dá apenas farinha de Neslé.

O sr. Carlos Valbom muito bem batido e pesto ao lume durante meia hora dá Essencia de Flôr de Laranja para uso de noivas... garantidas.

Do sr. Rodrigo Berquó resultou, segundo as nossas experiencias, pó, terra, pedras e entulho, o que nos explica o estado poeirento, terroso e pedregoso das Caldas da Rainha. E' que sua ex.^a tem-se desfeito pouco a pouco desde que administra aquella abençoada terra.



O sr. Fernando Pedroso depois de bem expemido deu agua benta, que até cheirava a santidade.

O sr. Bailio... O sr. Bailio deu-nos—salvo seja—deu-nos o que os senhores bem podem imaginar.

Do rei da Madureza extrahimos nós uma substancia de aspecto muito extranho, que não soubemos classificar, mas que um sabio estrangeiro, que nos honra com a sua amizade, nos disse ser a mioleira de um ministro de estado.

Do sr. Gouveia Pinto extrahimos, ainda que a muito custo, um excellente licór para dar alvura e frescór á pelle.

O sr. Conde de S. Januario deu logo á primeira experiencia um excelente oleo para tingir o cabelo de qualquer côr, meaos preto grisalho, louro e castanho.

Do sr. Burnay... oh! o sr. Burnay! O sr. Burnay deu... cousa nenhuma. Pois não é porque receba pouco. Santo Antonio que o diga



Do sr. Theophilo Braga extrahimos fel e vinagre. Mettido no forno deu um Catão de folha de Flaudres.

Do sr. Vasconcellos Abreu essencia salivar com pequeninas particulas de sanskritum crystallizado.

Muitas outras experiencias fizémos mais e excellentes resultados alcançámos, mas reservamo-nos para n'outra occasião as publicarmos.

*
*
*

O sr. Vasconcellos Abreu, lente do Cuspo Superior de Letras, escreveu ha tempos a varios jornaes da capital uma carta com palavras portuguezas, mas grammatica sanskrita, promenarisando a grande scena de cuspo da livraria Rodrigues. N'essa carta conta Sua Ex.^a ao publico, quantos passos deu, as palavras que disse, os charutos que fumou e o cuspo que deitou.

Todos sabem o interesse que o *Antonio Maria*, tem sempre em trazer os seus leitores muito bem informados com respeito ao que se passa n'este reino de Portugal e ilhas adjacentes. Por isso destacamos um dos nossos *reporters* para a livraria Rodrigues e assim podemos hoje dar as seguintes notas sobre a scena final do grande drama *O cuspo dos lentes*, drama que se tem representado com geral applauso do publico na capital do reino.

Eram 2 horas, 32 minutos e 4 segundos, quando o sr. Vasconcellos d'Abreu entrou com a velocidade de 2 kilometros por hora, na livraria Rodrigues, mais conhecida pelo Rodrigues do Pote das Almas. A's 2 horas, 32 minutos e 4 e meio segundos, chegou em frente d'uma estante com 2^m de altura por 1^m,50 de largo, que comporta 132 volumes. N'esse momento parou e tossiu. O som produzido pela tosse foi dado na escala musical pelo ré da primeira oitava. Depois com a velocidade de 4 kilometros por hora, deu tres passos que abrangeram o espaço de 1^m,15 e com a força de 30 kilogrammas deu um encontrão no filho do sr. Rodrigues, rapaz de 17 annos 3 mezes, 4 dias e 2 horas, que foi desviado á distancia de meio metro com a velocidade de 15 decametros por hora. O sr. Vasconcellos Abreu parou novamente e lançou ao sr. Theophilo Braga um olhar da intensidade luminosa de tres velas de stearina e cuspiu, cahindo a saliva a 0^m,75 de distancia d'aquelle senhor e produzindo um som dado pelo mi da 2.^a oitava. Feito isto o sr. Abreu esperou 2 segundos e 3 decimos e deu a frente á reataguarda com a velocidade de 40 kilometros, deslocando 34 decimetros cubicos de ar que produziram uma corrente de 210 milhas de velocidade. Em seguida dirigiu-se para a porta onde chegou 20 segundos depois. Ahi accendeu um charuto de 30 réis e tirou uma fumaça que se desveneeu á altura de 3^m,25 do solo, Demorou-se 2 minutos á porta e sahiu. Eram 2 horas, 40 minutos, 30 segundos e 6 decimos.

No dia seguinte S. Ex.^a foi cumprimentado por um sem numero de admiradores.

Edital Caldense

Caldas da Rainha. — Anno da somnêca de Nosso Senhor Jesus Christo, aos tantos de tal, etc., e coisas...

A todos os que este edital virem, saúde e bichas... e vagar para as contar...

Etc., etc., etc., etc.

Eu, Schah das Caldas, Imperador das Cavacas, d'aquem e d'alem mar da Copa, Senhor do Ceu de Vidro, Club, Banhos, Hospital, e outras miudezas.

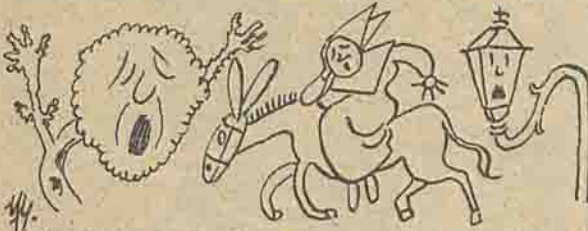
Etc., etc., etc., etc.

Faço saber que:

Considerando que as Caldas passaram de estar animadas a estar a dieta, namorando-se pela homeopatia, jogando-se pela alopathia, e valsando-se pela... samsaboria. Que meninas de espinhela cahida jogam o *croquet* para a levantar; afuniladas velhotas procuram inalações de somninho maroto, encostadas aos Gomes — suas patrulhas conjugaes —; meninas bonitas, á falta de quem lhes faça o seu pé de alferes, fazem *crochet* na Copa, *crochet* nos jogos, *crochet* na rua, de trem, em casa, em pé, sentadas, de cocoras, ás cabritas, deitadas e de pernas para o ar!

Considerando que o João das Pestanas veiu para cá este anno, dando pançadas de somno a toda a gente... Que uns doentes dormem no banho, fazendo os outros esperar a vez, sentados no barril da paciência; que outros dormem a sua somnêca com os narizes encostados aos canudos das inalações e pulverisões; que toda a gente anda em bicos de pés para não acordar toda a gente; que a Copa ao meio dia, e o Ceu de Vidro á noite, parecem um albergue nocturno, com familias inteiras a ressonar de assobio;

Considerando que se descobriu nas aguas o microbio da lazeira, que os caldenses machos se tornaram lazeiristas e as fêmeas irmãs da Ordem Terceira de Nossa Senhora Não Te Rales;



Considerando finalmente que amollecaram as Caldas, que desde a estação até ao mercado e do mercado até á matta tudo parece feito com papas de linhaga, que se tomam banhos em puré de ervilhas, que se fazem *pic-nics* em burros de marmellada, que as furiosas do *croquet* e os do *lawn-tennis* se derreteram, que vác cahir com somno as arvores, que a meia laranja abre a bocca, o edificio novo do hospital se espreguiça, e conselheiros de arroz doce têm cheliques de *spleen* em cima de commendadores de leite creme, e Donas Engracias de gelêa de mão de vacca morrem esbôdegadas sobre Donas Jeronymas de sôpa de pão com hortaliça...

Etc., etc., etc., etc.

Hei por bem determinar o seguinte:

ARTIGO 1.º — A *toilette* caldense passará a ser a camisa de dormir, até ás canellas, e barrete de malha encaixado pela cabeça abaixo



ARTIGO 2.º — E' o maestro Gaspar obrigado a tocar todos os dias na Alameda o *Triste marujinho* para embalar o somno brejeiro dos dorminhocos circunstantes, e no Club, á noite, o *O' O' papão, vae-te embora de cima d'esse telhado...*



ARTIGO 3.º — Organisar-se-ha um serviço de rugas a todos os patifes que fôrem encontrados de olho áerta. Um olho só aberto... dois annos de cadeia na alternativa de cinco de degredo. Dois olhos... enforcado sem mais aquellas. Por cada olho a mais... 20 chibatadas na alternativa de 30 inalações de sulphurico garantido.

ARTIGO 4.º — Todos os annos haverá concurso para os logares de caldenses amadores. Só serão admitidos os candidatos que apresentarem:

Certidão de idade (Têm preferencia os que estiverem na idade da parvalheira).

Carta do curso superior da Palonsice em qualquer escola porcalhotense ou estrangeira.

Atestado de que nunca disseram coisa com geito e de que ressonam alto, com ou sem assobio.

Estupidez certificada por tres medicos e um endi-reita.

Além d'isto os candidatos deverão jurar sobre os Santos Evangelhos que nunca tentarão acordar as Caldas e que se promptificam a assentar praça na confraria da Rapozeira, a serem pessoas bem comportadas, e a reconhecerem-Me a Mim, Schah das Caldas, Imperador das Cavacas, etc., e mais coisas e tal, como seu Dono por *seculum, seculorum, dominus tecum, atchin... amen.*



ARTIGO 5.º — Os caldenses não poderão ir para o banho sem me pedirem a benção á porta. Depois do banho hayerá lição de taboada, cathecismo e civilidade. Os que não souberem a lição terão que dormir na Copa com um letreiro na testa e umas orelhas de burro. A Mim serão feitas todas as queixas, e a Mim se pedirá, quando haja apertos, em officio:

Ill.º Ex.º Sr.

Dá licença que vá lá dentro?

Deus guarde a V. Ex.º

Caldas aos tantos de tal.

ARTIGO 6.º E ULTIMO. — Vistos os autos, etc., e attenta a mollesa supracitada, hei por bem chrismar as Caldas.

Por isso...

A todos os que este virem, faço saber que as antigas Caldas se passam, de hoje em diante, a chamar: CALDAS... DE TOMATES.

Visto Paço-O Schah.

E eu por minha fé o rubriquei.

Chantilly.



NA COPA



O da guarda... municipal !!!



Como S. M. andava nas Caldas



Como as Caldas queriam que S. M. andasse.

Como está a sua Excellencia? E a tua, que tal?

Efeitos da agua das Caldas



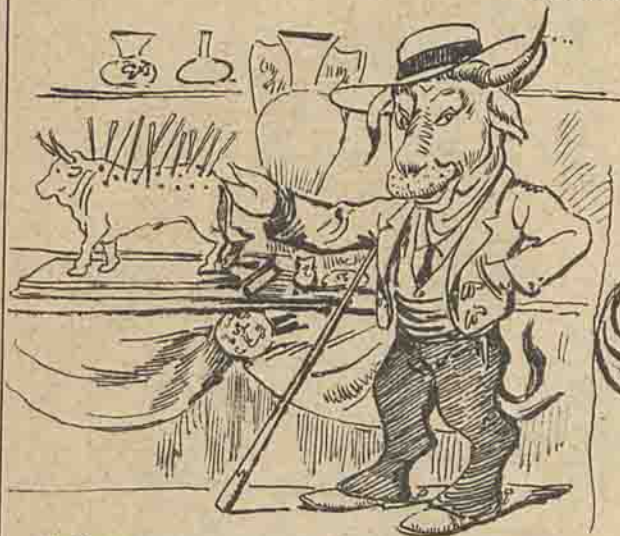
A uns, de côxos torna-os dançarinos e



a outros, sobe-lhês á cabeça, com tal força, que lhes faz nascer arvores genealogicas.

A EVOLUÇÃO DO TOURO NAS CALDAS

MONOLOGO TAURINO



Antigamente eu era simplesmente isto: um paliteiro. Hoje tudo mudou e estou sendo muito estimado.



S. M. derriba-me á força de poder.



O Victorião leva-me ao banho.



Os rapazes pégam-me ao cóllo.



As meninas fazem-me festinhas.



As senhoras esperam-me...

Sem o açougue eu seria o animal mais feliz do mundo, sem desfazer...

NAS CALDAS

Animação ás avessas.

Na Copa, o maestro Gaspar esfalfa-se em trinados de cornetim e tiros de bumbo.

Meninas bonitas arriscam um olhar a medo, por detrás do *lorgnon*, para um ou outro desilludido que passa, enquanto o papá *passa* na trempe, e a mamá *passa* pelo somno...



Apenas de vez em quando se viram as meninas dos olhos para os lados do *chalet* do *croquet*, onde o empregado, *malgré lui*, encolhe os hombros, como capitão do porto, perante as reclamações das potencias... de saias, que lhe bombardeiam a mioleira com granadas de descomposturas e *lorgnons* Krupp, calibre 69.



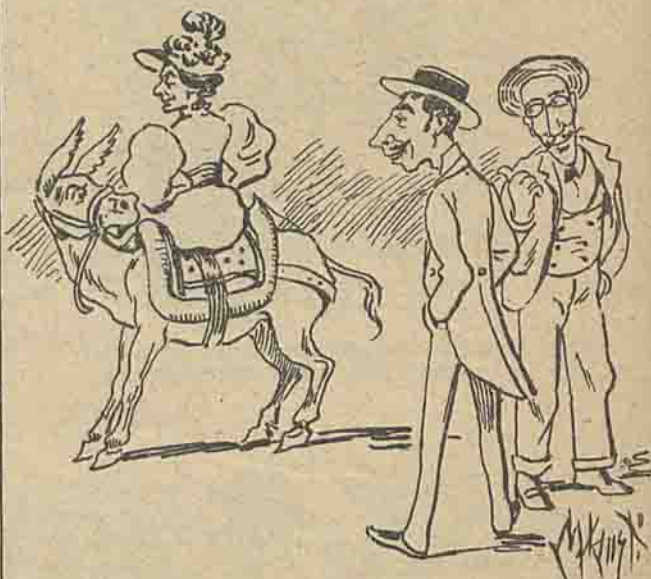
De resto, houve a parodia aos festejos de Santo Antonio, para gaudio dos varapaus dos arredores, que se extasiaram perante os renques de tijellinhas, as bichas de rabiár, e o programma... que não se effectuou...



Para nada faltar até cortejo alegorico houve! Foi em burros, pela estrada de Obidos.

Saloias de *lorgnon*, em burros lazarentos, trotaram pelo sol com a mesma ligeireza e graça com que animam um *five-6-clok*!

Os burros, sentindo fumaças de *high-life*, olharam para nós por cima do hombro, e alguns até ruminaram em casa escudos de cevada em campo azul, e antepassados grandes de Hespanha — grandes... burros, é claro — com os quaes vão reconstituir as suas arvores zoologicas e mandal-as para o almanach de Gotha.



Para nem tudo ser saloio, algumas *sportwomen* houve vestidas á *Avenida*, ladeadas por guapos cavalheiros, montados á ingleza em cavallos puro sangue de burros, de sobre os quaes desancavam á paulada os azininos mais cabeças de si proprios...

Em parodia ao cortejo nocturno houve a espera do gado.

12 touros philosophos, matutando sobre o problema social, vieram a passo pela estrada fora, seguidos de numerozo e tristissimo cortejo. E por mais fosquinhas que os campinos de botas de polimento e monoculo lhes fizessem, não houve meio de os fazer mudar de idéas! Eram touros paes de familia, sabendo que apenas viuham ganhar e ordenado para sustentarem as mulheres e os pequenos. Nada, que a vida não vae para uma pessoa se ralar...

No dia seguinte mostraram-se dignos de serem descriptos pelo auctor da *Ultima corrida de touros em Salvaterra*, jogando o *chifre-ball* com cavallos e cavalheiros.



Se não fosse também a tauromachia tinham já acabado as Caldas. A tauromachia é quem nos salva, fazendo *quites* à sensaboria, *navarras* à lazeira, e *quie-bros* ao somno.

A tauromachia tomou conta do club, n'uma salada de *pas-de-quatre* e *sortes* à gaiola, que nos promete um futuro de dança... em hastes limpas, com pares vestidos de *Guerritas*, e o Botas a substituir o Gaspar...



Para isso já se dança de esporas, chapéu à Mazzantini, saltos de prateleira e melenas, valsa-se para a sella e para a mão, e em lugar de *en avant deux* fazem-se cortesias, offerecendo os *chevaliers* as *sortes* às *mesdames*...

Ha uma quadrilha para toda a epocha, com os seus espadas, capinhas e *puntilleros*; ha trincheiras falsas, musica e zé-povinho. Só faltam... as gazosas.

Sucedem-se os *cotillons* com marcas de X P T O. Sobretudo a dos *barquilleros* de 5 réis, 50 deu que fallar... pela novidade. Não ha pernas a medir para as valsas, emagrecendo a olhos vistos, elles e ellas.

No outro dia os *barquilleros* foram substituidos por depositos de *inconveniencias*, cheios a caracter com marmellada preta. Os pares de dança, n'um instincto comilão, deitaram-se ao miollo, que é como quem diz á isca e fizeram o que puderam nos vasos, que é como se dissessemos... no anzol.



Isto é aos domingos.

Nos dias de semana a animação é de caixão á cova...

Duas filas de gatos pingados de ambos os sexos debruam as paredes do Club, como quem assiste a um *tauserenne*. O Gaspar toca o *Miserere*, quatro meninos prodigios exhibem suas graças no meio da sala, e de vez em quando um ponto préga um pontapé nos escarradores estridentes, dizendo:

—Passo!

E o echo repercute-se lá adiante, pela Copa, até que em vez de *passo* apenas se houve:

—Poço!...

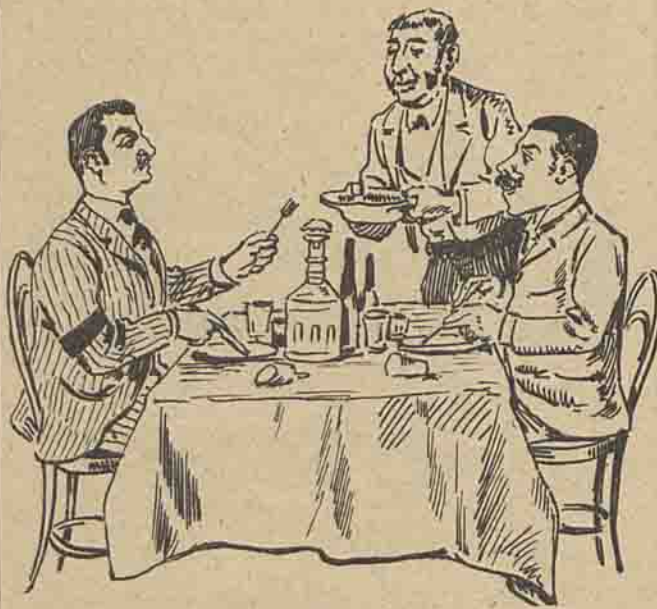


PELA ESTRADA D'OBIDOS



Um fecho d'uma buzcada. 18-Agosto.

OS GRANDES HOTEIS



Os Costas, hospedes do Lisbonense, ao começo do almoço, 25 annos.



Os mesmos, ao acabarem. 75 annos.

OS MUSICOS



Antes dos cotillons. — Ricas somnecas.



Depois da furia dos cotillons. O maestro — D'esta vez é que eu emmagreço.

CONCLUSÃO



Sensação geral de estupada.

— Que terra tão divertida para quem não tem trez seculos de artepassados!!... Se este club fôsse effectivamente a Torre do Tombo, meu Deus, que genealogias, que historias...

Mustavo Bordallo Pinheiro

SARAH BERNHARDT



Salvé Sarah!

A teus pés, Immensamente Tragica, Magra gloriosa, Nervosa Universal — Lisboa deslumbrada se curva pela terceira vez!

Cá do nosso cantinho, ainda suggestionados pelos turbilhões magneticos dos teus nervos de Artista, todos nós te saudamos, na tua passagem de *Etoile*... *Filante*, pelo nosso ceu meridional, com o entusiasmo de muitos annos de admiração... a juroz compostos!

THEATRO DE D. MARIA II

Henrique III e a sua corte



Assim como nem só de pão vive o homem, também não só de *mise-en-scene* vive o publico.

Nesta peça, além da rigorosa e luxuosa *mise-en-scene* temos também a admirar o excellento desempenho do Augusto Rosa no Henrique III.

A boa interpretação dos papéis, parece-nos que em nada prejudica a *mise-en-scene*. Sem allusão.

CASCAES

Está dando em drogas a estação balnear cascareja...
Os pergaminhos envergam pela ultima vez as enú-
cas, e a má lingua mette a viola no sacco. Gemem os
prélos: regressou de Cascaes o sr. commendador Sal-
to A Dama e sua ex.^{ma} familia, regressaram de Cas-
caes Mesdemoiselles As de Baixo da Cunha Gomes,
regressou de Cascaes o sr. barão de Baccarat Che-
min de Fer, etc.

Cascaes, tambem, não deu nada este anno...



De manhã, na praia, Capuletto e Montecchios, de
de olhos gaticidas uns para os outros, ares fatalistas,
personagens de Ibsen á beira mar plantados, mostram
a linhagem pelos assentos: Fidalguia garantida, com
a rubrica do fabricante na rolha... banquinho azul
(quanto mais ante-passados, mais reles banquinho).



High life meio termo, por conta do lavrador, ...
sentado na areia, em o'ervação.

Cocoterie, genero elegante, ... dá a nota chie, sob
os seus chapéus de Sol com monogramma, especie de
cartão de amostras do armazem de Venus.



Por entre os Capuletto de boina e os Montecchios
de jersey, varias especies de cães com tendencias va-
rias—cães á Ibsen—encharcam os parreiros, mordem-
nós as canellas, salvam toda a gente, abocam as cuias
das mães de familia, etc.



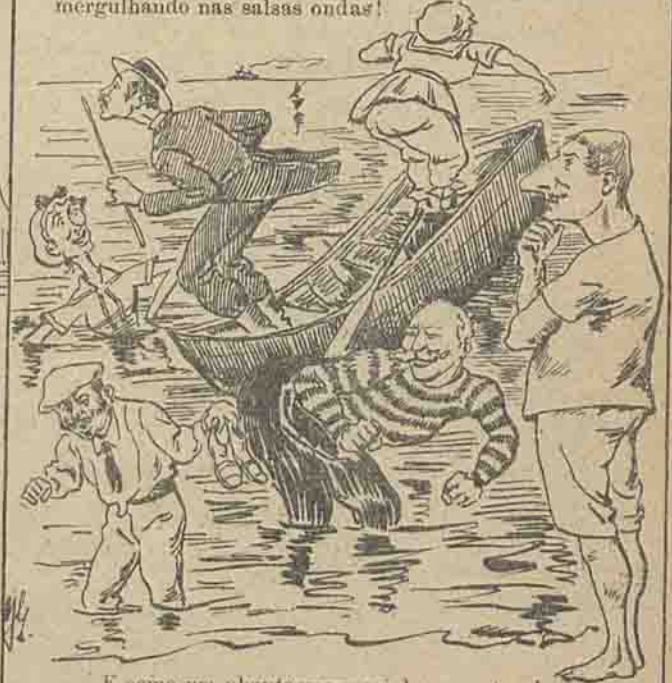
Ha o cão vestido, o cão nú, o cão-salva-vidas, o cão
philosopho, o cão bilontra e até o cão... filho-familia,
que vae para o banho, muito bem comportado, pela
mão de Madame, que só toma os mergulhos que lhe
ordena Monsieur, que não nada fora de pé, e volta pa-
ra terra no meio dos dois, desaparecendo nas dobras
da barraca a trempe de Monsieur, Madame e Bêbê.



De vez em quando abrem-se umas poucas de barra-
cas e no meio dos olhares extasiados avança uma fa-
milia, a familia Praiamar, em ordem de marcha, dividi-
da por batalhões e companhias, com corneta, bandeira
e capellão. Familia na agua, maré que sobe. Sahe a fa-
milia, baixamar.



No genero sport, meninas magrissimas declaram-se
perdidinhas de riso com as brincadeiras infantis, sport
athletico á laia de torpedeiro, em que familias pacas-
tas que barqueiam se encontram de pernas para o ar,
mergulhando nas salzas ondas!



E como um phantasma marinho, monstro das on-
das, horror do mar, um barco estrambotico, parecido
com um peixe agulha, com um chapéu de jesuita, com
um espectro, um barco á Ibsen, desaparece no ho-
risonte, apparece no horisonte, entra por terra dentro,

passeia por Cascaes, levando sempre a bordo um homem esquelético, espécie de *Larica Branca*, degenerado aquático da escala dos *sportsmen* ... à Ibsen ... *doublé* de Bjornstorn!...



Em questão de *toilettes* de banho, enquanto os homens se vestem de menos as mulheres vestem-se de mais, chegando algumas, para cúmulo de modistismo, a entrarem no oceano, de cauda a rastos, chapéus de plumas e sapatos à Luiz XV; outras de sobrecasaca e calça comprida!



Só falta o chapéu alto. Neste excesso de fato auguram-se ceroulas n'um futuro proximo e mitaines n'um distanciado. Entre as frequentadoras da praia destaca-se *Miss Schocking*, mysteriosa litterata de correspondencias para o *Illustrado*. A chegada do jornal, a miss gosa



a intriga que produzem as iniciaes das suas hemorragias litterarias, vendo pelos toldos adiante homens com caras de Oswaldos e meninas com trunfas à Bjornstorn-Bjornstern, fixarem o dedo nas marmitas dos pensamentos, perguntando aos espectros das alforróceas:

Em vista do que, as meninas e os rapazes vão desgrenhar-se para o *Sporting* em furiosas luctas de *tennis* e bola, os quaes, com os *cotillons* são pontos da firma commercial *Tennis, Bola, Cotillons & C.*, agencia matrimonial, cujas acções são cartas de namoro e o dividendo ... os casamentos.



O *lawn-tennis* reservou-nos a surpresa de vermos os campeões achatarem o bôque, chorando bolas sobre a corôa de louros que os *discipulos* conseguiram, n'um *match* de sensação.



A infancia está cada vez deitando os pausinhos mais de fora... E a prova viu-se nas touradas ultimas... Decididamente: os meninos em altos gritos pedem *embolação* ... de *Scott*!

Depois d'essas manifestações taurinas o sr. João Franco vai reformar o curso dos lycetts, adequando-lhes uma cadeira de *Forcadologia*; o sr. Epiphânio vai fazer uma nova edição da sua *grammatica*, mettendo-lhe adjectivos à tira, verbos à meia volta, e *syntaxe* à estribeira; o *Segurado*, de Cascaes, que é



boticario, bombeiro, professor, vereador, logista, proprietario e *Fregoli* casearejo, vai ser mais: cavalleiro, capinha, moço de curro, forçado, bandarilleiro, careca e papagaio; e *Mademoiselle Ollendorf* dirá, estendendo a dextra para a amplidão celeste:

O GRANDE ARTISTA NOVELLI



Novelli o mais extraordinario artista, o talento mais original que temos tido a fortuna de applaudir no theatro.
D'aqui lhe agradecemos as noites de verdadeiro prazer que nos causou, ouvindo-o nas admiraveis ereações tão cheias todas de verdade.

— Avez-vous le chocolat de la nièce de mon cordonnier?



E as regiões ethereas responderão:
— Non, Mademoiselle, je n'ai pas le chocolat de la nièce de votre cordonnier mais j'ai le crayon de la fille de mon voisin.

A' noite:
No passeio Maria Pia, edição mais preta do Passeio Publico, gente ás caroladas, gira ao sabor de susurros varios, mysteriosos.



Faz-se flirt, assim um flirt ás escuras, mulato, um flirt de carapinha e atchim preto!

As palmeiras aduncas avançam para nós unhas de fome—brrr!—as ondas nos cachopos dão nivos de mastodontes hystericos, e pela negridão dos espaços... os meninos pedem em altos gritos *illuminação*... de Scott petroline, ao Immenso Jayme Pimpão, papá de Cascaes e avô da Costa do Caparica!



No Sporting:

O high-life registado desanda todo para a mão, o outro desanda para a sella; e a carrinhola lá vae, aos solavancos, pela estrada da sensaboria fora, apenas animada pelos dedos com carapinhua, do Macario, dedos que são capazes de fazer andar n'uma roda viva o proprio Chaby, e que se transformam á medida que a noite avança, tétrica, haupmanica...



No casino:
Representação de *Il Espectri*, de H. Ibsen.
Meia escuridão. Fogos-fatuos, de *abatjour*, põem nas flocinheiras tons macabros, esverdeados, arrelampados...

Ouvem-se gritos de fixas, gemidos de tostões. E o pantano alastra, alastra, alastra!...
Os *caballos* relinham blasphemias á Bjornstorn, e esperoram espumas brancas e amarellas, de Pilsener, a tostão o copo, entre miasmas do pantano...

(Aqui ouvem-se trovões ao longe, sinos e nivos...)
Pontos, *il espectri d'il ponti*, deslisam, de olhos chi-pantes, e param no angulo da caverna, dizendo nus para os outros, como Oswaldo:

— Mamã! Mamã! Vou nã grandes. O' non! non! non!

2º acto:
A mesma scena. O pantano alastra...

Il ponti tutti mangati, esperneiam no estertor, entre cyrios que as irmandades do Salto ao Rei e Irmãos Terceiros dos Grandes E Pequenos sustentam nos dedos ganchideos, em poses ibemianas.

De repente apparece a imagem da Moral! Vem de chapéu á serrana e jaqueta... Tem na barba de anzol agudezas bjornstorn-bjornstorniacas, na mão... o mimoso.



Cavallos, cavallinhos, pontos e general, tremendo, desaparecem na escuridão, as bancas cahem com cheliques, a atmosphaera enche-se de vapores, os dados desmoralizam-se!

Que o Carrico den um berro!
... Toda a gente se esgueiron!
Só um letreiro ficou
Embrulhado n'm chinello!

O letreiro dizia assim: *A vida não é mais que uma lucta entre um homem e um porte-moniae.*

E o *general d'il espectri* teve arrancos de terror:
— Os dados a negarem-se! O', *joya de la vita!*

De repente um côro de *cavallinhos* desequilibrados susurra muito ao longe, com vozes de Strinberg:

— Mamã! Mamã! A vacca den de si! O' si! si! si!
Jacob mette dinheiro na bolsa. O Silva dá um tiro, no terraço.

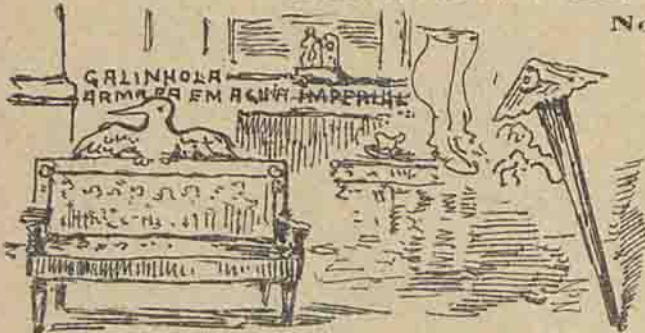
Cahe o panno com tremulo na orchestra.



THEATRO DA RUA DOS CONDES MADAME SANS-GENE

(SENHORA SEM INCOMMODO)

Notas



Boa mise — excellente en — luxuosa scene
Mise-en scene toda di verdade — bronzes authenticos, columnas authenticas, Setres authenticos, e até pernas de algodão em rama... authenticos! — Por este andar, Deus nos acuda, vão metter os emperezarios em apuros para arranjarem ingénuas... authenticas!
 A peça tão rica como está, não é para ser desempenhada, é para ser empenhada.
 E' uma poça d'afflicção... esperada pelo prego.



(Os tomadores da Bastilha)

Homens tão bem vestidos, não acabam de tomar a Bastilha. Se tomaram alguma coisa foi... o Nunes Correia e os engraxadores da Arcada...



Metempsychoses cabeludas de um Fouché camaleão, que mudava a cor do cabelo como quem vai de caminho...

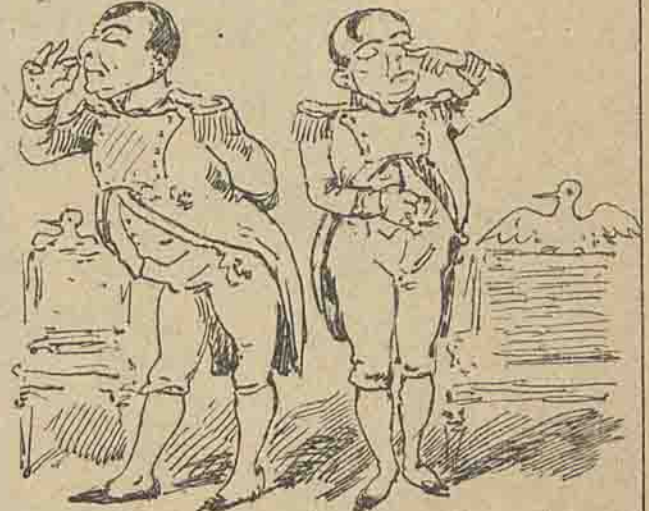


(O Zé das borlas)

As borlas que se tiraram aos jornaes passaram todas para cima d'este especimen de cara de creado de restaurant em baile de mascaras da Trindade!



Lucinda, depois do chocolate, insereve esta maxima na Sabedoria das Nações:
Em terra de cabos de faca quem tem uma perna que se veja... é rei.



Napoleão da Misericordia, com casa de commissões nas Pyramides do Egypto, farto de tomar cidades, resolve-se a tomar rapé. E mais commodo...

Toda a gente toma rapé e ninguem traz lenço!
 Como se assoava Napoleão?
 E os outros?

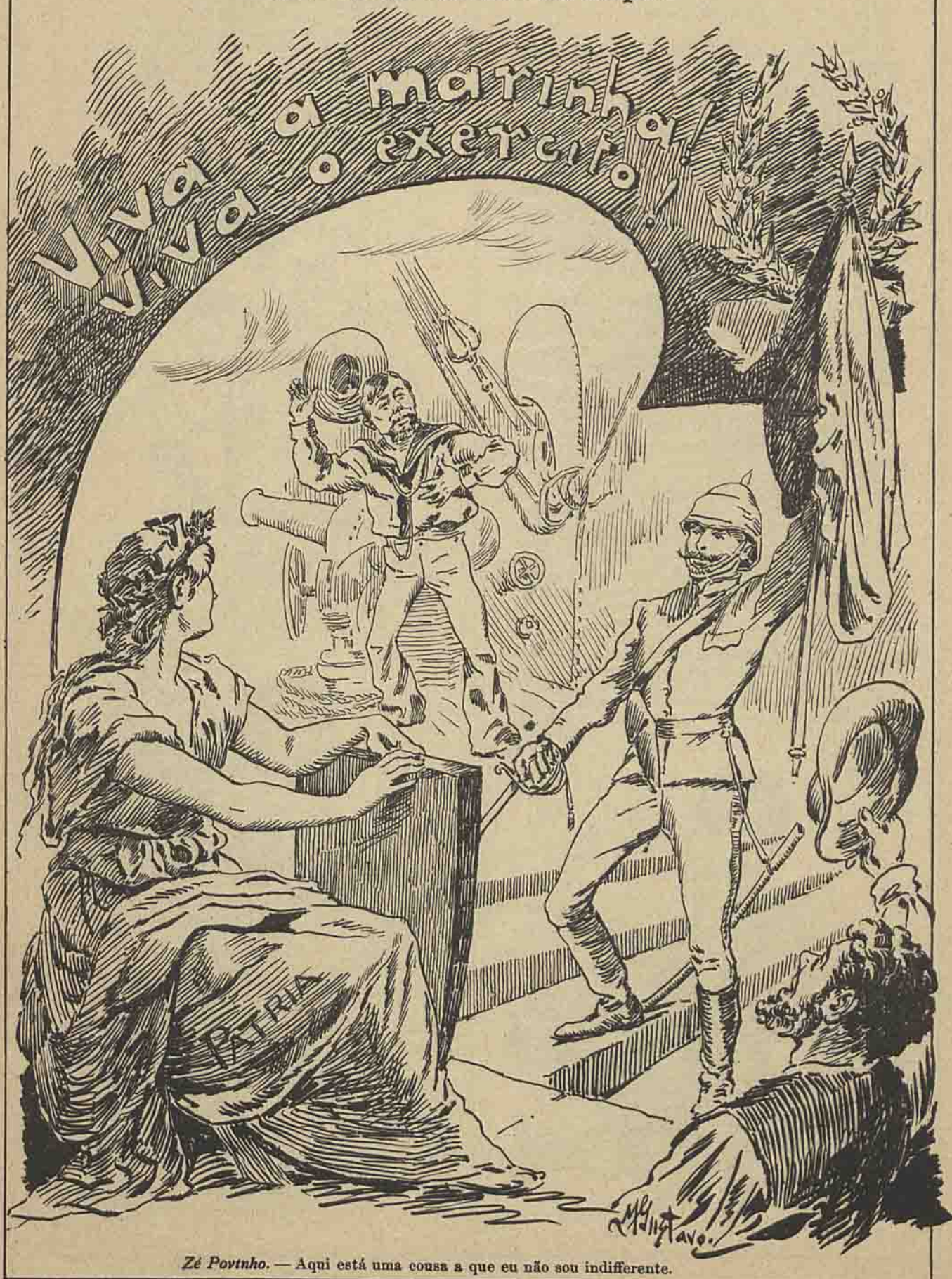


O antigo protagonista do Pão Fresco, desconsiderado na toilette, resolve cantar mais esta:

Porque é que toda a gente
 Tem o habito pateta,
 De dizer que isto é... setim,
 Quando isto é... setimeta?

LOURENÇO MARQUES

A victoria das nossas tropas



Zé Povinho. — Aqui está uma cousa a que eu não sou indifferente.

CHRONICA

Viva S. M. El-Rei o sr. D. Carlos!
Viva!

E agora que correspondemos com toda a força dos nossos pulmões aos vivas levantados pelo illustre Conde de Extracto de Carne, permita V. M. que em amena e despreocupada palestra vos contemos o que se passou, durante a vossa ausencia, n'este jardim da Europa, de que V. M. é regio e hereditario jardineiro.

Teve V. M., antes de partir para o estrangeiro, occasião de ouvir os primeiros vagidos da questão do Nyassa, e conhece pois os factos que deram causa ao barulho que se levantou entre o grupo Asseca e o grupo Arroyo, que ambos reclamam para si as honras e os proveitos de paes legitimos d'aquella companhia. Basta pois, Senhor, que vos diga que a questão pouco mudou. Apenas os dois grupos deixaram de se chamar mutuamente gatunos, passando a appellidarem-se de salteadores.

Pouca alteração houve nas questões de Lourenço Marques. O sr. Antonio Ennes, dramaturgo regio da provincia de Moçambique, continua mandando diariamente telegrammas com a narração dos combates que ganhou, das mortes que fez e das revoltas que soffocou, e tantas ellas foram, Real Senhor, que é assaz de admirar existam ainda pretos vivos — quanto mais revoltados — n'essa Africa, filha dilecta da Europa, cujo cordão umbelical Lesseps cortou.

Por cartas da familia deveis ter sabido que vosso Augusto Mano tendo em Cascaes empandeirado dois condes e um addido, resolveu ir á India empandeirar os marathas, resolução que o publico applaudiu. O que talvez não soubesseis ainda é que o Ze Bento, o vosso ministro da marinha, furioso por não poder ir tambem batalhar pela patria, como lhe impunha o seu instincto guerreiro e maritimo, e vendo-se forçado a soffocar as suas ambições de mariuheiro... de agua doce, resolveu, não podendo empandeirar marathas, empandeirar o vosso exercito á porta do arsenal. Não o conseguiu, porem, em consequencia da intervenção da vossa policia, que em todos os tempos tem sido a agua providencial para deitar em feryras patrioticas.

Emquanto V. M. esperava em Paris o resultado da diplomatica perspicacia do Soveral, vosso ministro dos negocios exteriores, para saber se podeis entrar n'um palacio sem primeiro cumprimentar o capellão, ouviam os vossos fieis alfacinhas o grande Novelli,

actor italiano, que todas as noites mudava de peça e de personagem, com a mesma rapidez e habilidade com que o vosso ex-ministro da fazenda, Augusto Fuschini, tem mudado de partido e de convicções. E de tal modo Novelli influiu no espirito dos vossos subditos que tendo-os V. M. deixado uns simples Anacletos os vem encontrar transformados em Sarcseys e Lemaitres.

Agora, porem, vos vou dar a noticia que decerto mais vos ha-de surprehender.



Lucinda Simões, a Sarah portugueza, como lhe chamou um jornal lisboeta; Lucinda Simões, a grande actriz, christianisou-se, e d'essa conversão sublime sahio uma *Madame Sans-Gêne*, com um *Napoleão* empregado na Camara Municipal, um Artaxerxes aza



de mosca, um *Fouché* faca de matto, duas Simões da corsega, um *Savary au Pão fresco*, e quatro *mesdames* em segunda mão.

E não podeis imaginar, Senhor, o entusiasmo enorme que em Lisboa causou tal representação!





Liborio, o grande liquidador, que só não consegue liquidar as responsabilidades da questão do Nyassa, ficou entusiasmado e deitou-se a fazer a avaliação da peça que tanta curiosidade despertara na Lysbia, cidade amada de Ulysses. Vêde, senhor, o resultado d'essa avaliação :



Um relógio, estylo Imperio; um Napoleão de biscuit; 20 fatos de seda e um 2:525\$735



panno de setim grenat
 Duas gallinholas, armadas em aguia; um *Lefebvre* falsificado; dois sofás em bom uso e duas borlas com um homem pendurado..... 948\$070
 Um bule de prata, com chá; um Neipperg, pãosinho com linguça e uma Vintimille de manteiga fresca..... 51\$930
 Um Fouché cortante, da fabrica de Guimarães; dois ferros de engommar e varias peças de roupa branca..... 75\$140
 Uma imperatriz e varias barrigas de pernas, tudo invisivel..... 24\$960



Um lenço rôto de Fouché..... 10:374\$165
 Total da avaliação da *Madame Sans-Gêne*..... 14:000\$000

Talvez vos admireis, Senhor, ao ver a avaliação do lenço rôto de Fouché, mas reparai que é a unica coisa que tinha uma certa antiguidade, de resto tudo era novinho em folha: scenario, actores, peça e panno de bocca.

De resto, Senhor, pouco mais se passou no vosso reino durante a vossa real ausencia:

A vinda a Lisboa de Sarah Bernhardt, a Lucinda franceza, como lhe chama naturalmente algum jornal parisiense, foi um facto que ameaçou tornar em doidos os vossos mais fieis vassallos. Fidalgos sem trabalho e operarios arruinados, professores de instrução primaria e galopins eleitoraes, — entidades que mais na penuria se acham actualmente — deram tratos á imaginação para arranjar os chorudos cobres que a Sarah quer por cada bilhete; jornalistas ignorados e ignorantes puchavam pelo dicionario, para, na lingua de Voltaire e do conde de Reilhac, pedirem á grande actriz as borlas que a sua mana portugueza lhes recusava para as recitas da *Sans-Gêne*.

O que Sarah vale, como ella representa, e do seu enorme talento melhor do que eu o podereis vós dizer, Real Senhor, que a tendes visto tantas e repetidas vezes, e que mesmo agora, de regresso, ainda a podesteis ouvir na *Gismonda*, *Jean Marie* e *Fedora*.

Desculpae, Magestade, a liberdade que tomou o vosso mais fiel, dedicado e humilde subdito,

Antonio Maria



P. S. — Vejo agora, Real Senhor, a lista dos deputados eleitos.

Mas, Real Senhor, onde foi o vosso ministro do reino desencanaar tanta aza de mosca?!

Salvo o devido respeito, parecem foragidos da companhia da Lucinda.

E veja, Vossa Magestade, como um ministro de estado e uma actriz-emprezaria podem ter pontos de contacto:

Uma pega n'um pandego qualquer põe-lhe uma cabelleira, duas suissas e tres metros de seda e atira-a para o palco: o outro pega n'um merceeiro, põe-lhe um chapu alto, veste-lhe uma sobrecasaca e atira-o para a bibliotheca da Academia.

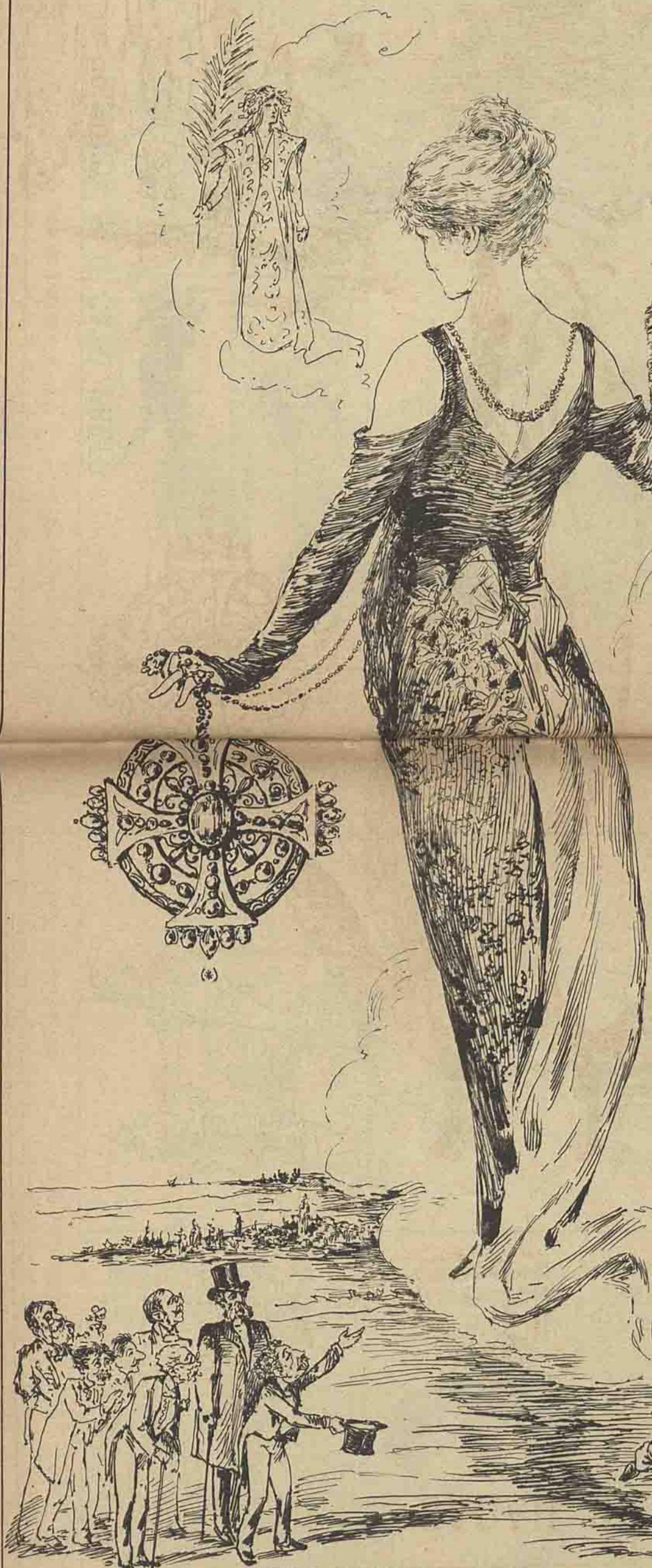
Ella, faz do nada um actor; elle, do *nicles* faz um deputado.

Um arranja paineis de palha para votarem, a outra arranja-os para representarem.

A differença é que ella de um *Ataxerxes* fez um actor e elle d'um *Thomaz Barfiga* fez um José Estevão; ella de noite dá-nos a *Madame Sans Gene*, elle vae dar-nos de dia uma camara *Sans-Geniè* (com perdão do Mendonça e Costa).



SARAH BERNHARDT



Lopes de Mendonça escreveu para a Tarde um artigo a respeito de Sarah... Soberbo e verdadeiro, a nosso ver. Transcrevemol-o em parte:

Quando, ha de haver seis annos, encostado á portinhola do rapido do Havre, avistei pela primeira vez, atravez de uma neblina tenuissima, a torre Eiffel, erguendo-se acima de um vago oceano de casaria como um échafaudage de gigantes tentando escalar o céu, uma commoção ineffavel me oprimiu o espirito. Aquelle colosso de ferro, embora informe e anti-estethico, era como a vedeta de Paris proximo, como o minarete d'onde me parecia brotar a voz solemne do muezzin, annunciando a palavra sagrada da civilisação humana. Arrosto de bom grado a accusação de ridiculo sentimentalismo, para confessar que se me arrazaram os olhos de lagrimas. *Dava-me a impressão de um mundo exornado, de um mundo...*

Pois é ainda um sentimento identico o que me transborda no coração, quando se apresenta aos meus olhos deslumbrados o vulto esbelto de Sarah. E' um sol que nasce, uma aurora que me inunda, a personalisação deificada d'essa mesma prodigiosa Paris, a passagem de um meteoro pelas trevas de uma noite tenebrosa, alguma cousa de celeste que roça ao de leve pela terra obscura. *Incessu patuit dea.* E o deslumbramento é tamanho que, confesso, me embota porventura o raciocinio e me apaga as faculdades criticas.

Sob o dominio d'uma apothose, quem pode pensar? Sente-se o *quid* divino, e não se discute o clarão offuseante que nos envolve. E Semelé maravilhada ante a gloria suprema de Jupiter, são os tragicos videntes da Transfiguração de Raphael, eegando pela força das rutilancias entrevistas. Esse effeito produzido sobre os olhos do corpo exerce-se mais frequentemente sobre a visão do espirito.

E por isso que eu não sei, nem posso discutir a sobrehumana actriz. E lamento os que o podem. Essa integridade de raciocinio rouba-lhes a mais poderosa, a mais viva, a mais transcendente das delicias humanas: a admiração absoluta. Ah! deixem-me ser o homem primitivo e ingenuo, com o coração a embeber-se, como uma esponja soffrega, nas emoções consoladoras de um culto fervoroso!

A Sarah! a surprehendente Sarah! As suas palavras são vibrações de harpa eolea tangida por um sopro do empyreo. Cada um dos seus gestos é uma harmonia, cada um dos seus movimentos um relancear de astros pelo firmamento azul. E nem uma unica das suas poses deixaria de embevecer Phidias, o escultor dos deuses. Na Grecia antiga, erguer-lhe-hiam templos, em cujo frontão fulgurasse o distico: A graça suprema!

Quando a vejo representar, affigura-se-me que alguma cousa da sua gloria reflecte sobre mim: Sinto-me possuido do orgulho de a ver. E se o destino me desse o privilegio da longevidade, parece-me que no futuro distante as gerações que nos succedessem exclamariam cheias de intimo e mysterioso respeito, ao ver-me passar curvado ao peso dos annos: «Aquelle ainda viu a Sarah!» como os italianos do seculo xiv murmuravam á passagem do sublime Dante: «Eis o homem que visitou o céu e o inferno!»

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.



(*) BELLISSIMA JOIA DE RUBIS - ESMERALDAS - TURQUEZAS - SAPHIRAS E BRILHANTES
TRABALHO PRIMOROSO DE CASA LEITÃO & IRMÃO - END. DA SENHORA DUQUEZA DE PALMELLA.

J. P. PINHEIRO

GISMONDA E O GATO PRETO



O Gato Preto, é um gato para as ocasiões, um gato que mia sempre a propósito, e mia sempre bem. Agora miou em verso, e contou aos freguezes o enredo da Gismonda. Como elle a cantou, podem vel-o nas



seguintes quadras, a que José Ignacio de Araujo deu forma, e que Julio de Menezes, o proprietario de tão protentoso bicho, publicou em folheto.



A acção é na antiga Grecia,
Patria da sabedoria,
E de Ulysses, grande pandego
No cimo da Cotovia.

Começa a acção junto á Aeropole.
Vêm fidalgos d'alto preço
Examinar uma Vénus,
P'los modos, feita de gesso.



Ora, o creanço gostava
D'um famoso Gato Preto,
Que tinha as unhas valentes
E duras como um espeto



Gismonda cunpre o jurado:
«Quem me salvou o rapaz?...
Foi o Zacharias Franco,
Ou foi outro machacaz?..»

«Nenhum d'esses, disse alguém!..
Salvou de teu filho a vida
Aquelle reles pelintra
Que vende pera cosida!»



Entre os pretendentes d'esta,
A mais bella das pequenas,
Stava o Zacharias Franco,
Que era droguista em Athenas,



Notaram que era preciso,
Para não falhar o trama,
Escamotear um creanço,
Que andava ao collo da ama.



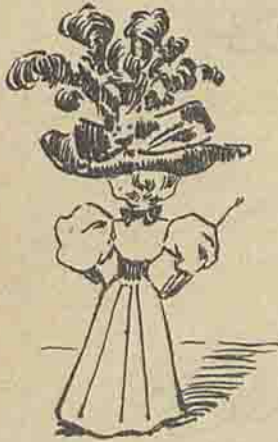
No acto terceiro se encontra
Em um salão de altos luxos,
A encantadora Gismonda
A cuidar nos seus debuxos.

Depois d'isto o casamento
Em luxo e pompa completo,
Onde houve vinho caldense
E loiça do Gato Preto.

QUEM QUIZER SABER O RESTO
COMPRE O FOLHETO.

RAFAEL B. ROULLIN HEIR

Os chapéus nos theatros



As platéas dos theatros tomam o aspecto de florestas de plumas com passaros empalhados.



Um desgraçado que vai ver a peça, espreita pela esquerda: Plumas.



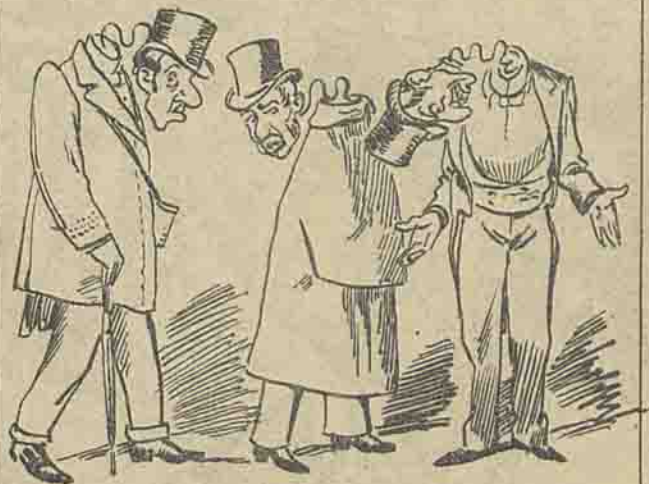
Espreita pela direita: Mais plumas.



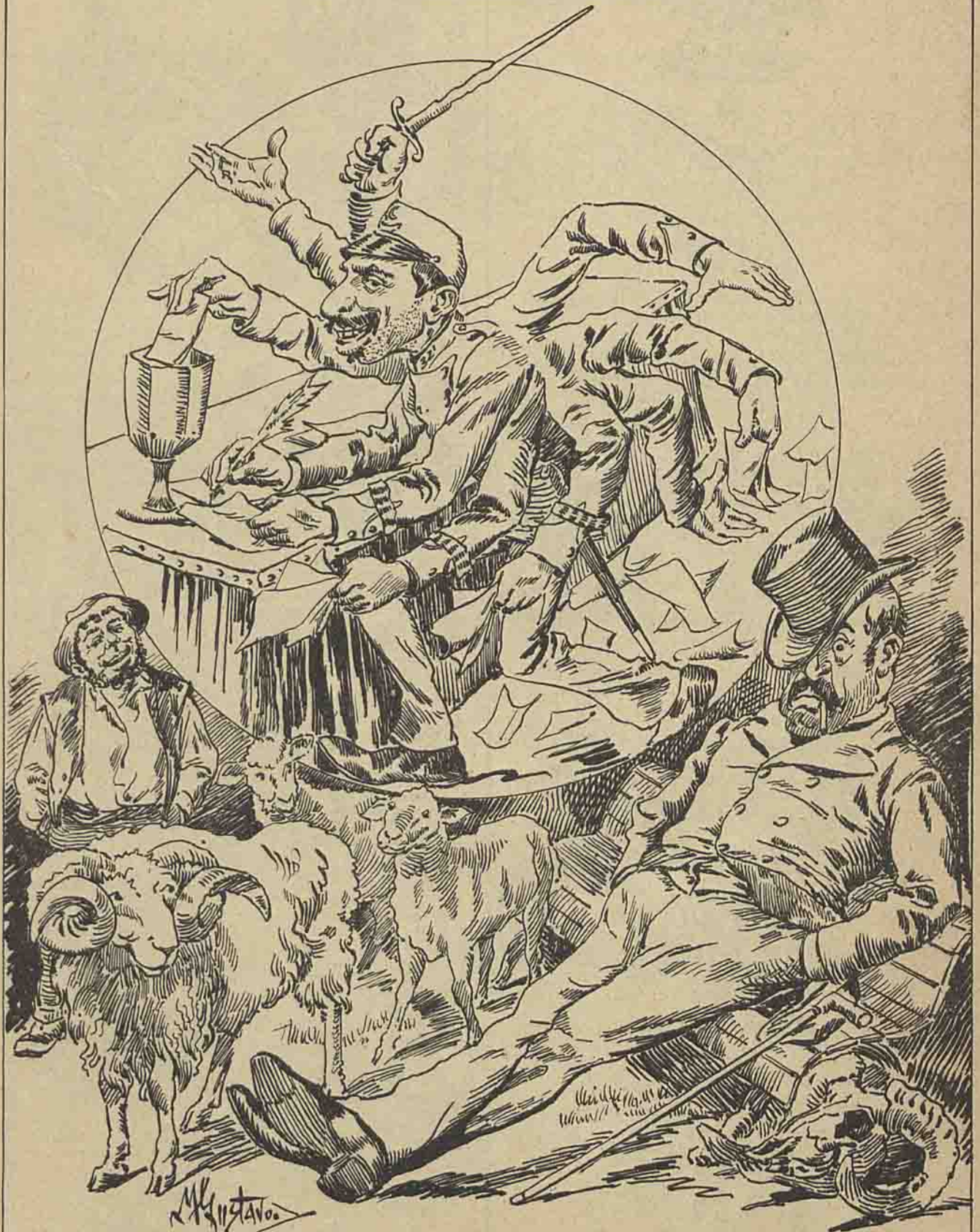
Espreita por cima: Sempre plumas.



Resultado: gasta dinheiro, não vê a peça e sabe assim.



AS ELEIÇÕES



Um policia. — O verdadeiro eleitor, o guarda das urnas, o presidente da meza, o sufragio universal, sou eu!
Um galopin. — Acabou-se o meu reinado...
Um carneiro. — Vou ser menos comido...
Zé Povinho. — E eu?!

REAL THEATRO DE S. CARLOS



G. Goula. (Maestro)



Bonaplata Bon
(soprano)



Santarelli Amedea
(Contralto)



Skomfeld Klamsinska
(soprano)



Hazielée Hazielée
(soprano)



Labia Fausta
(soprano)



A questão theatral produziu uma febre epistolar nos escriptores e artistas portuguezes, que ameaça transformar-se em epidemia.

O primeiro atacado pelo mal, foi o sr. Ramalho Ortigão, que publicou no *Correio da Manhã* um artigo em que se atira aos actores como S. Thiago aos mouros, o que fez concluir a varias pessoas que era artigo para exportação.

Isto é, se diz mal é para o estrangeiro, se diz bem é para o paiz.

Mostra isto os patrioticos sentimentos d'essas pessoas.

N'esse artigo diz o sr. Ramalho que não é impossível fugirem um dia para D. Maria todos os conegos da Sé. Não deixava de ter sua razão, visto que nos jornaes as criticas estão sendo feitas por sachristães e meninos do côro.

Acrescenta o mesmo sr. Ramalho que é mais facil ser actor do que ser sapateiro, porque só este sabe fazer bons sapatos, enquanto que por esses theatros particulares ha muito quem saiba representar bem.

Ora esta affirmativa leva-nos á conclusão de que é mais facil ser cavallo de que ser ferrador, porque ferrear bem, só o sabe o syderotechnico artista, e por esse mundo ha muita gente que sabe dar coices com toda a linpeza. Ou a logica é uma palavra vã.

A este artigo respondeu o sr. Augusto de Mello, ensaiador de D. Maria que de ironia em punho, salta a defender os actores.

Na sua carta diz o sr. Mello que sabe fazer sapatos e deitar meias-sollas, e lamenta que o sr. Ramalho não saiba fazer o mesmo, porque tinha freguez certo. Nanja que nós cahissemos em tal.

Botas feitas pelo sr. Ramalho eram botas paradoxaes, e como os seus argumentos, rebentariam que nem castanhas em magusto de S. Martinho.

Termina essa carta dizendo, com certa admiração, que o sr. Ramalho é um excellente sogro. Não nos parece caso para admirações. Se em logar de sogro fosse sogra, então sim...

Prova isto que os actores fartos de sogras no theatro, começam a entrar pelos sogros.

Na longa lista de cartas publicadas sobre este assumpto, apparece a do sr. Christiano de Sousa, actor formado na faculdade de direito, e bacharel muito apreciado pela plateia da Rua dos Condes.

Assevera o sr. bacharel que a *Madame Sans Gene* rendeu em media 207\$000 réis diarios.

Ora é notorio que das trinta recitas que a sobredicta *Madame* deu, pelo menos 20 só foram presenciadas pelas moscas. D'onde se conclue que para dar aquella receita é preciso que — os setins, os relógios Imperios, e a roupa branca de Fouché tenham marchado para o prego, sendo substituídos por papelão pintado e retalhos do Grandella—ou que a actriz Lucinda tenha tirado as borlas ás moscas, como as tirou aos jornalistas.

Esta carta do sr. Christiano teve uma filha que foi enviada para a reunião da *Revista Theatral*, onde a não quizeram receber por ter uma oração principal a menos e um *cujo* a mais. O que prova que, se não fez mal a musa aos doutores, a grammatica não faz bem aos actores-bachareis.

Deve-se porém notar que em todo o debate sobre a questão das companhias estrangeiras, foi apresentado apenas um argumento.

E esse mesmo, envergonhado talvez por se ver sózinho deante de tanta gente, foi-se logo abaixo das mãos, como quem diz, cahiu pela base.

Era esse argumento, o de terem os artistas estrangeiros as mesmas obrigações que os artistas portuguezes, devendo portanto ter os mesmos direitos. Ora uma das obrigações dos portuguezes não a teem os estrangeiros; a contribuição industrial, que não é brincadeira.

*

Entre os que protestam contra a vinda, a Portugal, das companhias estrangeiras e que reclamam protecção para os artistas portuguezes, apparece o sr. Garcia de Miranda.

Ora deve saber-se que o sr. Miranda tem chamado, em varias criticas, e por boas palavras, imbecis e ineptos aos actores portuguezes. Deve pois concluir-se que o sr. Miranda quer que o palz proteja ineptos e que o publico apenas veja representar imbecis.

Ou a coherencia tambem é uma palavra vã.

*

Já por varias vezes os jornaes regeneradores tinham perguntado ao sr. José Luciano, onde nascera e onde brincára a colligação liberal. O sr. José Luciano não respondera, e já no espirito publico se ia formando a ideia de que a colligação nascera.

Talvez em terras d'além,
em deserta, arida ilha
Talvez sem patria tambem.

Por fim o illustre chefe do partido progressista disse que a menina nascera alli na freguezia da Lapa, do ventre purissimo do sr. prior, que lhe servira ao mesmo tempo de mãe, padrinho e ama.

Restava saber quem era o pae.

Uns diziam que era o partido progressista, marido legitimo da parturiente; outros diziam que era o partido republicano, com quem a mãe da menina tivera a sua escorregadella; outros ainda affirmavam que o pae era... o Bacellar.

Vem porém o sr. José Luciano e declara que :

«a colligação surgiu de improviso perante os attentados constitucionaes.»

Com mil raios! Só o sr. prior da Lapa seria capaz de ter de improviso e perante um tão numeroso publico, um parto que para qualquer outro seria laboriosissimo.

Theatro da Trindade

A loira Cinira,
Mais loira que o sol,
Que os olhos revira,
Com garbo hespanhol,
No seu beneficio,
Que fez na Trindade,
Formou um bulicio
Por toda a cidade.

Tã loira, a bregeira,
Qual rubra cenoira,
Que cada cadeira
Custava uma loira!

ESCULAPIO.



QUESTÃO DE OFFICIO



Gravemente empertigado.
Ar de sisudo bretão,
Mestre Ramalho Ortigão
Passa aos pulos no Chiado,
N'um charuto pendurado,
Com casaco de tres côres,
Traz na lapella seis flôres,
Quatro lenços de assoar
E vae — coitado! — a pensar
Na tal questão dos actores.

Caminha, em sentido opposto,
Um lagalhê pequenino.
Barba feita e chapéu fino,
Vermelha côr sobre o rosto,
Passa firme no seu posto,
Com desusada arrogancia,
Botando grande flamancia,
Com pelles no capindó,
Trauteando um trolaró,
Dando-se muita importancia.



— Alto lá, ó seu Ramalho,
Diz o novo personagem,
Impedindo-lhe a viagem,
No que tem grande trabalho:
Você é burro, é paspalho,
E' grande pantomimeiro,
E' pateta, é verrineiro,
E' grande sarrafaçal,
Pois, não sei em que jornal,
Me aleunhou de: *sapateiro*.



De cima do collarinho,
Olha o nosso litterato
E, limpando o pó do fato,
Vae seguindo o seu caminho,
Segue o outro então sósinho,
Com modos de refilão,
Tufando como um pavão,
Entra á tarde no Suisso
E diz: — prestei um serviço,
Que descompuz o Ortigão!



Mestre Ramalho, que a vida
Passa á grande e regalada,
Foi gyrrar um tudo nada
No trottoir da Avenida,
E a pessoa conhecida
Que de si passou ao pé,
Vendo ao longe o lagalhê
Por entre a turba da gente,
Decidiu-se finalmente
A perguntar-lhe quem é.



— Uma duvida me invade,
Quem será este senhor?
— Alfayate de um actor,
No theatro da Trindade!
Ramalho, toda a cidade
Percorrendo o dia inteiro,
Diz em voz baixa e lampeiro,
Pensando no disparate:
— O typo sae-me *alfayate*
E en chamei-lhe *sapateiro*!



ESCALAMO.

COMBATE SINGULAR



“POR MINHA DAMA”

OCCORRENCIAS POLICIAES



Gustavo Barzallotti

EM ALFAMA

Bibliographia

Livro da minha alma, por Luiz Guimarães, filho. E' um poeta novo, muito novo mesmo, que nos envia o seu primeiro livro: *O Livro da minha alma*.

Filho do auctor da *Morte da Aguia* e da *Volta ao lar paterno* o sr. Luiz Guimarães, herdou do seu pae muitas das suas brilhantes qualidades poeticas.

Se o *Livro da minha alma* não é impeccavel, revela contudo no seu auctor um poeta de merecimento.

Irregular, muito irregular mesmo, o livro de que fallamos tem poesias deveras boas e outras... que decerto o seu auctor rasgará depois.

E' uma promessa brilhante e, esperamos que não fique só n'isso.

Commemoração de Luiz Pasteur, discurso pronunciado na Sociedade das Sciencias Medicas pelo dr. Sousa Martins.

Quem melhor de que Sousa Martins, podia, em Portugal, commemorar a morte d'esse grande talento, d'esse benemerito da sciencia, que no seu laboratorio fez a mais humanitaria, a mais util das descobertas?

Sousa Martins, o principe da sciencia, o principe da eloquencia, que tão alto tem levantado a oratoria e a medicina portuguezas, estava naturalmente indicado para fazer o elogio d'um homem da gigantesca estatura scientifica e intellectual de Luiz Pasteur.

Como elle desempenhou essa missão vemol-o agora no discurso publicado em folheto, e de que o sr. Sousa Martins nos enviou um exemplar.

Não se pode ser mais brilhante na forma, mais scintillante na imagem, nem mais verdadeiro no elogio, do que o foi Sousa Martins n'esse bello discurso.

JORNAL DOS



PELO MUNDO

Jornadas pelo mundo, pelo Conde d'Arnosó.

O sr. Conde d'Arnosó (Bernardo Pindella) é um dos escriptores mais correctos que actualmente possuímos.

Fallando nas suas viagens, apanha a nota, o tom, o episodio que deve interessar o leitor, e que o sr. Conde descreve com brilho, por vezes, com correcção sempre.

As *Jornadas pelo mundo* é um livro deveras interessante e que mais vem firmar a reputação litteraria do auctor dos *Azulejos*, *De braço dado*, etc.

Sen.ª Cubas

Sen.ª Petel

Sen.ª Cejada

THEATRO DONA AMELIA

OLÉ!

Cabo Primero

Chateau-Margaux

Em trez peças, *Chateaux Margaux*, *Cabo primero* e *Monagillo*, apresenta a empresa trez triples de primeira qualidade. Uma é deveras bonita, outra é sympathica e a outra é engraçada, e as trez cantam bem. Que mais querem? Oh! meus senhores, vão gosando essas cotusas, enquanto não vem o imposto... de consumo.

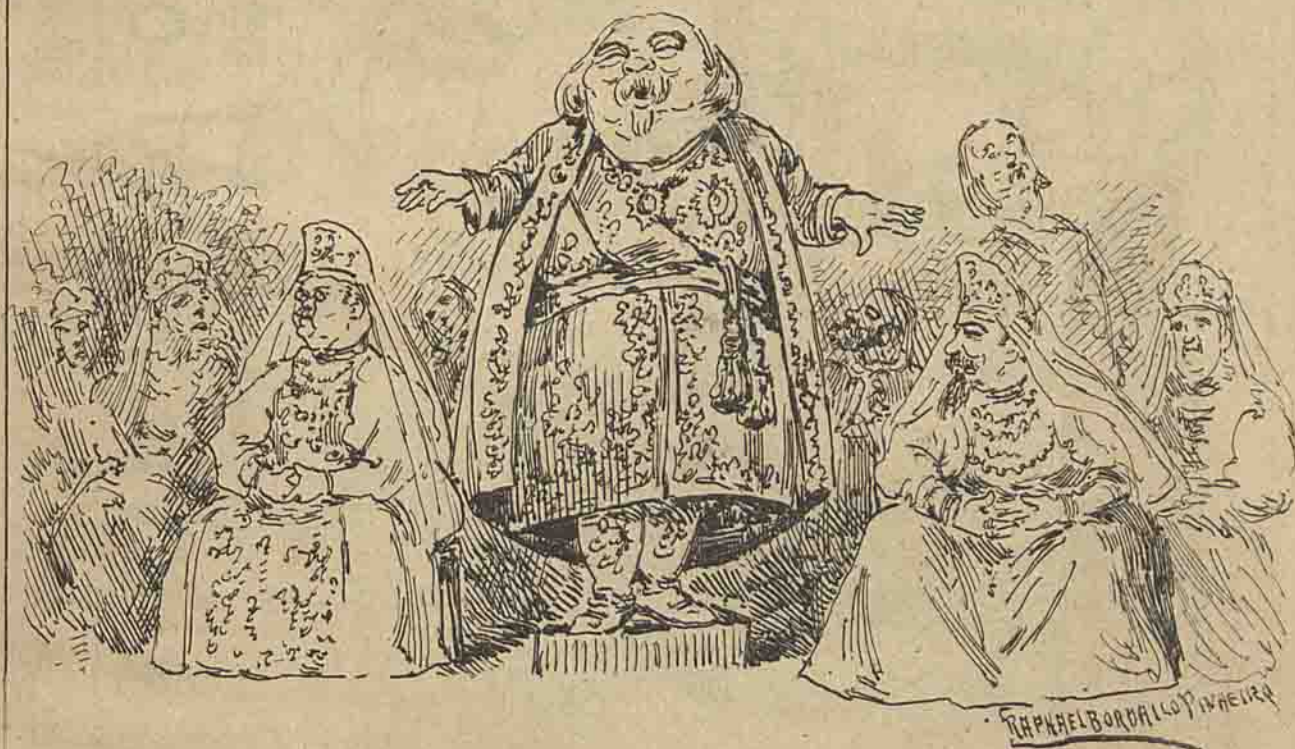
CONTRASTES

CAPELLA RUSSA



No D. Amelia o publico escuta e applaude de pé, o hymno da Carta e esta é que era a moda, que a Rita cantava.

CAPELLA MUNICIPAL



Na Camara Municipal illustres portuguezes cantam ha immenso tempo o mesmo hymno e a mesma moda que a Rita cantou, e o publico ou ouve-os de cocoras, ou não faz caso. D'onde se conclue que para ser portuguez não ha nada como ser... russo.

THEATRO DE D. MARIA

O AMIGO DAS MULHERES



Peça soberba, desempenho soberbo também. Rosa Damasceno, Augusto Rosa, João Rosa e Auguste de Mello desempenharam a primor os seus papeis. A Hydra Theatral que preparara os tacões, teve que encolher as patinhas, com sentimento de varios Garcias lisboetas.

Editor: J. GARCIA DE LIMA.—Sede da Administração: LARGO DO CALHAFIZ 12, 1.^o
 LITOGRAFIA DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA, Largo do Conde Barão.
 IMPRENSA MINERVA, Campo de Santa Clara, 144 a 146.